



RITA CASTRO

UMA PONTE PARA O FUTURO

INTERVENÇÃO NO COMPLEXO MINEIRO DA
PANASQUEIRA

TRABALHO DE PROJETO | ESAP
MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITETURA
JULHO 2019

UMA PONTE PARA O FUTURO

INTERVENÇÃO NO COMPLEXO MINEIRO DA PANASQUEIRA

ESAP . ESCOLA SUPERIOR ARTÍSTICA DO PORTO

MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITETURA 2018/2019

TRABALHO DE PROJETO PARA CUMPRIMENTO DOS REQUISITOS
NECESSÁRIOS À OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM ARQUITETURA

ALUNA: RITA CASTRO . Nº 6668

ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA: PROF. DOUTOR ARQUITETO SÉRGIO MENDES



FOTOGRAFIA 1
INTERIOR DAS MINAS DA PANASQUEIRA (12/4/2019)

Declaro que este Trabalho de Projeto é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

O candidato,

Porto, de de

Declaro que esta Tese se encontra em condições de ser apreciada pelo júri a designar.

O(A) orientador(a),

Porto, de de

AGRADECIMENTOS

À ESAP, pelos cinco anos de aprendizagem e a todos os docentes que fizeram parte do meu percurso académico.

Ao meu orientador, Sérgio Mendes, por todo o empenho, motivação e disponibilidade. Por todos os ensinamentos e conselhos.

À Ângela, ao Francisco, à Francisca e ao Tiago, pela amizade que tornou estes anos de curso mais especiais.

Um agradecimento especial aos antigos e atuais mineiros da Panasqueira, que tiveram paciência e disponibilidade para falar do seu trabalho.

Deixo ainda, uma atenção especial ao Engenheiro Manuel Pacheco e aos seus colegas, pela disponibilidade e pelo acompanhamento na visita às instalações da Mina e às galerias, assim como toda a paciência no esclarecimento das atividades mineiras.

À Câmara da Covilhã e ao Luís Filipe Fiadeiro, do departamento Sistema de Informação Geográfica – SIG, por se ter disponibilizado para me facultar todas as componentes teóricas e gráficas, relativas ao território em estudo.

Ao (avô) Luís Gonçalves, pelo orgulho que sentia pela sua terra natal. Antigo trabalhador das Minas da Panasqueira, a quem devo a honra de hoje conhecer este território “escondido”. Ao Adelino Gonçalves e à Maria de Jesus, por todas as horas dedicadas a contarem, com emoção, a história das minas.

Ao Miguel, um enorme obrigada por contribuíres para que este trabalho fosse memorável, pelas viagens, pelo espírito de entreaajuda, por todas as horas dedicadas.

Aos meus padrinhos e aos meus primos, por toda a dedicação em todas as fases da minha vida. Aos meus avós, pelo apoio constante e pelos sacrifícios passados em prol de uma boa educação.

Ao meu irmão, por toda a compreensão e paciência.

À minha mãe e ao meu pai, não encontro palavras possíveis para demonstrar o meu agradecimento, por todo o esforço constante e apoio incondicional.

Obrigada por tudo.

RESUMO

UMA PONTE PARA O FUTURO

INTERVENÇÃO NO COMPLEXO MINEIRO DA PANASQUEIRA

RITA CASTRO

Palavras-chave: volfrâmio, transformação da paisagem, estratégias de intervenção, complexo mineiro, Minas da Panasqueira, Covilhã, Fundão, património industrial, roteiro das minas.

Assistimos, em várias zonas do nosso país, a uma perda de património industrial, no contexto mineiro, gerado em mais de um século de explorações e trabalho. A riqueza e multiplicidade patrimonial existente nas Minas da Panasqueira, e a ausência de um equipamento representativo, requerem e justificam a criação de um Centro Interpretativo, tão desejado.

Este trabalho pretende lançar as bases de um discurso que possa conduzir à concretização de um projeto para a valorização do património presente nas Minas da Panasqueira, através da implementação de equipamentos culturais (Centro Interpretativo, Centro de Documentação e Investigação Geológica e respetiva construção, comum, de acolhimento geral) e da criação de equipamentos turísticos (restaurante, piscina comunitária com balneários, alojamentos, estacionamento e instalações sanitárias públicas).

Estes equipamentos contribuirão, não só para a conservação e valorização das capacidades da população mineira, mas também, para reforçar a sua identidade. A arquitetura, que surge como um elemento integrante da paisagem, deverá ser capaz de reavivar lugares que se encontram esquecidos no tempo, protegendo-os da sua inevitável degradação, garantindo-lhes, novamente, um futuro. O arquiteto, por sua vez, é um intermediário para projetar algo que pertença a todos, através da procura de meios e instrumentos para que a sua intervenção permita obter este resultado.

ÍNDICE

Introdução	1
Objetivos e Metodologias	5
 CAPÍTULO I	
Contextualização dos Territórios Mineiros	9
1.1 O CONCELHO DA COVILHÃ E AS MINAS EM PORTUGAL	9
 CAPÍTULO II	
Minas da Panasqueira	15
2.1 ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO	15
2.2 O COUTO MINEIRO DA PANASQUEIRA	23
2.3 COMPLEXO MINEIRO. PAISAGENS MINEIRAS, O CASO DA PANASQUEIRA	31
 CAPÍTULO III	
A Problemática da Preservação das Minas da Panasqueira	41
3.1 O CASO DA INTERVENÇÃO NO LOUSAL	43
3.2 O CASO DA INTERVENÇÃO EM MÉRTOLA	51
3.3 O CASO DA INTERVENÇÃO EM SÃO PEDRO DA COVA	59
3.4 ENTRE INTENÇÕES E CONCRETIZAÇÕES	63
 CAPÍTULO IV	
Proposta de intervenção	75
4.1 RECUPERAÇÃO DE UMA HERANÇA PATRIMONIAL MÉTODO	85
4.2 RECUPERAÇÃO DE UMA HERANÇA PATRIMONIAL PROGRAMA	87
4.3 ORGANIZAÇÃO ESPACIAL	91
4.4 POSTURA INTERVENCIONISTA E NÃO INTERVENCIONISTA	109
 Considerações finais	 115
 Referências bibliográficas	 121
Lista e créditos de figuras	127
Anexos	131

INTRODUÇÃO

A exploração mineira em Portugal foi responsável por grande parte da transformação do território rural, onde são claramente visíveis paisagens que evidenciam essa atividade. Na Barroca Grande (Freguesia da Aldeia de São Francisco de Assis) e nas Minas da Panasqueira, antiga aldeia da Panasqueira (Freguesia de São Jorge da Beira), ambos concelho da Covilhã, distrito de Castelo Branco, conseguimos perceber este fenómeno e ver a forma como este se refletiu no território. Isto permite-nos reconhecer o seu valor e a necessidade de preservar o património ainda existente.

Perante este território, esquecido no tempo, este projeto surge com o intuito de valorizar e preservar o complexo das Minas da Panasqueira, visto que, nos últimos anos, temos vindo a assistir ao desenvolvimento de projetos de valorização do património arqueológico/industrial, constituído pelas explorações mineiras abandonadas, ou ainda em atividade. As Minas da Panasqueira denotam uma riqueza patrimonial geológica, histórica e arqueológica.

No que diz respeito a intervenções sobre o património mineiro, já foram realizadas, em Portugal, algumas ações de natureza museológica, nomeadamente no Lousal, em Mértola e, a norte, em São Pedro da Cova.

“Num tempo em que as palavras preservação e património possuem grande importância, é necessário perceber as mudanças que os territórios sofreram ao longo do tempo e como se materializaram na paisagem que hoje conhecemos.”¹

O presente trabalho tem como intenção propor uma estratégia de intervenção que permita contribuir para a valorização da paisagem. Aponta para a criação de equipamentos culturais, de natureza museológica, focado nas técnicas e instrumentos de trabalho próprios da indústria mineira e pretende, ainda, promover uma área destinada a investigação e estudos geológicos, dado o potencial do local e a escassez de condições para se realizarem eventos relacionados com a temática.

1 Françoise Choay, 2006 - *A alegoria do património*. Lisboa: Edições 70, p. 247

A Covilhã é, também, um importante centro turístico. Esta é uma “*região privilegiada de turismo de montanha, especialmente se considerarmos que é o único centro de desporto de neve em Portugal.*”² Por esse motivo, pretende-se, também, apresentar um pré-programa para equipamentos turísticos, de modo a tirar proveito de todo o potencial deste território mineiro.

Este trabalho está organizado em quatro capítulos.

O primeiro capítulo expõe uma reflexão sobre a problemática do património mineiro, gerado em mais de um século de explorações.

O segundo capítulo pretende enquadrar geograficamente e historicamente as Minas da Panasqueira, explicando, inclusivamente, o couto mineiro destas minas.

O terceiro capítulo, por sua vez, concentra-se na problemática da preservação das Minas da Panasqueira, fazendo referência a três casos com intervenção em património mineiro. Aborda, ainda, pequenos excertos, retirados de jornais digitais, relacionados com as intenções inexistentes para as Minas da Panasqueira.

Por fim, no quarto capítulo discutem-se os indícios de suporte do projeto de intervenção, desde o método, ao programa, até à organização espacial. Esboça-se, ainda, uma proposta de recuperação e reutilização dos espaços da mina (com a criação de um trajeto expositivo que possibilite ao público caminhar pelos principais aspetos do trabalho mineiro), complementado com exposições permanentes e temporárias.

2 Inês Pereira da Silva, 2004 - *MEMÓRIA, IDENTIDADE E DESENVOLVIMENTO. UM MUSEU PARA O JAZIGO DA PANASQUEIRA* (dissertação apresentada para a obtenção do grau de Mestre em Museologia), Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, Lisboa, p. 62

OBJETIVOS E METODOLOGIAS

Este projeto surge da necessidade de encontrar respostas relativas à preservação e valorização do património industrial mineiro, presente na região da Beira Interior, mais precisamente, nas Minas da Panasqueira. Este local absorveu a população residente, criando uma cultura própria. A escuridão da mina, o trabalho árduo, a paisagem e a silicose moldaram a identidade de todos os residentes da região.

Este trabalho pretende lançar as bases de um discurso que possa conduzir à concretização de um projeto para a valorização do património das Minas da Panasqueira. Propõe-se que o propósito seja alcançado através da implementação de equipamentos turísticos e da criação de equipamentos culturais, ambos na Aldeia da Panasqueira. Com base no orgulho do trabalho mineiro, deverá erguer-se o **Centro Interpretativo das Minas Da Panasqueira**, que:

- Recolha, preserve e transmita ensinamentos às gerações futuras;
- Informe e exponha matérias e materiais;
- Proporcione a investigação científica, com vista ao desenvolvimento do conhecimento;
- Dinamize a cultura, tomando-se num lugar de estudo, educação e lazer, em cooperação com as escolas;
- Contribua para o aumento do turismo na região;
- Combata o desânimo dos habitantes.

A proposta relativa aos equipamentos turísticos pretende mostrar que o local em estudo precisa de ser dinamizado e a zona escolhida tem todas as qualificações necessárias para albergar este tipo de investimento. No que diz respeito ao equipamento cultural, este vem dar um contributo numa área dotada de património, que, atualmente, apresenta escassíssimas experiências.

Pensadas como equipamentos de carácter sociocultural, da qual a região carece, trata-se de uma iniciativa de âmbito local, mas pretende-se que o seu alcance seja global. Atestando, assim, saberes, competências e memórias de uma atividade que teve centenas de anos de existência no território português e que, atualmente, se encontra em risco de ver fechar as últimas unidades produtivas.

Esta intervenção no complexo mineiro da Panasqueira tem como principal objetivo a ligação (**Ponte**) entre a glória do Passado das Minas e o **Futuro** que se espera que este projeto potencie à região.

"... Volfro há-o onde Deus quer. Dá-vos para o riso?! Ah, vocês do mundo pescam menos que eu de lagares de azeite. Pois fiquem sabendo que à minha bisavó ouviu minha mãe contar que uma vez passou por aqui um homem e lhe aconteceu tropeçar no caminho. Agachou-se a ver o que era e, vai senão quando, perceberam que dizia: Que diabo de terra é esta onde o oiro anda aos pontapés!"³

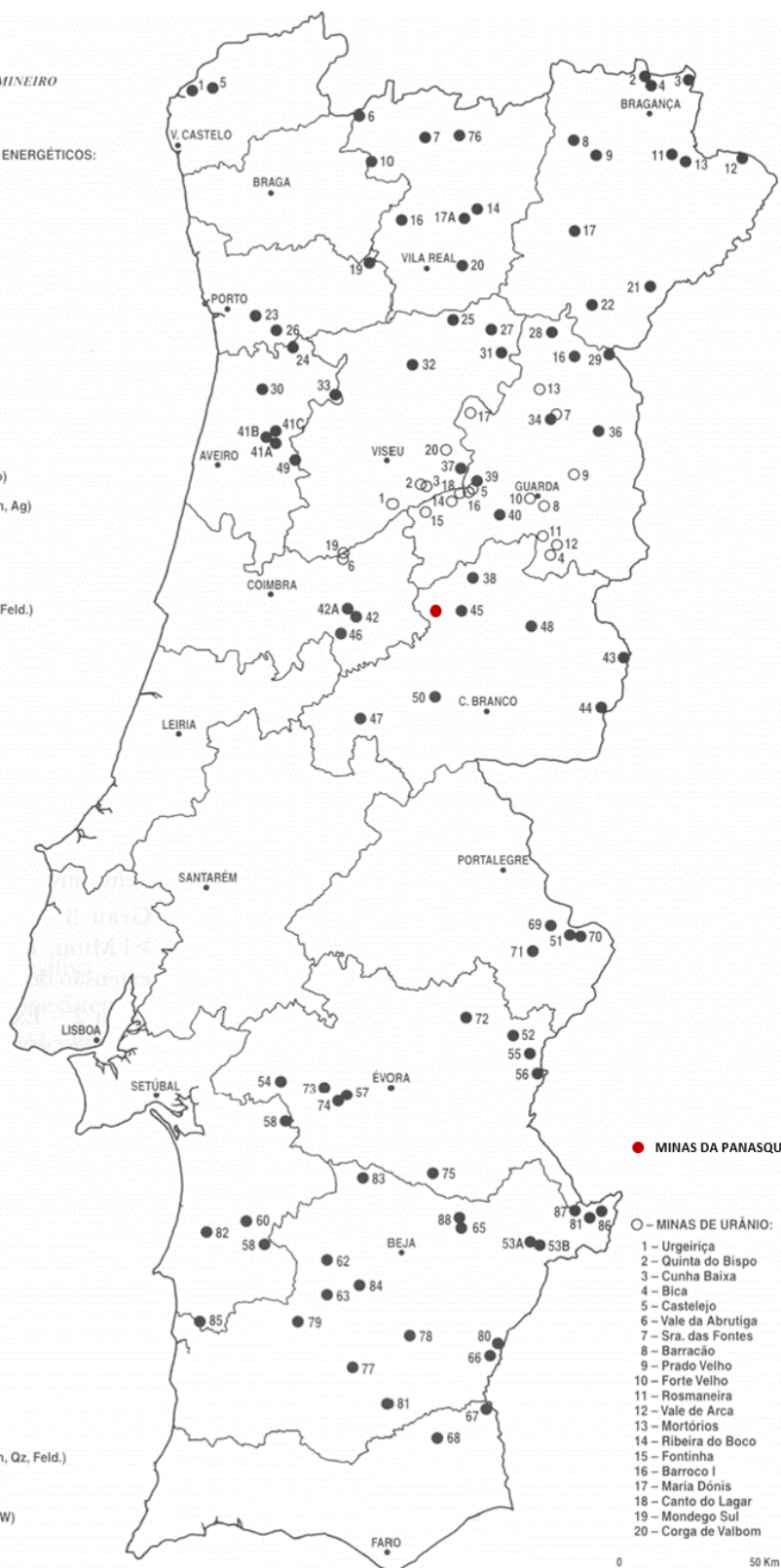
3 Aquilino Ribeiro, 1985 - *Volfrâmio: Romance*. Lisboa: Bertrand Editora, p. 39



INSTITUTO GEOLÓGICO E MINEIRO
MINISTÉRIO DA ECONOMIA

● – MINAS DE MINÉRIOS NÃO ENERGÉTICOS:

- 1 – Castelhão (Sn, W)
- 2 – Montezinho (Sn)
- 3 – Guadramil (Fe)
- 4 – França (Au, Ag)
- 5 – Covas (W)
- 6 – Carris (W, Mo)
- 7 – Bessa (Sn, W)
- 8 – Tuela (Sn)
- 9 – Murços (W, Sn)
- 10 – Borralha (W)
- 11 – Ribeira (W, Sn)
- 12 – S. Martinho (Sn, W)
- 13 – Argozelo (Sn, W)
- 14 – Três Minas (Au)
- 16 – Adória (W, Sn)
- 17 – Freixeda (Au, Ag)
- 17A – Jalles (Au)
- 20 – Vale Das Gatas (W, Sn)
- 21 – Fonte Santa (W)
- 22 – Moncorvo (Fe)
- 23 – S. Pedro da Cova (Carvão)
- 24 – Terramonte (Pb, Zn, Ag)
- 27 – Várzea de Trevões (Pb, Zn, Ag)
- 28 – Freixo de Numão (W, Sn)
- 30 – Pintor (W, As)
- 31 – Penedono (Au)
- 32 – Tarouca (W, Sn)
- 33 – Regoufe (W, Sn)
- 38 – Peixeiro (W)
- 39 – Tapada do Lobo N.2 (Qz, Feld.)
- 40 – Serra de Bois (Sn)
- 41A – Braçal (Pb)
- 42 – Góis – Vale Pião (Sn)
- 43 – Monfortinho (Au)
- 44 – Segura (Ba, Pb, W, Sn)
- 45 – Argemela (Sn)
- 47 – Várzea (Pb, Zn)
- 48 – Mata da Rainha (W, Sn)
- 49 – Talhadas (Cu, Pb, Ag)
- 50 – Sarzedas (W, Sb, Au)
- 51 – Tinoca (Cu)
- 52 – Miguel Vacas (Cu)
- 53A – Preguiça (Zn, Pb)
- 54 – Grou (Sb, Au)
- 55 – Bugalho (Cu)
- 56 – Mociços (Cu)
- 57 – Chaminé (Au, Cu)
- 58 – Caeirinha (Cu)
- 59 – Lousal (Pirite)
- 60 – Caveira (Pirite)
- 61 – Aparis (Cu)
- 62 – Lagoas do Paço (Mn)
- 63 – S. João do Deserto e Algaes (Pirite)
- 65 – Saramaga (Mn)
- 66 – Orada (Fe)
- 68 – S. Domingos (Pirite)
- 67 – Cortes Pereira (Sb)
- 68 – Ferrarias (Cu)
- 28 – Banjas (Sb, Au)
- 34 – Massueime (W, Sn, Li)
- 46 – Escádia Grande (Au, Ag)
- 41B – Covel da Mo (Pb)
- 88 – Azenhas (Fe)
- 73 – Monges (Fe, Py)
- 67 – Botefa (Cu)
- 70 – Azeiteiros (Cu)
- 72 – Mostardeira (Cu)
- 81 – Barrigão (Cu)
- 84 – Juliana (Cu, Mn)
- 77 – Ferragudo (Mn)
- 79 – Montinho (Pirite)
- 80 – Chança (Pirite)
- 85 – Cercal – Rosalgar (Mn)
- 41C – Malhada (Pb)
- 76 – Poço dos Freitas (Au)
- 69 – Balóco (Pb, Cu)
- 86 – Defesa das Mercês (Cu)
- 71 – Sta. Eulália (Sn, W)
- 75 – Algaes (Zn, Pb)
- 83 – Alvito (Fe)
- 78 – Balança (Mn)
- 25 – Sta. Leocádia (W, Pb)
- 15 – Almendra (W, Sn)
- 19 – Vileiros (Sn)
- 29 – Riba de Alva (W, Sn)
- 36 – Ladeira das Vinhas (W, Sn, Qz, Feld.)
- 37 – Raseira (Qz, Feld.)
- 74 – Nogueirinha (Fe, Py)
- 53B – Vila Ruiva (Zn, Pb)
- 42A – Góis – Senhora da Guia (W)



● – MINAS DA PANASQUEIRA

○ – MINAS DE URÂNIO:

- 1 – Urgeirica
- 2 – Quinta do Bispo
- 3 – Cunha Baixa
- 4 – Bica
- 5 – Castelejo
- 6 – Vale da Abrutiga
- 7 – Sra. das Fontes
- 8 – Barracão
- 9 – Prado Velho
- 10 – Forte Velho
- 11 – Rosmaneira
- 12 – Vale de Arca
- 13 – Mortórios
- 14 – Ribeira do Boco
- 15 – Fontinha
- 16 – Barroco I
- 17 – Maria Dónis
- 18 – Canto do Lagar
- 19 – Mondego Sul
- 20 – Corga de Valbom

MAPA 1

MAPA DE LOCALIZAÇÃO DE POLOS MINEIROS EM PORTUGAL

CAPÍTULO 1

Contextualização dos Territórios Mineiros

1.1 O CONCELHO DA COVILHÃ E AS MINAS EM PORTUGAL

*"É de conhecimento geral que as zonas rurais do interior do país se encontram cada vez mais isoladas dos eixos em desenvolvimento ou dos centros urbanos que possuem as infra-estruturas necessárias para apoiar a população (...). Apesar desta temática ser abordada com alguma frequência por parte das mais variadas entidades públicas, o certo é que as medidas tomadas foram pouco ou nada eficazes para a resolução do problema."*⁴

É evidente a necessidade de se criarem intervenções no interior do país, de modo a combater a galopante desertificação que se verifica. As estratégias adotadas devem ser independentes e adequadas a cada território, provando que habitar a paisagem e fazer uso do território é uma forma de prevenir o abandono e o seu estado de decadência.

Em meados do século XVIII, com a evolução da máquina, presenciámos uma era mais industrializada, onde são introduzidos grandes equipamentos, não só nas grandes cidades, mas, como se verificou, também nos meios rurais. Os complexos mineiros são um exemplo disso mesmo.

*"Uma boa parte da exploração mineira em Portugal esteve diretamente ligada a três conflitos internacionais: a Primeira Guerra Mundial, a Segunda Guerra Mundial e a Guerra da Coreia."*⁵ [Dos minérios extraídos]
*"... destaca-se o tungstênio, ou também designado volfrâmio, que foi um elemento químico de origem mineral com notável valor e procura (...). É caracterizado por resistir às altas temperaturas e a capacidade de aumentar a resistência de ligas metálicas, tendo-se tornado uma substância mineral essencial para o fabrico de armas e munições."*⁶

4 Ana Isabel Mota, *A ROTA DO OURO NEGRO. CONSTRUINDO TAMBÉM UM FUTURO RURAL*, trabalho de projeto submetido para satisfação dos requisitos do grau de Mestre em Arquitetura, pela Escola Superior Artística do Porto, Porto, Julho de 2018, p. 19

5 Ana Rita Pinho, *A ROTA DO OURO NEGRO. UM TROÇO DE GUERRA FRIA*, trabalho de projeto submetido para satisfação dos requisitos do grau de Mestre em Arquitetura, pela Escola Superior Artística do Porto, Porto, Julho de 2018, p. 15

6 Ibidem

Portugal chegou a ser considerado um país de grande valor, na ânsia de obter volfrâmio, com explorações concentradas, maioritariamente, no Norte e Centro do país. *"Foi o principal produtor europeu de volfrâmio, E teve um papel significativo num dos maiores conflitos da história, a II Guerra Mundial."*⁷ Destaca-se, assim, o concelho da Covilhã, região em estudo ao longo deste trabalho, uma vez que detém, ainda nos dias de hoje, a maior mina de volfrâmio a nível nacional, as Minas da Panasqueira.

A Covilhã é um território localizado a 245 quilómetros da cidade do Porto. O concelho é fortemente marcado pela sua topografia acentuada e morfologia acidentada, onde se destaca a **Serra da Estrela**. *"A presença dos rios e cursos de água definem a paisagem montanhosa."*⁸ Destes destaca-se o **Rio Zêzere** que, sendo o maior afluente do Rio Tejo, é um dos elementos que caracteriza este território. Estes elementos definem a paisagem natural, que foi, rapidamente, alterada em prol das novas funções que o local recebia. As explorações mineiras foram responsáveis pela transformação de grande parte do território onde se inseriam. As montanhas foram imediatamente cobertas pelas escombreyras da atividade mineira e, desse modo, acabaram por ter um papel muito importante, não só na transformação e no desenvolvimento do território rural, mas também no modo como deram forma à paisagem.

No entanto, verificámos que, se a extração de volfrâmio na Covilhã foi, ao longo de muito tempo, responsável pelo desenvolvimento desta região, o abandono/declínio da extração de minério iniciou um período de desertificação que, efetivamente, deu origem às ruínas que hoje presenciamos neste lugar.

Apesar de, atualmente, vivenciarmos outra realidade, este local assume particular interesse devido às suas componentes históricas e sociais associadas a esta exploração mineira. A vasta diversidade de fenómenos geológicos presentes no local fez com que este se tornasse uma terra com grande interesse em ser explorada, transformando, assim, meras aldeias locais em zonas desenvolvidas e sinónimas de prosperidade e sustento.

7 Lusa, 2013 – "Projecto português cria roteiro turístico europeu em torno das minas de volfrâmio", *Jornal O PÚBLICO*. 22 de Novembro de 2013. (<https://www.publico.pt/2013/11/22/local/noticia/projecto-portugues-cria-roteiro-turistico-europeu-em-torno-das-minas-de-volframio-1613604#gs.0qfbnKwz> - consultado a 20 de Março de 2019)

8 Ana Rita Pinho, 2018 - *A ROTA DO OURO NEGRO. UM TROÇO DE GUERRA FRIA* (trabalho de projeto submetido para satisfação dos requisitos do grau de Mestre em Arquitetura), Escola Superior Artística do Porto, Porto, p. 17

*"No concelho da Covilhã é possível extrair volfrâmio, pedra, areias e argila. Contudo, a importância da indústria extrativa neste concelho advém das emblemáticas **Minas da Panasqueira**, uma das maiores minas de volfrâmio da Europa."*⁹

9 Plural: Planeamento Urbano, Regional E De Transportes, Unipessoal, Lda, 2012 - *RELATÓRIO ESTUDOS DE CARACTERIZAÇÃO DO CONCELHO DA COVILHÃ*. Câmara Municipal da Covilhã, p. 107



PLANTA DE LOCALIZAÇÃO | ESCALA 1:15000

LEGENDA:

- A. PANASQUEIRA (COVILHÃ)
- B. BARROCA GRANDE (COVILHÃ)
- C. ALDEIA DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS (COVILHÃ)
- D. CABEÇO DO PIÃO - RIO (FUNDÃO)

REDE VIÁRIA PRINCIPAL
REDE VIÁRIA SECUNDÁRIA
LINHAS DE ÁGUA
TALUDES



CAPÍTULO 2

Minas da Panasqueira

2.1 ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO

Localizada no concelho da Covilhã, a freguesia de **S. Jorge da Beira** abrigou os primeiros mineiros da Panasqueira e cedeu as suas encostas às primeiras explorações de minério. Ocupa, por isso, um papel de relevo na história mineira e depende dela, até hoje. *"A freguesia de S. Jorge da Beira é a freguesia mais ocidental da Covilhã e foi aquela que registou nas últimas décadas maiores perdas populacionais. (...) Este decréscimo decorre, não apenas do tendencial esvaziamento a que as áreas rurais do interior do país têm assistido, mas sobretudo ao declínio registado na atividade mineira da Panasqueira (...)"*¹⁰

[Por sua vez, a **Aldeia da Panasqueira** (pertencente a S. Jorge da Beira),] *"onde há várias décadas se encontrava uma das frentes de prospeção das minas, é hoje um aglomerado votado ao abandono. O núcleo onde se encontravam as habitações dos mineiros encontra-se em ruínas e no centro da aldeia a generalidade do edificado denota um avançado estado de degradação – entre 1991 e 2001 este aglomerado perdeu praticamente metade dos seus habitantes (...)"*¹¹

[Na freguesia designada **Aldeia de S. Francisco de Assis**,] *"situada no limite sudoeste do concelho, (...) a paisagem (...) é dominada pela atividade mineira que se desenvolve na Barroca Grande. Refira-se aliás que, embora seja a Aldeia de S. Francisco de Assis que confere o topónimo à freguesia, tem sido o lugar da Barroca Grande que assume maior protagonismo, decorrente, naturalmente, de ser aqui que se encontra a frente de prospeção das Minas da Panasqueira (...)"*¹²

Diz-se que a exploração das Minas da Panasqueira teve início em **1896**. Oficialmente, sabe-se que a partir de **1910** passaram a ser tuteladas pela empresa Wolfram Mining & Smelting Co. Ltd

10 Plural: Planeamento Urbano, Regional E De Transportes, Unipessoal, Lda, 2012 - *RELATÓRIO ESTUDOS DE CARACTERIZAÇÃO DO CONCELHO DA COVILHÃ*. Câmara Municipal da Covilhã, p. 217

11 R Plural: Planeamento Urbano, Regional E De Transportes, Unipessoal, Lda, 2012 - *RELATÓRIO ESTUDOS DE CARACTERIZAÇÃO DO CONCELHO DA COVILHÃ*. Câmara Municipal da Covilhã, p. 218

12 Plural: Planeamento Urbano, Regional E De Transportes, Unipessoal, Lda, 2012 - *RELATÓRIO ESTUDOS DE CARACTERIZAÇÃO DO CONCELHO DA COVILHÃ*. Câmara Municipal da Covilhã, p. 190

O período de maior desenvolvimento deu-se durante a 2ª Guerra Mundial, altura em que a procura do volfrâmio era grande, devido à sua utilidade como endurecedor de ligas metálicas para a construção de armas.

Em **1928**, a Mina começou a ser explorada pela empresa Beralt Tin & Wolfram Limited (BTW), até 1979, altura em que passou a designar-se por Beralt Tin & Wolfram Portugal, S.A, por incorporação de capitais nacionais. Ambas as empresas pertenceram a particulares, a banqueiros e a empresas nacionais e estrangeiras, nomeadamente inglesas e atravessaram, como todas, épocas de desenvolvimento alternadas com épocas de crise.

Em Junho de **1944** regista-se uma paralisação das atividades mineiras. A publicação de um novo decreto proibia toda e qualquer exploração e exportação de volfrâmio, originando o encerramento das minas, mantendo apenas os operários suficientes à sua manutenção.

Permaneceram inativas até **1946** e as consequências para a região foram desastrosas. Face a uma agricultura deficiente e à ausência de indústrias, a população vê-se obrigada a emigrar à procura de novas formas de sobreviver. Em **1964**, a Guerra do Vietname proporciona a subida do preço do volfrâmio, no entanto, as crises começaram a aumentar sucessivamente.

*"Em 1994, a mina chegou a estar fechada, em 1998 possuía 211 trabalhadores e, em 2002, esteve seis meses apenas em manutenção. Com o aumento da procura de volfrâmio e do consequente aumento de preço deste mineral, as minas da Panasqueira voltaram a conhecer uma nova fase de revitalização, embora distante da vitalidade de outrora."*¹³

Os acidentes de trabalho, a silicose, a falta de segurança e os salários reduzidos constam de uma lista de fatores que afastam os atuais mineiros e os possíveis interessados na profissão. É de referir que a atual utilidade do volfrâmio não se resume à indústria de armamento. Uma das suas utilizações mais nobres é na indústria elétrica, mais precisamente para os filamentos das lâmpadas.

13 Plural: Planeamento Urbano, Regional E De Transportes, Unipessoal, Lda, 2012 - RELATÓRIO ESTUDOS DE CARACTERIZAÇÃO DO CONCELHO DA COVILHÃ. Câmara Municipal da Covilhã, p. 107

Ainda assim, *“em 2009 possuía 302 trabalhadores. (...)”*¹⁴

Atualmente, ainda labora 24 horas por dia, com três turnos rotativos e é detida pelo grupo Canadian Almonty Industries Inc, que adquiriu 100% das ações ao grupo Sojitz, no início de 2016 e que mudou novamente a sua designação para Beralt Tin and Wolfram (Portugal) SA.

“As instalações mineiras encontram-se actualmente centralizadas na zona da Barroca Grande - Aldeia de S. Francisco de Assis (Covilhã), por onde se faz o acesso à exploração subterrânea, a extracção do minério e o processamento do mesmo. A exploração continua numa área bastante alargada da mina entre os níveis 0 e 3.

*Além do Volfrâmio, as Minas da Panasqueira produzem também concentrados de Cobre e Estanho e são conhecidas mundialmente pelos extraordinários cristais de volframite, apatite, siderite, arsenopirite, marcassite, cassiterite e quartzo.”*¹⁵

As minas estão em funcionamento há mais de 100 anos (...)”.¹⁶

14 Plural: Planeamento Urbano, Regional E De Transportes, Unipessoal, Lda, 2012 - *RELATÓRIO ESTUDOS DE CARACTERIZAÇÃO DO CONCELHO DA COVILHÃ*. Câmara Municipal da Covilhã, p. 108

15 <http://www.aniet.pt/pt/diretorio-de-empresas/beralt-tin-and-wolfram-portugal-s-a/> (consultado a 7 de Junho de 2019)

16 Rosa Soares, 2011 - “Portugal sempre esteve na rota das grandes multinacionais mineiras”, *Jornal O PÚBLICO*. 6 de Novembro de 2011. (<https://www.publico.pt/2011/11/06/jornal/portugal-sempre-esteve-na-rota-das-grandes-multinacionais-mineiras-23357320> - consultado a 18 de Março de 2019)



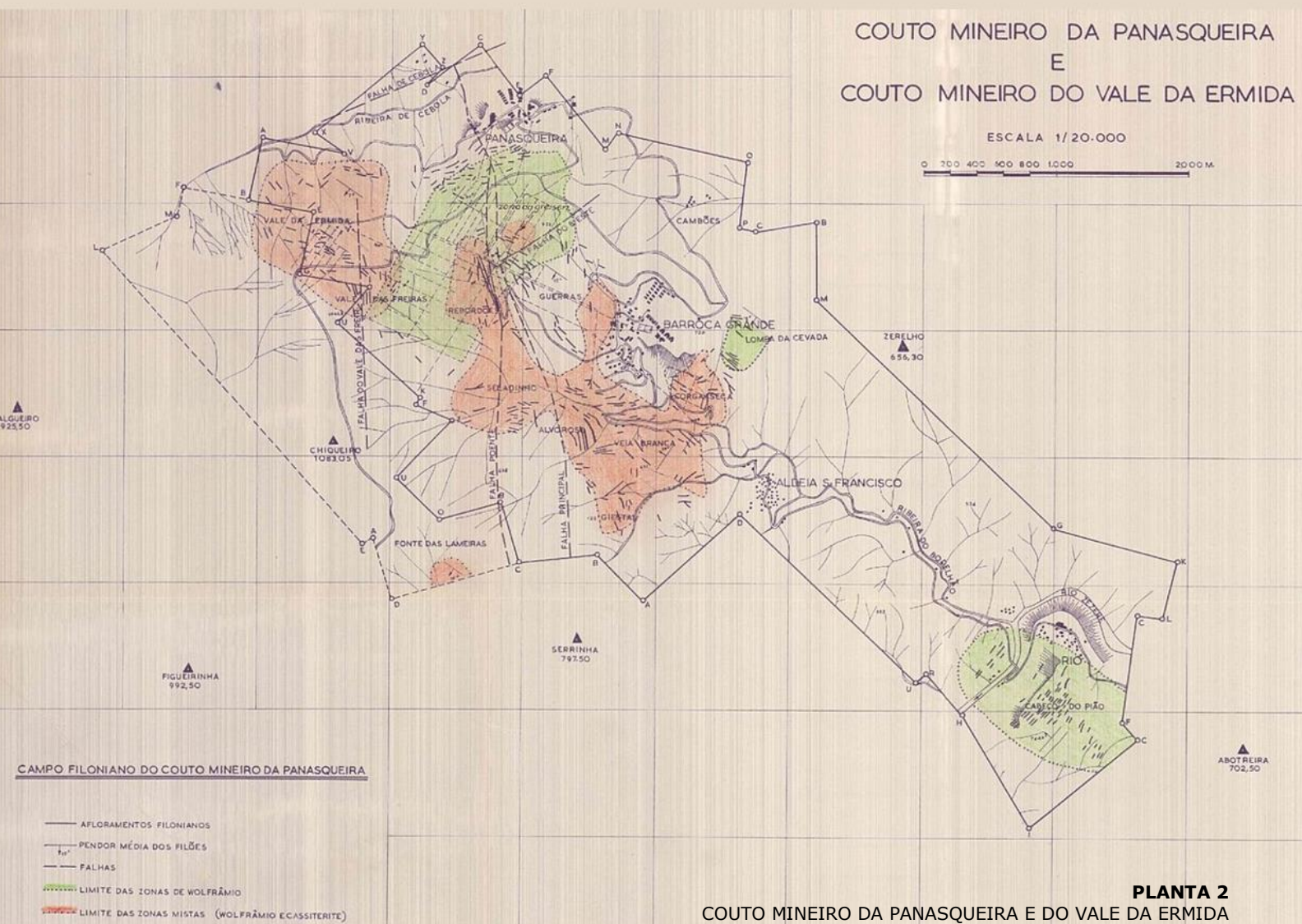


FOTOGRAFIA 2
VISTA GERAL DA PANASQUEIRA - ALDEIA (20/6/2019)

COUTO MINEIRO DA PANASQUEIRA E COUTO MINEIRO DO VALE DA ERMIDA

ESCALA 1/20.000

0 200 400 600 800 1000 2000 M.



Minas da Panasqueira

2.2 O COUTO MINEIRO DA PANASQUEIRA

O património da *"mina da Panasqueira localiza-se na região centro de Portugal, no flanco sul da Serra da Estrela e a poente da denominada "Cova da Beira", que abrange as cidades da Covilhã e do Fundão."*¹⁷ Como referido anteriormente, na sua maior parte, pertence *"à freguesia de Aldeia de S. Francisco de Assis (Barroca Grande) e a S. Jorge da Beira (Minas da Panasqueira - aldeia), concelho da Covilhã. Uma outra parte da concessão localiza-se no concelho do Fundão, denominada "Rio" no lugar do Cabeço do Pião"*¹⁸, situado na margem esquerda do Rio Zêzere, onde se encontram, hoje, ruínas da antiga lavaria de apuramento final (anexo 4).

*"Esta zona foi desanexada do couto mineiro por protocolos entre a empresa e a Câmara Municipal do Fundão, com devida autorização da DGEG – Direcção Geral de Energia e Geologia, e com escritura de doação em Maio de 2007. A actual concessão C-18, de 16 de Dezembro de 1992, tem uma área de 19.135.983 m² e compreende o englobamento de várias antigas concessões (Vale da Ermida, Vale do Muro, Panasqueira, Cabeço do Pião e outras)."*¹⁹

A Aldeia da Panasqueira, origem da empresa das minas que hoje conhecemos pelo nome - Minas da Panasqueira – foi, durante anos, a sede desta exploração mineira. Manuel Vaz Leal (antigo pároco da Aldeia da Panasqueira), refere que foi ali *"que se iniciaram os trabalhos de exploração de minério e que se fez a primeira lavaria, aproveitando a água de duas fontes (...). Assim, quando se iniciou a procura do volfrâmio, o povo denominou a primeira mina de "Minas da Panasqueira".*²⁰

17 Manuel Sousa Pacheco, 2017 - *PANASQUEIRA. Projecto Mineiro atípico* (dissertação submetida para satisfação dos requisitos do grau de Mestre em Engenharia de Minas e Geo-Ambiente), Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, Porto, p. 45

18 Ibidem

19 Ibidem

20 Inês Pereira da Silva, 2004 - *MEMÓRIA, IDENTIDADE E DESENVOLVIMENTO. UM MUSEU PARA O JAZIGO DA PANASQUEIRA* (dissertação apresentada para a obtenção do grau de Mestre em Museologia), Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, Lisboa, p. 67



FOTOGRAFIA 3
ESCOMBREIRAS DA BARROCA GRANDE

Nos dias de hoje, ainda é possível encontramos na Panasqueira, ruínas da lavaria de pré-concentração e todos os serviços de apoio à respetiva indústria.

No entanto, com o aumento de atividade, todo o equipamento relacionado com a lavaria foi transferido para o “Rio”, local chamado à zona, atualmente, designada por Cabeço do Pião, no concelho do Fundão.

Este local foi escolhido uma vez que permitia uma maior extensão, dada a proximidade ao vale do rio Zêzere, que representava a principal via de escoamento de todas as linhas de água da região e era de onde provinha a água necessária ao tratamento mecânico de todo o mineral extraído.

Os resíduos/minerais eram retirados dos filões e, posteriormente, transportados em baldes, através de um sistema de cabos de aço, assente em torres metálicas e roldanas, construído propositadamente ao longo de vários quilómetros (ver fotografia 4 e anexo 4). Na lavaria eram devidamente tratados e separados. Sabe-se que os resíduos, por sua vez, regressavam à origem, onde eram depositados nas escombreyras, atuais montanhas artificiais de “cascalho”, como se pode verificar na fotografia 3.

Até 1944 a Panasqueira deteve o centro da exploração, mas o esgotamento do jazigo/perda do filão obrigou à transferência dos trabalhos para a aldeia da Barroca Grande. Encontrada uma nova área de extração, a Barroca Grande tinha uma vantagem face à Panasqueira: localizava-se mais próxima da lavaria do Rio, o que facilitava todo o processo.

À medida que a exploração ia crescendo, a propriedade do lugar chamado Panasqueira desapareceu, mas o nome ficou sempre associado.



FOTOGRAFIA 4
EQUIPAMENTO INDUSTRIAL NO "RIO", CABEÇO DO PIÃO

*"Minas da Panasqueira é o nome genérico para o conjunto de explorações mineiras, entre o Cabeço do Pião (Concelho do Fundão) e a aldeia da Panasqueira (Concelho da Covilhã), que funcionaram de forma tecnicamente integrada e contínua praticamente desde a sua descoberta há mais de cem anos. Foram aglomeradas numa só entidade administrativa chamada Couto Mineiro da Panasqueira e mais tarde na actual Concessão de Exploração C-18 (...). O ponto mais baixo da concessão mineira situa-se junto ao Rio Zêzere à cota 360m e o mais alto no marco geodésico do Chiqueiro à cota 1086m."*²¹

Em suma, o Couto Mineiro da Panasqueira, no auge da sua atividade, englobava três povoações: Rio, Panasqueira e Barroca Grande, sendo que, desde 1944, é na Barroca Grande que se encontra, até aos dias de hoje, toda a exploração mineira, incluindo a lavaria. É lá que se efetua o escoamento de toda a produção e se recebem todos os abastecimentos indispensáveis à exploração.

21 <http://www.aniet.pt/pt/diretorio-de-empresas/beralt-tin-and-wolfram-portugal-s-a/> (consultado a 7 de Junho de 2019)





FOTOGRAFIA 5

VISTA GERAL DA BARROCA GRANDE – ALDEIA (8/12/2018)



Minas da Panasqueira

2.3 COMPLEXO MINEIRO. PAISAGENS MINEIRAS, O CASO DA PANASQUEIRA.

É certo que a história das Minas da Panasqueira tem vindo a ser contada desde há muitos anos. Refletem melhores e piores fases, todas elas relacionadas com as conjunturas vividas na altura.

Uma vez reconhecida a importância dos minerais existentes no local, rapidamente se dinamizou uma extração exaustiva. O crescimento era sucessivo, conforme a procura e a necessidade na sua obtenção.

Os preparativos da 2ª Grande Guerra proporcionam ao volfrâmio um aumento de cotação. O Eng.º **George Alfred Smith** assume o cargo de diretor até 1946. Durante estes anos as Minas da Panasqueira conhecem um período de grande prosperidade, tendo ficado conhecido como *a época do volfro*: *"durante a II Guerra Mundial as minas chegaram a empregar milhares de pessoas e para fixar mineiros e suas famílias a empresa concessionária, a Beralt Tin & Wolfram, construiu casas, escolas, hospital, piscinas, um complexo desportivo, clubes recreativos"*²² Paragens de autocarros, parques infantis, campos de futebol, uma igreja, uma cantina comum, um armazém de víveres, um cinema, um coreto, até uma messe (para homens solteiros), são alguns dos exemplos que a empresa tinha a oferecer aos seus trabalhadores.

Gerar boas condições seria um dos fatores que iria atrair famílias a escolherem a Panasqueira, não só para trabalhar, mas também para viver. Foi com esse espírito que a direção desenvolveu o que hoje conhecemos.

Como referido anteriormente, era neste local que se realizava toda a extração/lavaria do minério. Chegaram a existir três galerias abertas simultaneamente. A Aldeia da Panasqueira, propriedade integral da BTW possuía, então, um património industrial e urbano. Absorveu a população residente e criou uma cultura própria.

A escuridão da mina, o trabalho árduo, a paisagem e a silicose moldaram a identidade de todos os residentes da região.

²² Inês Pereira da Silva, 2004 - *MEMÓRIA, IDENTIDADE E DESENVOLVIMENTO. UM MUSEU PARA O JAZIGO DA PANASQUEIRA* (dissertação apresentada para a obtenção do grau de Mestre em Museologia), Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, Lisboa, p. 71



PLANTA DE IMPLANTAÇÃO DO EXISTENTE . MINAS DA PANASQUEIRA (ALDEIA) | ESCALA 1.4000

LEGENDA:

- 01. ANTIGA CASA DIRETOR GERAL
- 02. MANUTENÇÃO VAGÕES (DESATIVADO)
- 03. ENTRADA GALERIA 8 (DESATIVADO)
- 04. CINEMA (DESATIVADO)
- 05. CANTINA (DESATIVADO)
- 06. ENTRADA GALERIA 5 (DESATIVADO)

- 07. ARMAZÉM
- 08. CLUBE DA PANASQUEIRA
- 09. CAMPO DE FUTEBOL
- 10. ARMAZÉM
- 11. PARAGEM DE TRANSPORTES (DESATIVADO)
- 12. CORETO

- 13. IGREJA
- 14. MESSE (DESATIVADO)
- 15. LAVARIA (DESATIVADO)
- 16. ESCOLAS (DESATIVADO)
- 17. ENTRADA GALERIA 6 (DESATIVADO)
- 18. PISCINA (DESATIVADO)

- REDE VIÁRIA PRINCIPAL
- REDE VIÁRIA SECUNDÁRIA
- LINHAS DE ÁGUA
- TALUDES
- HABITAÇÕES OPERÁRIAS HABITADAS
- HABITAÇÕES OPERÁRIAS EM RUÍNAS
- TRABALHOS SUBTERRÂNEOS (1993)





01 ESCRITÓRIOS NOVOS



02 ANTIGA CANTINA
ATUAL SUPERMERCADO



03 ESCRITÓRIOS (DESATIVADO)



04 MESSE



05 FARMÁCIA



06 ANTIGO HOSPITAL
ATUAL SANTA CASA MISERICÓRDIA



07 PÓRTICO ENTRADA



08 IGREJA



09 ESCOLA



10 ARMAZÉNS
(BAIRRO DOS MAQUINISTAS)



11 ATUAL ENTRADA DA MINA



VISTA GERAL DA BARROCA GRANDE

Com a passagem da concessão para a Barroca Grande, as condições de habitação oferecidas, anteriormente, na Panasqueira foram igualmente atribuídas. Para além de terem sido erguidos novos, alguns dos equipamentos na Barroca Grande ainda perduram até aos dias de hoje. A aldeia soube adaptar-se aos novos tempos, *"perdeu o hospital, o cinema com duas sessões por semana, as equipas desportivas, mas mantém alguma atividade económica graças aos mineiros. Falar em atividade económica em torno da mina é referir os quatro cafés, um supermercado, um restaurante e uma farmácia. E há ainda a escola, construída de raiz há dez anos, com dez crianças no jardim de infância e 18 no 1.º ciclo."*²³

O mesmo não acontece na Panasqueira. Durante anos, estas minas foram o sustento das populações vizinhas. No entanto, a instabilidade do mercado de volfrâmio deitou tudo a perder.

Para os que ficaram, o cenário é de desolação. A maioria do património urbano está em ruínas e restam muito poucos habitantes. Gente esquecida, que se limita a esperar, porque mais não pode fazer. Todo o património industrial está completamente desativado e abandonado. Restam memórias deste local que acolhe raízes e que nos mostra a evolução desta comunidade que o habituou ao longo do tempo. Sente-se a necessidade de chegar a um acordo entre a memória e o esquecimento, a preservação e a destruição.

A memória testemunha o homem, a sua vida, as suas vontades, os seus sentimentos, os seus pensamentos, os seus medos ... está na altura de olhar para as ruínas da Panasqueira de maneira diferente, é preciso, urgentemente, preservar os bens materiais, caso contrário, continuarão a ser um amontoado de "objetos" mudos e desinteressantes.

É de enorme importância a preservação e valorização do património existente, assim como dos valores identitários da população. Trata-se de procurar um desenvolvimento capaz de inverter uma realidade esquecida atrás de montanhas de areia ocre.

²³ Célia Domingues, 2018 - "Minas da panasqueira ganham nova vida", *Jornal DIÁRIO DE NOTÍCIAS*. 26 de março de 2018. (<https://www.dn.pt/sociedade/reportagem/interior/minas-da-panasqueira-ganham-nova-vida-5095644.html> - consultado a 20 de março de 2019)



PLANTA DE IMPLANTAÇÃO DO EXISTENTE . BARROCA GRANDE | ESCALA 1:4000

LEGENDA:

- | | |
|--|---|
| 01. ESCRITÓRIOS NOVOS | 06. ANTIGO HOSPITAL - ATUAL SANTA CASA MISERICÓRDIA |
| 02. ANTIGA CANTINHA - ATUAL SUPERMERCADO | 07. PÓRTICO ENTRADA |
| 03. ESCRITÓRIOS (DESATIVADO) | 08. IGREJA |
| 04. MESSE | 09. ESCOLA |
| 05. FARMÁCIA | 10. ARMAZÉNS (BAIRRO DOS MAQUINISTAS) |
| | 11. ATUAL ENTRADA DA MINA |

- | | |
|--------------------------|---|
| REDE VIÁRIA PRINCIPAL | — |
| REDE VIÁRIA SECUNDÁRIA | — |
| LINHAS DE ÁGUA | — |
| TALUDES | — |
| HABITAÇÕES OPERÁRIAS | ■ |
| EQUIPAMENTOS INDUSTRIAIS | ▨ |



02 MANUTENÇÃO DE VAGÕES
(DESATIVADO)



03 ENTRADA GALERIA 8 (DESATIVADO)



04 CINEMA (DESATIVADO)



05 ARMAZÉM



06 ENTRADA GALERIA 5 (DESATIVADO)



08 CLUBE DA PANASQUEIRA



09 CAMPO DE FUTEBOL



10/11 PARAGEM/ARMAZÉM (DESATIVADO)



12 CORETO



13 IGREJA



14 MESSE (DESATIVADO)



15 LAVARIA (DESATIVADO)



17 ENTRADA GALERIA 6 (DESATIVADO)



18 PISCINA COMUNITÁRIA (DESATIVADO)



FOTOGRAFIA 7

INTERIOR DAS MINAS DA PANASQUEIRA (12/4/2019)

"...Numa viagem pelas minas abandonadas, fica-se com a imagem da incúria e negligência com que os empresários trataram os processos de encerramento.

Tudo parece ter sido feito à pressa.

Os escombros a céu aberto, os vagões de transporte a meio dos carris (alguns ainda com minério), os ferros retorcidos, no conjunto fazem lembrar os fantasmas dos mineiros que morreram (e foram muitos...) e dos que ficaram a morrer, um pouco por dia, com os pulmões queimados pelo pó..."²⁴

²⁴ Inês Pereira da Silva, 2004 - *MEMÓRIA, IDENTIDADE E DESENVOLVIMENTO. UM MUSEU PARA O JAZIGO DA PANASQUEIRA* (dissertação apresentada para a obtenção do grau de Mestre em Museologia), Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, Lisboa, p. 91



FOTOGRAFIA 8

EXPOSIÇÃO CENTRO DE CIÊNCIA VIVA – LOUSAL

CAPÍTULO 3

A Problemática da Preservação das Minas da Panasqueira

Como refere José M. Brandão, *"a recente evolução dos mercados internacionais e o esgotamento de muitos jazigos determinam, porém, sobretudo nas últimas duas décadas, o encerramento e abandono da maior parte das minas portuguesas, à semelhança aliás, do que se tem vindo a passar em toda a Europa."*²⁵

Ainda que as Minas da Panasqueira estejam a laborar 24 horas por dia, torna-se urgente proceder a um aproveitamento de parte do património que hoje encontramos abandonado, criando estruturas e/ou iniciativas que permitam a sua valorização, à semelhança do que se tem feito com outras minas.

Foram visitadas e estudadas três iniciativas feitas nesse sentido, sendo elas:

- CENTRO DE CIÊNCIA VIVA DO LOUSAL – MINA DE CIÊNCIA . **LOUSAL** (ALENTEJO)
- CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E ROTA DO MINÉRIO DA MINA DE SÃO DOMINGOS .
MÉRTOLA (ALENTEJO)
- MUSEU MINEIRO CASA DA MALTA . **SÃO PEDRO DA COVA** (GONDOMAR)

²⁵ Inês Pereira da Silva, 2004 - MEMÓRIA, IDENTIDADE E DESENVOLVIMENTO. UM MUSEU PARA O JAZIGO DA PANASQUEIRA (dissertação apresentada para a obtenção do grau de Mestre em Museologia), Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, Lisboa, p. 91



A Problemática da Preservação das Minas da Panasqueira

3.1 O CASO DA INTERVENÇÃO NO LOUSAL (ALENTEJO)

"Ouse e entre amigo. Ilumine a mente com a escuridão do olhar. Não são de cobre, prata ou ouro os minérios que aqui tem; são tesouros de Saber, em galerias que percorrem as encruzilhadas do cérebro. Nesta mina explora-se ciência e extrai-se conhecimento. Trocámos silêncio e trevas, pelo deslumbramento da curiosidade, pelo encanto da experiência, pelo espanto da descoberta. Do real ao virtual, misturámos sensações e baralhámos sentidos. Confuso? Venha vibrar também. Que nos valha Sta. Bárbara!"²⁶

É deste modo que o Centro Ciência Viva do Lousal – Mina de Ciência se apresenta a quem o visita. Este está instalado num edifício outrora associado à atividade mineira e onde funcionavam o gabinete de Geologia, o Armazém do Óleo, a Casa do Ponto, a Casa das Lanternas, a Casa dos Equipamentos de Trabalho e o Balneário. O edifício sofreu algumas adaptações para funcionar como espaço de divulgação da cultura científica e tecnológica, dispondo hoje de diversas valências: áreas expositivas, módulos interativos, gruta virtual, laboratório, auditório e espaços recreativos.

Esta intervenção nas Minas do Lousal, nas quais se extraía pirite, surge através de dois projetos, sendo eles:

- PROGRAMA OPERACIONAL DA REGIÃO DO ALENTEJO, cofinanciado pela união europeia feder – entidade responsável fundação Frédéric Velge.
- PROGRAMA INALENTEJO 2007-2013 PROJETO AMPERE – MEMÓRIA E CIÊNCIA VIVA – arqueologia mineira e património elétrico como recursos educativos no âmbito do fundo europeu de desenvolvimento regional.

Inclusivamente, o Grupo Português da ProGEO – Associação Europeia para a Conservação do Património Geológico - atribuiu ao município de Grândola, o prémio GEOCONSERVAÇÃO 2013, pela iniciativa "Aldeia Mineira do Lousal: um exemplo de sucesso na reabilitação do património geomineiro da Faixa Pitoresca Ibérica"

²⁶ Texto retirado durante a visita da exposição



No Centro Ciência Viva do Lousal podemos encontrar quatro áreas dinâmicas

1. ÁREA EXPOSITIVA/LABORATÓRIO (pisos 0 e 1 – edifício principal)
2. ÁREA DE RECURSOS EDUCATIVOS (edifício novo)
3. RECUPERAÇÃO ANTIGA CENTRAL ELÉTRICA PARA EXPOSIÇÃO DE MAQUINARIA
4. ZONA EXTERIOR COM VISITA AO INTERIOR DA MINA

No geral, o percurso expositivo está muito bem pensado, tanto o seu percurso interior como exterior. Todos os acessos estão preparados para pessoas com mobilidade reduzida, através da utilização de rampas e, inclusivamente, foi criada uma estrutura exterior que garante o acesso entre todos os pisos, quer por escadas, quer por elevador.

O edifício principal, como referido em cima, outrora associado à atividade mineira e onde funcionavam uma série de serviços, sofreu algumas adaptações. No entanto, é notório um aspeto muito positivo, a tentativa de manter o aspeto visual inicial, ainda visível nas antigas construções da mina. Utilizaram, de modo idêntico, tijolo à vista, juntamente com ferro.

Dentro deste polo principal (onde se encontra a receção, no piso 0) encontramos uma zona orientada a explicar a história da mina, desde a sua evolução ao minério extraído. Expõe os anos de vida da mina do Lousal e faz referência a vários rostos marcantes do local, desde administradores, a trabalhadores. Para além disso, faz parte da exposição a explicação do projeto e dos apoios implementados no local. Tirando pequenos pormenores menos conseguidos, nomeadamente, um problema de ressoados no átrio da entrada, numa zona subterrânea, envidraçada, criada propositadamente para se expor uma maquete alusiva. Por este problema, é impercetível a sua visualização.

No entanto, depois deste momento, o percurso da visita inicia-se, então, entrando numa simulação de uma galeria de extração (gruta virtual com efeitos sonoros), por onde o visitante deve, obrigatoriamente, passar. Esta ideia resulta muito bem e desperta a atenção do visitante, qualquer que seja a sua faixa etária.



Somos encaminhados para uma zona que nos faz refletir, de um modo interativo, sobre o impacto que os minérios têm nas nossas vidas. *"Lembra-se dos célebres "carochas"? Usamos coisas, muitas coisas, chamamos-lhes "nossas" e damos como adquirido que elas existem para as usarmos e pronto. Recursos metálicos, não-metálicos, hidrocarbonetos.... são dádivas da Terra, georecursos. O que sobraria sem eles?"*²⁷

Saindo da exposição dos carochas, pelo exterior, somos encaminhados para visitar uma construção nova, ainda associada à cota do piso 0, destinada a visitas escolares e famílias com crianças (também aberta ao restante público). De seu nome **HOME SAPIENS**, é um espaço que privilegia a tecnologia e a sua interação com quem a visita, mostrando o impacto e o uso que damos aos minérios, no nosso dia a dia e na nossa casa.

É constantemente notório que o investimento do museu contemplou todas as fachas etárias.

Ainda no exterior, encontramos uma nova entrada que encaminha para um espaço, adaptado de um antigo balneário (com ligação ao piso inferior do edifício principal), destinado a mostrar uma série de estudos laboratoriais, relacionados com a atividade mineira. Fazem referência a várias minas no país e está mais orientada a estudantes do ensino básico e secundário, uma vez que destaca muitos conteúdos das áreas de química e física.

*"Sujos, suados e cansados pelo trabalho na mina, durante muitas décadas aqui tomaram banho várias gerações de mineiros do Lousal que, com as suas mãos calejadas, esventraram a Terra e exploraram as suas riquezas minerais. Para todos nós! Hoje já não corre água nestes chuveiros; trocámo-la por luz e vontade de aprender. Aqui se fala agora de Ciência, de Tecnologia e de desafios à sua curiosidade. Em cada um dos módulos que vai explorar, será este o novo "banho" que este antigo balneário tem para lhe oferecer."*²⁸

Neste espaço utilizaram uma antiga instalação de águas como suporte à instalação elétrica, aspeto muito interessante, que nos permite ter uma referência histórica da construção utilizada, ajudando a vivenciar o espaço expositivo de uma maneira muito própria.

27 <https://www.lousal.cienciaviva.pt/sem-terra-nao-ha-carochas/> (consultado a 11 de Junho de 2019)

28 Texto retirado durante a visita da exposição



De seguida, temos oportunidade de entrar numa zona onde está exposta uma coleção de vários minerais extraídos (exposição temporária 1), da maioria das minas portuguesas e um pequeno auditório (também com acesso pelo exterior). Acedendo ao piso superior (do edifício principal) presenciamos uma zona, à qual chamam MINA P'RA GENTE PEQUENA, uma área apenas destinada a grandes grupos (escolares), onde a experiência da mina está adaptada a crianças.

Um investimento muito curioso e interessante, que dinamiza e potencia muito mais o projeto. São inexistentes propostas idênticas noutros centros expositivos.

Por fim, a visita termina percorrendo a zona exterior do complexo, sucedendo uma visita ao interior da mina – cerca de duas horas de duração. Foram criados percursos/passadiços para permitir uma visita guiada, onde inicialmente nos é explicado o património industrial exterior restante, como por exemplo: armazéns, malacate, lagoas. As atuais lagoas, património natural, eram locais de depósito de material inerte que, com o abandono da exploração e, conseqüentemente, com a água das chuvas, surgiram. As suas cores distintas devem-se à diferente composição química dos materiais inertes existentes no fundo das lagoas, sendo eles: cobre (vermelho) e enxofre (azul/verde).

É proporcionada, então, a entrada na galeria Valdemar, que foi devidamente alterada e preparada para este novo uso. No seu interior podemos, ainda, presenciar pequenos vestígios de pirite e encontrar maquinaria cedida por outras minas, que neste momento desempenham apenas uma função expositiva. É explicado que não foi possível expor a maquinaria da própria mina, uma vez que esta se encontra no último nível de exploração, estando, por isso, atualmente inacessível. Este projeto iniciou-se vários anos após o fim da concessão, o que explica que não tenha sido possível expor a última maquinaria utilizada no Lousal.

Dentro da galeria, nas antigas salas de explosivos, temos expostos alguns minerais extraídos da mina, ferramentas mineiras e fotografias desta atividade.

O planeamento da visita está muito bem conseguido, a explicação dada pelo guia é muito esclarecedora. Verifica-se, ainda, um especial cuidado em preparar a galeria, aproveitando espaços existentes (salas de explosivos) para expor conteúdo de interesse.



FOTOGRAFIA 11

RUÍNAS DA MINA DE SÃO DOMINGOS (ALENTEJO)

A Problemática da Preservação das Minas da Panasqueira

3.2 O CASO DA INTERVENÇÃO EM MÉRTOLA (ALENTEJO)

[A Mina de S. Domingos é uma localidade situada 17 km a leste de Mértola, no Baixo Alentejo. Encontramos um] *"complexo mineiro instalado no século XIX para a exploração de uma mina de pirite cuprífera (...). Os principais elementos extraídos durante a exploração moderna, entre 1854 e 1966, foram o cobre e o enxofre. Inclui as zonas urbanas da Mina de S. Domingos, Moitinha, Achada do Gamo e Pomarão, a zona de extracção na Mina de S. Domingos, zonas industriais na Mina de S. Domingos, Moitinha e Achada do Gamo, o caminho de ferro Mina-Pomarão com as estações e as obras de arte (túneis e pontes), o porto fluvial do Pomarão e a Palanqueira (margem direita do Guadiana) (...) Depois do encerramento da mina o equipamento foi desmantelado e vendido, restando hoje a paisagem marcada pela actividade mineira e pela drenagem ácida."*²⁹

Após a falência da empresa que administrava as minas: Mason & Barry em 1968, o património edificado que restou foi abandonado e vandalizado, e tem vindo, progressivamente, a dissipar-se. Na aldeia existem algumas ruínas de estruturas, nomeadamente das oficinas ferroviárias e uma lagoa de águas ácidas (a corta) carregada de minérios, um Centro de Documentação, uma exposição permanente na Casa do Mineiro e uma zona expositiva num antigo Cineteatro. O local mais interessante encontra-se a cerca de 3 km a sul, na Achada do Gamo. À semelhança das Minas no Lousal, nas Minas de São Domingos existiram projetos de salvaguarda e dinamização do património.

[A **Fundação Serrão Martins** é] *"uma instituição sem fins lucrativos cujo objetivo é a proteção, a conservação, a valorização e a divulgação dos valores patrimoniais da Mina de São Domingos e do seu complexo mineiro, assim como, a promoção das potencialidades destes valores patrimoniais e a sua utilização em prol do desenvolvimento das populações locais. (...) Foi constituída em 2004 pela Câmara Municipal de Mértola e pela empresa La Sabina."*³⁰

29 <http://www.roteirodeminas.pt/local.aspx?v=efa73e7f-4648-49a8-ba61-3ea754fd4722> / (consultado a 11 de Junho de 2019)

30 <https://www.fundacaoserraomartins.pt/index.php?id=apresentacao&lang=pt/> (consultado a 11 de Junho de 2019)



FOTOGRAFIA 12

RUÍNAS DA MINA DE SÃO DOMINGOS (ALENTEJO)

É promotora/entidade parceira de vários projetos de salvaguarda do património da Mina de S. Domingos, nomeadamente:

- PIP – PROJETO INTEGRADO DE SALVAGUARDA DO PATRIMÓNIO DE MÉRTOLA
Valorização e dinamização do património material e imaterial de Mértola.

“Promoveu a realização de um conjunto muito vasto de ações em 4 eixos fundamentais:

Eixo 1 | Preservação e valorização

Eixo 2 | Dinamização e desenvolvimento local

Eixo 3 | Conhecimento, inovação e tecnologia

Eixo 4 | Promoção e comunicação.”³¹

- PROGRAMA INALENTEJO 2007-2013 PROJETO AMPERE

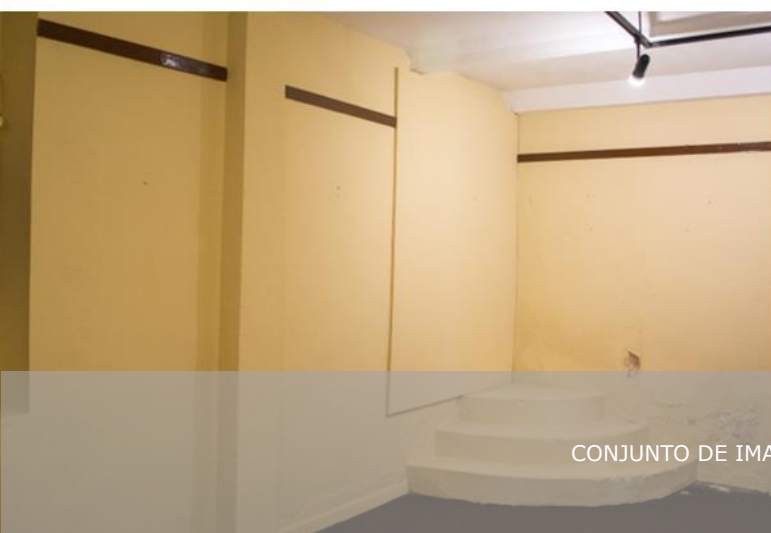
“Em parceria com o Campo Arqueológico de Mértola e a Associação de Defesa do Património de Mértola.”³²

Como referido, neste local podemos encontrar uma exposição permanente, a **casa do mineiro**, onde se insere a sede da Fundação Serrão Martins e, ainda, uma **zona de exposições**, adaptado de um antigo cineteatro. O **espólio exterior urbano e industrial**, também fazem parte do núcleo expositivo, com recurso a pequenos painéis informativos de todos os espaços/pontos de interesse relacionados com este património. Os percursos (urbano e industrial) estão sinalizados e dispõem de elementos interpretativos nos pontos de interesse assinalados, pelo que pode ser visitado sem acompanhamento de guia.

O motivo é porque a página da internet da Fundação Serrão Martins se encontra muito pormenorizada e bem detalhada, o que facilita ao interessado a compreensão prévia do local. No terreno, o mesmo não acontece, a informação é escassa e não existe ninguém que refira um programa pré-definido da visita nem um guia para o efeito. É fornecido um mapa da zona, bem conseguido, com todos os pontos de interesse, tendo, assim, o visitante, a liberdade de interpretar e de escolher o seu percurso, como bem entender.

31 <https://www.fundacaoserraomartins.pt/index.php?id=projetos-de-salvaguarda-e-dinamizacao-do-patrimonio> / (consultado a 11 de Junho de 2019)

32 <https://www.fundacaoserraomartins.pt/index.php?id=projetos-de-salvaguarda-e-dinamizacao-do-patrimonio> / (consultado a 11 de Junho de 2019)



Apesar de, na página das Minas de São Domingos, ser feita referência à fundação responsável, o primeiro contacto do visitante, no local, é o antigo cineteatro (que se sabe que foi adaptado para um museu, devido aos placares informativos), no entanto, no local não existe mais nenhuma indicação para o ponto de informação/receção/sede da fundação. Apenas se sabe da sua existência a partir da consulta do site. Isto leva a que, muitas vezes, os visitantes, não tenham acesso ao mapa do programa, ficando sem uma noção geográfica da implantação de todo o espólio.

Sabendo da existência da fundação, é possível visitar o primeiro ponto de interesse: a **casa do mineiro**. Um espaço reconvertido em receção e simulação do interior de uma habitação (de um mineiro e seus familiares).

Tendo acesso ao tal mapa (anexo 10) e a todas as indicações, é possível iniciar a visita, ainda que livre, mas com suporte. A partir deste momento, todo o **espólio exterior urbano e industrial** é facilmente visitável. Todos os pontos estão devidamente identificados e documentados, com uma breve noção das suas anteriores funções. O percurso inclui passagem por edifícios/ruínas que retratam aspetos importantes da dinâmica social da época auge da exploração mineira.

No circuito urbano podemos encontrar: Cineteatro, Jardim e Bairro dos Ingleses, Bairros Operários; Latrina; Cemitério dos Ingleses; Casa do Mineiro; Igreja de S. Domingos; Praia Fluvial. Por sua vez, no circuito industrial podemos encontrar: Corta da Mina (lagoa com águas ácidas); Cais do Minério; Malacate; Oficinas; Estação da Moitinha; Achada do Gamo.

Desde o início das atividades de mineração na Mina de São Domingos, a Achada do Gamo foi o centro das atividades metalúrgicas sobre os minérios extraídos. Agora, presenciamos uma decrépita fábrica de enxofre, acessível através de uma estrada de terra batida, onde a sinalização não é a ideal e que não é fácil encontrar.

O percurso até à Achada do Gamo, quase todo em solo árido, passa junto a alguns pontos de água e zonas rochosas, tudo manchado com as tonalidades mais invulgares.

Presenciamos uma paisagem industrial bela e decadente. Surge, então, ao longe, do lado esquerdo, vultos irregulares de duas torres. É difícil descrever toda a impressão que causa aquele lugar. A aridez, as cores, o vento e o silêncio. Sobretudo o silêncio. Ali é terra-de-ninguém, contaminada.



FOTOGRAFIA 13

RUÍNAS DA MINA DE SÃO DOMINGOS (ALENTEJO)

Edifícios meio desfeitos, estruturas expostas, tons da pedra manchados pela ferrugem. Parece que estamos noutro mundo...

O património encontra-se em claro estado de decadência. Percebe-se que tal sucede devido à elevada dimensão que ocupa, o que inviabiliza qualquer intervenção de recuperação/reabilitação. Os custos poderiam ser muito elevados, por isso, acredito que esta foi a escolha acertada para este caso porque, ainda assim, são ruínas que não estão no esquecimento. Qualquer um que as visite consegue ler e sentir um pouco da sua história.

Relativamente à **zona de exposições** (num antigo cineteatro), verifica-se um aspeto negativo quanto ao horário de funcionamento. Para além de reduzido, encontra-se errado no endereço eletrónico, que é a maior fonte de informação do local.

Este espaço está, em minha opinião, muito mal pensado, quer a nível de adaptação dos espaços, quer a nível da configuração/características da exposição. O átrio de entrada tem uma área generosa e está bem dinamizado, no entanto, quando nos aproximamos da área de exposição, encontramos um segundo espaço, vazio, apenas com uma porta estreita ao fundo. Este local dá a entender que seria a zona de acesso à área da plateia, com duas entradas idênticas e que, conforme estão, não beneficiam o espaço.

Deparamo-nos, então, com uma área de visualização/vídeo (antigo palco e respetiva plateia) e uma área destinada a expor toda a história destas minas. Os painéis descritivos encontram-se muito bem elaborados, com boa visibilidade e um texto sucinto. Os equipamentos/utensílios expostos foram bem selecionados e seguem as orientações dos painéis, o que facilita a sua compreensão.

O tema da exposição: "*POR TERRAS DO CHAPÉU DE FERRO*" mostra-nos conteúdo relativo a um antigo hospital e farmácia das Minas e expõe temas relativos a cultura, lazer e trabalho. A configuração do espaço não permite uma melhor organização do seu todo, o que acaba por não dar a melhor sensação ao visitante. Para além disso, este espaço denota não ter tido um grande investimento, nem ter, agora, uma boa manutenção, uma vez que o mesmo mostra uma grande degradação em várias paredes. Tem, ainda, uma plateia generosa e uma tela de grandes dimensões, no entanto, não é usada para projeção e, em vez disso, foi colocada uma pequena televisão que reproduz um conteúdo muito interessante, mas que, só por isso, não beneficia em nada a experiência.



FOTOGRAFIA 14

EXPOSIÇÃO NA CASA DA MALTA, EM SÃO PEDRO DA COVA

A Problemática da Preservação das Minas da Panasqueira

3.3 O CASO DA INTERVENÇÃO EM SÃO PEDRO DA COVA (GONDOMAR)

*"Instalado na antiga Casa da Malta que servia de alojamento aos operários das minas de carvão de São Pedro da Cova oriundos de outras localidades do país, (...) o Museu Mineiro de São Pedro da Cova tem como missão valorizar, dinamizar e divulgar o património mineiro e geológico de São Pedro da Cova."*³³

O Museu resulta de uma adaptação da Casa da Malta, local onde os operários, provenientes de outras regiões do país, pernoitavam durante a semana, regressando às aldeias em dias de descanso.

A exposição encontra-se organizada em dois pisos.

No piso inferior, presencia-se uma exposição permanente, onde vários painéis explicam, cronologicamente, a história desta mina e deste local. Existe, inclusivamente, uma simulação de uma galeria de extração, por onde o visitante pode passar, sendo encaminhado para a outra zona de exposição. Aqui, foi implantada uma maquete de grandes dimensões, onde é visível a extensão do complexo da mina. Vestuário e instrumentos de trabalho também estão presentes. Encontramos, ainda, documentação antiga e fotografias da atividade do local, dos diferentes equipamentos e das pessoas que o habitavam.

No piso superior, apenas destinado a exposições permanentes, encontramos uma exposição fotográfica de Mário Sousa, intitulada: *"Complexo Mineiro De São Pedro Da Cova, um berço a preservar..."*

Na entrada deste edifício, existe um pequeno centro de documentação, destinada a apoiar qualquer interessado nesta área, uma vez que dispõe de um arquivo empresarial da companhia das minas de carvão, documentos audiovisuais e documentação variada.

³³ <http://museumineirosaopedrodacova.blogspot.com/> / (consultado a 11 de Junho de 2019)

Em geral, a adaptação desta antiga casa da malta mostra ser um espaço que não recebeu muito investimento, ainda assim, evidencia que há quem se esforce por mostrar/investigar esta Mina e espalhar a sua história com muito carinho. A iniciativa de ter exposições temporárias dinamiza o edifício e permite que este se dê a conhecer através das mesmas.

O espaço destinado foi bem-adaptado às suas novas funções. O facto de ter sido mantido o pavimento torna o local mais intimista e peculiar. Os vãos existentes estão muito bem controlados, permitem uma grande entrada de luz e, se não for essa a intenção, possuem um mecanismo de blackout. Assim, o espaço fica apto a adaptar-se a qualquer tipo de exposição.

No que diz respeito à exposição permanente, o conteúdo exposto demonstra estar muito bem selecionado. O percurso, ainda que pequeno, é dinâmico. O visitante fica curioso com todas as legendas e vê com gosto todas as imagens do local e das suas atividades. É perceptível que o espaço foi pensado de um modo cuidado.

A Problemática da Preservação das Minas da Panasqueira

3.4 ENTRE INTENÇÕES E CONCRETIZAÇÕES

Em analogia com a recuperação destes espaços mineiros em Portugal, também nas Minas da Panasqueira se torna urgente criar um conjunto de equipamentos sociocultural. Suscetíveis de reconhecimento do valor memorial, identitário, educativo e turístico, que as minas escondem. Várias são as entidades que já provaram esse interesse, no entanto, até agora, não se verificou qualquer tipo de intervenção, nem tão pouco de investimento.

Já desde 2005 se soube que a Câmara Municipal do Fundão pretendia lançar uma fundação para valorizar o património da Panasqueira, envolvendo os outros dois concelhos que partilham aquele território, Covilhã e Pampilhosa da Serra e todas as entidades públicas e privadas, direta ou indiretamente ligadas ao couro mineiro. Esta ideia resultou do encontro entre especialistas internacionais, *"realizado no âmbito da rede Europa Mines, no concelho fundanense, no Cabeço do Pião, onde está em execução o Projecto Rio - numa zona que deixou de ter actividade mineira há mais de dez anos e que está a ser transformada em complexo turístico."*³⁴ A estrutura/fundação, sugerida pela própria câmara, foi encarada como uma boa solução para recuperar o território com património abandonado. Uma vez que vários concelhos detêm uma parte deste património, *"será necessário estabelecer parcerias, uma cooperação"*, diz Paulo Fernandes, presidente da Câmara Municipal do Fundão. Este projeto, orçamentado em dois milhões e meio de euros, iria continuar a ser executado, independentemente da fundação. A antiga lavaria ia ser reconvertida num parque temático e este empreendimento, que representava um investimento de um milhão e 400 mil euros, estaria em fase de adjudicação.

No local onde iriam ser implementadas estas intenções, no Cabeço do Pião – Fundão, havia um bairro mineiro e hoje há um sítio fantasmagórico, feito de casas abandonadas e instalações industriais carcomidas pela ferrugem. *"Um sítio em que foram enterradas centenas de milhares de euros num projecto de musealização interrompido quase à nascença, em 2008."*³⁵ (anexo 5).

34 Sandra Invêncio, 2005 - "Fundão pretende lançar fundação para valorizar património da Panasqueira", *Jornal O PÚBLICO*. 14 de Julho de 2005. (<https://www.publico.pt/2005/07/14/jornal/fundao-pretende-lancar-fundacao-para-valorizar-patrimonio-da-panasqueira-30157> - consultado a 20 de Março de 2019)

35 José António Cerejo, 2010 - "San José não parou a Panasqueira", *Jornal O PÚBLICO*. 23 de Outubro de 2010. (<https://www.publico.pt/2010/10/23/jornal/san-jose-nao-parou-a-panasqueira-20465617> - consultado a 20 de Março de 2019)

Em 2013 foi notícia no Jornal O PÚBLICO, que um projecto português estava a criar um roteiro turístico europeu, em torno das minas de volfrâmio. Iniciativa do Instituto de Ciências Empresariais e do Turismo do Porto, tinha a adesão de várias minas portuguesas e ia ser alargado a outros países.

Um projeto português que se propunha criar um itinerário cultural europeu a partir das minas de volfrâmio, *"transformando antigas explorações mineiras em polos de atração turística numa rota que percorrerá vários países da Europa."*

*"Este projeto **"Rotas do Volfrâmio na Europa – Memória dos Homens e Património Industrial"** foi apresentado em Bragança, onde a CORANE – Associação de Desenvolvimento dos Concelhos da Raia Nordeste, será uma parceira da iniciativa."*³⁶ A ideia foi desenvolvida durante dois anos e resultou de um desafio lançado pelo Instituto Europeu dos Itinerários Culturais do Conselho da Europa, para a construção de uma rota que sinalize o património industrial no Norte de Portugal, explicou o coordenador Luís Ferreira.

*"Entendemos que o Volfrâmio e as minas têm uma representatividade significativa no território e, neste contexto, desenhou-se um projecto que pretende, sobretudo, preservar um património que se vai perdendo e que está muito na memória dos homens, importa recolher esta memória, estes depoimentos, porque as gerações que trabalharam nas minas estão a desaparecer", explicou."*³⁷

Há mais de três décadas que a maioria das explorações mineiras estão desativadas, mas ficaram as memórias e o património. Este projecto quer recuperá-lo e transformá-lo numa nova atração cultural.

*"Pretendemos ainda valorizar os territórios do ponto de vista do desenvolvimento local muito ancorado no **turismo**, na **cultura**, no **património**, na **gastronomia**, no artesanato, nas tradições, de forma a que a identidade de um povo perdure para as gerações vindouras", adiantou o coordenador."*³⁸

36 Lusa, 2013 - "Projecto português cria roteiro turístico europeu em torno das minas de volfrâmio", *Jornal O PÚBLICO*. 22 de Novembro de 2013. (<https://www.publico.pt/2013/11/22/local/noticia/projecto-portugues-cria-roteiro-turistico-europeu-em-torno-das-minas-de-volframio-1613604#gs.0qfbnKwz> – consultado a 20 de Março de 2019)

37 Idem

38 Idem

[Esta rota é] *"extremamente importante, na medida em que o volfrâmio esteve associado a um grande conflito bélico e importa numa Europa de paz fazer lembrar às gerações vindouras a importância da preservação desta mesma paz. "O projecto conta já com a parceria das minas de Rio de Frades, Regoufe, Chãs, Moimenta, Vale das Gatas, Borralha, Carris, Ribeira, Argozelo e **Panasqueira**. A intenção é alargar a rota de Portugal para várias outras regiões europeias, nomeadamente da Galiza (Espanha), França, Inglaterra, Alemanha, Áustria, Suécia e República Checa. Os promotores estão ainda a elaborar o dossier da candidatura (...) que perspectivam que esteja pronto até Setembro de 2014. O projecto não tem um orçamento nem um prazo de execução, com o coordenador a explicar que os investimentos ficarão a cargo dos parceiros locais e a sua execução "para várias gerações."*³⁹

Verifica-se que, quer a Covilhã, quer o Fundão já mostraram estarem interessados em investir num projeto comum, para promover aldeias mineiras. Desde 2005, ainda não verificamos qualquer tipo de intervenção, no entanto, tudo indica que teve de ser apresentada uma candidatura, até Setembro de 2018, ao Programa Valorizar, que se enquadra *"numa estratégia de promoção, diversificação cultural e requalificação patrimonial e ambiental destes territórios."*⁴⁰ *"As câmaras da Covilhã e Fundão, distrito de Castelo Branco, vão apresentar uma candidatura de cerca de um milhão de euros para desenvolverem um projecto que visa promover as freguesias mineiras dos dois concelhos (...)."*⁴¹

39 Lusa, 2013 - "Projecto português cria roteiro turístico europeu em torno das minas de volfrâmio", *Jornal O PÚBLICO*. 22 de Novembro de 2013. (<https://www.publico.pt/2013/11/22/local/noticia/projecto-portugues-cria-roiteiro-turistico-europeu-em-torno-das-minas-de-volframio-1613604#gs.0qfbnKwz> - consultado a 20 de Março de 2019)

40 Lusa, 2018 - "Covilhã e Fundão com projecto comum para promover aldeias mineiras", *Jornal O PÚBLICO*. 7 de Setembro de 2018. (<https://www.publico.pt/2018/09/07/local/noticia/covilha-e-fundao-com-projecto-comum-para-promover-aldeias-mineiras-1843365> - consultado a 18 de Março de 2019)

41 Lusa, 2018 - "Covilhã e Fundão com projecto comum para promover aldeias mineiras", *Jornal O PÚBLICO*. 7 de Setembro de 2018. (<https://www.publico.pt/2018/09/07/local/noticia/covilha-e-fundao-com-projecto-comum-para-promover-aldeias-mineiras-1843365> - consultado a 18 de Março de 2019)



José Armando Serra dos Reis, na altura, vereador da Câmara da Covilhã, afirmou que tinham *"equipas técnicas conjuntas a trabalhar para prepararem o projecto da Rota das Aldeias Mineiras, com vista ao desenvolvimento, à promoção, ao reordenamento e à requalificação das aldeias mineiras dos concelhos da Covilhã e Fundão. Queremos transformar os aspectos negativos que as explorações mineiras deixam nos territórios em aspectos positivos"*⁴², acrescentando que o projeto abrangerá as localidades dos dois concelhos que integram todo o couto mineiro das Minas da Panasqueira. Entre as ações previstas estaria a criação de rotas e roteiros, a reabilitação e criação de espaços museológicos, além da requalificação e abertura de várias galerias mineiras para visita. José Armando Serra dos Reis frisou, ainda, que este projeto "supramunicipal" também deveria contribuir para potenciar o investimento privado, nomeadamente alguns dos projetos turísticos que já estão anunciados para o território.

Assim, impõe-se a questão: porquê preservar o património da Panasqueira? Porque, embora se verifiquem muitas intenções, até à data o local não sofreu nenhuma alteração, que denote a concretização de qualquer uma destas iniciativas.

Será importante referir que a Junta de Freguesia de São Francisco de Assis assegura, na Barroca Grande, a gestão de um "Museu Mineiro". Contruído aproveitando um antigo depósito de combustível, que abastecia os motores da central de ar comprimido, imita um antigo gasómetro, que iluminava os mineiros no interior da mina. Tem 16 metros de altura, 6.5 de diâmetro e pesa cerca de vinte toneladas. No interior dos seus três pisos, estão expostos antigos equipamentos e documentação variada. Neste local podemos encontrar mais de um século de história destas Minas. Do seu miradouro (no último piso) é possível ver e fotografar toda a zona industrial e o bairro habitacional da Barroca Grande. É proporcionada, ainda, uma visita ao interior de uma antiga galeria, escavada à mais de um século. Este "Museu Mineiro" é, atualmente, gerido pela Junta de Freguesia de São Francisco de Assis e encontra-se, maioritariamente, encerrado, apenas acessível por marcação e mediante a disponibilidade da pessoa responsável.

⁴² Lusa, 2018 - "Covilhã e Fundão com projecto comum para promover aldeias mineiras", Jornal O PÚBLICO. 7 de Setembro de 2018. (<https://www.publico.pt/2018/09/07/local/noticia/covilha-e-fundao-com-projecto-comum-para-promover-aldeias-mineiras-1843365> - consultado a 18 de Março de 2019)



Após a visita a este museu, descobriu-se que a existência do mesmo se deve, exclusivamente, ao esforço e dedicação de uma pessoa que, durante mais de cinquenta anos, recolheu e guardou, sem consentimento da administração, diversos materiais e equipamentos referentes a esta realidade.

Iniciou este projeto, após se aperceber que a empresa responsável não tinha qualquer intenção em preservar o seu património, mas sim em, apenas, obter lucros com a exploração.

Tinha todas estas memórias da mina guardadas e escondidas, com receio que mais ninguém as soubesse valorizar, até que decidiu dar a conhecer este seu projeto e, a título pessoal, construiu aquilo que hoje podemos visitar.

O espanto e admiração da administração e de diversos mineiros foram evidentes. Temos acesso a todo o tipo de equipamento usado dentro e fora da Mina, como por exemplo:

- Utensílios médicos e hospitalares, da época.
- Equipamento de escritório, com mais de trinta anos.
- Cadernos salariais.
- Identificação de todos os trabalhadores da Mina, anteriores ao registo digital.
- Fotografias de todos os diretores da mina, desde a sua fundação.
- Livros, histórias, imagens e notícias de diversos acontecimentos relacionados com as minas e seus trabalhadores.
- Equipamentos/utensílios utilizados no interior da mina e na vida quotidiana, alguns deles, com mais de cinquenta anos.
- Maquete de todo o complexo mineiro, à escala 1.5000.
- Maquete de demonstração do método de exploração desta mina.

Mesmo que atualmente, se dinamizasse a criação de algo idêntico, seria impossível encontrar material para expor. Se não fosse pela vontade deste homem, as Minas da Panasqueira não tinham esta “história” visitável. Por esse motivo, por respeito e homenagem ao esforço feito, é necessário intervir, decentemente, nesta zona que merece bastante mais que isto.

*"Vamos continuar à procura de mais filões e prosseguir a nossa rotina.
Os rebentamentos, as perspectivas, o transporte nos vagões, vai tudo continuar.
O futuro é isso. Continuar."⁴³*

43 Inês Pereira da Silva, 2004 - MEMÓRIA, IDENTIDADE E DESENVOLVIMENTO. UM MUSEU PARA O JAZIGO DA PANASQUEIRA (dissertação apresentada para a obtenção do grau de Mestre em Museologia), Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, Lisboa, p. 89



FOTOGRAFIA 15
MUSEU MINEIRO NA BARROCA GRANDE

CAPÍTULO 4

Proposta de intervenção

Na Barroca Grande encontramos o referido “Museu Mineiro”, no entanto, a meu ver, parte do seu “recheio” deveria ser transferido para as Minas da Panasqueira (aldeia) incorporando, assim um projeto de maior escala, englobando também o património urbano e industrial lá existente.

Desta forma, a Barroca Grande, onde atualmente as minas laboram, apresentaria um património industrial ativo, visitável, ficando, por sua vez, a componente história e museológica entregue à aldeia das Minas da Panasqueira. Local onde estas minas iniciaram a sua atividade, facto que, aparentemente, é ignorado. Neste momento, o que existe é uma série de ruínas, esquecidas do pós-guerra...

Optou-se por intervir apenas neste local/concelho por várias razões:

- Evitar a gestão de duas câmaras distintas (Fundão e Covilhã).
- A maior parte do espólio das Minas estar na aldeia da Panasqueira.
- Ter menos evidências de interesse em classificar e preservar o património que detém.

Apesar de tudo o que foi referido, será de louvar o interesse por parte da Câmara do Fundão que, pelo menos, tentou dignificar e qualificar um pouco do património das minas que lhe pertencia. O mesmo não acontece com o restante espólio, pertencente ao concelho da Covilhã. É urgente recuperar e revelar as capacidades da Panasqueira. Afirmar a sua identidade, tomando-a condição obrigatória para uma existência digna.

A Aldeia das Minas da Panasqueira encontra-se num estado em que necessita, rapidamente, da sua preservação e do reconhecimento do seu património que, a cada dia que passa, aumenta a sua degradação.

Pelas características que o território apresenta percebemos que voltar a habitar este aglomerado rural não iria reverter o estado de degradação em que se encontra, mesmo possuindo infraestruturas de apoio que permitam uma apropriação devida do mesmo.

Muitas aldeias e povoações em áreas de montanha não são, e não serão capazes, de albergar/atrair populações devido às suas características e à distância que se encontram dos aglomerados urbanos.

Outra questão levantada ao visitar o território em estudo foi a complexidade de equipamentos industriais existentes e a falta de compreensão do visitante para com o lugar. A Panasqueira é bastante popular entre caminheiros e ciclistas pelas paisagens que oferece, mas não possui qualquer informação sobre as estruturas lá existentes.

Desta forma, propõe-se um **programa síntese**, a ser executado na Barroca Grande e nas Minas da Panasqueira (aldeia), com o intuito de unificar todo o espólio das Minas da Panasqueira, que neste momento se encontra disperso. Este programa tem como propósito unir o antigo ao atual, proporcionando um percurso por este todo.

Para além da (atual) via principal, propõe-se tirar partido de uma estrada secundária existente (a recuperar num pequeno troço), para que o percurso Barroca Grande-Panasqueira seja mais direto. Estarão identificados elementos considerados relevantes, uns existentes, outros propostos de modo a que o percurso seja dinamizado.

Projetou-se a criação de zonas de chegada, nas extremidades do percurso (Barroca Grande e Minas da Panasqueira – aldeia), utilizando pequenas áreas de paragem na estrada principal. Nestes locais, deverão existir placares informativos com indicações relativas ao percurso que o visitante pode explorar, assim como todas as zonas de interesse próximas.

Pretende-se igualmente referir pontos de interesse existentes, nomeadamente a entrada atual da mina e o monumento ao cristo operário, erguido em 1967, pelo Capelão Padre Manuel Vaz Leal, com o apoio da empresa BTW. Após a morte deste Padre o monumento foi abandonado e vandalizado. Em 1999, alguém fez deste um espaço ao ar livre, de encontro e convívio, com parque de merendas, instalações sanitárias e uma construção preparada para espetáculos/atuações ou missas campais. Um espaço que, neste momento, não é usufruído por ninguém, mas que, se estiver referenciado, poderá ser acedido através da estrada secundária e, assim, ganhará uma nova vida.

Está pensada a criação de uma estrutura destinada a servir de miradouro, num local de contemplação existente. Com vistas soberbas, as vistas que a panasqueira tem sobre a serra, a uma cota superior.

Por sua vez, nas Minas da Panasqueira (aldeia), pretende-se criar um conjunto de equipamentos turísticos e culturais.



PLANTA DE SÍNTESE | ESCALA 1:10000

LEGENDA:

- A. PANASQUEIRA (COVILHÃ)
- B. BARROCA GRANDE (COVILHÃ)

Projetou-se, ainda, a criação de uma exposição permanente (em ruínas de antigas habitações de mineiros) e a identificação de todo o património industrial das minas, atualmente em ruínas a céu aberto, à semelhança da intervenção feita nas Minas de São Domingos, em Mértola. Uma vez que os testemunhos patrimoniais se encontram em vários espaços do couto mineiro da Panasqueira e continuam a expressar vivências importantes, entende-se que musealização deverá ser feita in situ, como forma de valorização, respeitando o contexto em que se inserem. Os equipamentos turísticos foram pensados com o objetivo de dar suporte ao equipamento cultural e a quem o pretenda visitar. Ainda assim, é intenção que este possa ser mais um foco de atenção e de promoção do local, devido à sua proximidade com a Serra da Estrela.

Para os que ficaram na aldeia, o cenário é de desolação. A maioria do património urbano está em ruínas e restam muito poucos habitantes. Gente esquecida, que se limita a esperar, porque mais não pode fazer. Entendo, assim, que a intervenção nas Minas da Panasqueira, além de permitir a conservação in situ e a sua utilização pela população, permitirá, ainda, a recolha, seleção, interpretação, divulgação e preservação do património mineiro. Dinamizando este local, será uma forma de dar vida ao património, sem entrar em conflito com os seus poucos habitantes. Sentiu-se uma maior obrigação em fazer um programa, considerando a sua existência.

Isto foi conseguido, não intervindo diretamente, ou muito próximo, das poucas residências habitadas. Pretende-se, ainda, que os equipamentos de carácter público projetados apoiem a população local. Espera-se que este investimento potencie outros investimentos, que possam trazer mais valias aos residentes, como por exemplo: serviços de saúde e serviços de primeira necessidade.

Trata-se, então, de garantir, a preservação do património mineiro, assegurando uma via para o desenvolvimento (cultural, social, económico e político) da região. Integrado no contexto mineiro, como uma herança que devemos passar às gerações futuras. Os equipamentos culturais (Centro Interpretativo das Minas da Panasqueira) será um equipamento coletivo, de carácter social, educativo, pedagógico, turístico e recreativo.

Por vezes, os valores patrimoniais funcionam como símbolos de uma identidade local, contribuindo para aumentar o sentimento de pertença a um lugar. O Centro Interpretativo, enquanto instituição integrada numa sociedade, é um espaço congregador de memórias e identidades. Na sua ação, deverá participar no desenvolvimento da comunidade, uma vez que lhe cabe o conhecimento, a salvaguarda e a divulgação de uma cultura e de uma identidade.

Ao realizar estas tarefas, concretiza a sua ação interventiva, enquanto contribui para o desenvolvimento regional e local. Sobre o papel da relação dos Centros Interpretativos com o público, afirma Bourdieu que estes "(...) *são, por conseguinte, espaços de empowerment para as comunidades que nelas se encontram representadas (e que se identificam com o discurso museológico e museográfico que as representa), criando, reforçando e reproduzindo sistemas de diferenciação social.*"⁴⁴

Registe-se ainda, o importante papel que desempenham na sensibilização da população para o estudo e preservação do património com vista à compreensão do seu próprio futuro. Torna-se importante recolher, selecionar, interpretar e divulgar o património imaterial e conservar e restaurar o património material para que, a todo o tempo, a população local, os seus visitantes e as gerações futuras possam usufruir dele.

É precisamente neste sentido que se projeta o **Centro Interpretativo das Minas da Panasqueira**, um equipamento local, polinucleado, ajustado a um agregado de linhas de orientação que visem a sua organização como suporte de programas de intervenção social, promovendo o desenvolvimento local em homenagem a todos os mineiros.

Como diz José M. Brandão... *"as minas, mesmo abandonadas e sem aparente viabilidade económica (enquanto produtoras de substâncias minerais), são afinal passíveis de uma "segunda vida", decorrente das actividades ligadas à sua recuperação, valorização e fruição cultural, o que significa também, a prazo, uma nova alternativa económica especialmente nas zonas onde o encerramento da actividade deixou profundas cicatrizes económicas e sociais.*"⁴⁵

Pretende-se que este Centro se torne num parceiro da população, ajudando-a a descobrir o seu património, valorizando-o e preservando-o.

44 Inês Pereira da Silva, 2004 - MEMÓRIA, IDENTIDADE E DESENVOLVIMENTO. UM MUSEU PARA O JAZIGO DA PANASQUEIRA (dissertação apresentada para a obtenção do grau de Mestre em Museologia), Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, Lisboa, p. 34

45 Inês Pereira da Silva, 2004 - MEMÓRIA, IDENTIDADE E DESENVOLVIMENTO. UM MUSEU PARA O JAZIGO DA PANASQUEIRA (dissertação apresentada para a obtenção do grau de Mestre em Museologia), Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, Lisboa, p. 92



FOTOGRAFIA 16
LOCAL A IMPLANTAR OS EQUIPAMENTOS TURÍSTICOS

Proposta de intervenção

4.1 RECUPERAÇÃO DE UMA HERANÇA PATRIMONIAL . MÉTODO

Preservar a memória, a identidade cultural e paisagística, apelando ao desenvolvimento, é o propósito fundamental deste projeto. A proposta apresentada foi pensada como sendo de desenvolvimento integrado. Os equipamentos turísticos e culturais, em conexão com as restantes entidades, devem assegurar a viabilidade deste projeto. Por essa razão, parte do programa (relativo aos equipamentos turísticos) foi pensado de modo faseado, crescendo conforme se sinta necessidade do mesmo.

Numa intervenção inicial, deverão ser implementadas as construções que assegurem o bom funcionamento das funções que este empreendimento exige. Numa fase posterior, apenas quando a necessidade assim o obrigar, está pensada uma proposta de ampliação dos alojamentos turísticos.

Por sua vez, o **Centro Interpretativo das Minas da Panasqueira** é uma intervenção para um território com claras necessidades de afirmação do seu património cultural e histórico. Apesar de se tratar de uma ação de âmbito local, o objetivo é que o alcance que terá exceda, em muito, a região da Panasqueira, abrangendo todo o país. Este equipamento cultural seria implementado na sua totalidade.

Será importante referir que os equipamentos turísticos surgiram de modo a dar suporte aos equipamentos culturais e foram pensados como um complemento ao mesmo

BREVE NOÇÃO DO FASEAMENTO

Após a criação do programa geral, foram consideradas duas fases distintas na execução deste projeto:

1ª FASE:

- EQUIPAMENTOS TURÍSTICOS (apenas com 9 alojamentos)
- EQUIPAMENTOS CULTURAIS . CENTRO INTERPRETATIVO DAS MINAS DA PANASQUEIRA

2ª FASE:

- AMPLIAÇÃO DAS CONSTRUÇÕES QUE ASSEGURAM MAIS ALOJAMENTOS TURÍSTICOS

Proposta de intervenção

4.2 RECUPERAÇÃO DE UMA HERANÇA PATRIMONIAL . **PROGRAMA**

O território oferece-nos, com curvas de nível bastante marcadas, espaços que nos permitem usufruir de pontos de vista únicos, fazendo com que nos sintamos absorvidos com tamanha imensidão. Esta é a prova que bastam estratégias práticas, para reverter a desertificação vivida no interior do país.

PROGRAMA EQUIPAMENTOS TURÍSTICOS

DE USO PÚBLICO:

- Restaurante
- Piscina (recuperação da existente no local)
- Estacionamento
- Instalações sanitárias

DE USO PRIVADO:

- Zona de receção, conjunta com condições para a gestão do empreendimento.
- Alojamentos:

1ª FASE: nove alojamentos (apenas com condições de dormida)

2ª FASE: vinte e quatro alojamentos (completos, com cozinha)

Devido à diferença de cotas, os alojamentos implementados numa segunda fase estarão acessíveis por um funicular, igualmente projetado e desenhado.

As considerações que se apresentam de seguida ditam uma proposta para a organização do Centro Interpretativo das Minas da Panasqueira. Inserido em três construções distintas, propõe, ainda, o uso de todo de algumas ruínas do património industrial e urbano, como complemento a toda a exposição.

PROGRAMA EQUIPAMENTOS CULTURAIS

- Acolhimento geral
- Centro Interpretativo (área de exposições)
- Centro de Documentação e Investigação Geológica
- Exposição permanente (em ruínas de antigas habitações de mineiros)
- Ruínas de antigos equipamentos da Mina





FOTOGRAFIA 17
LOCAL A IMPLANTAR OS EQUIPAMENTOS TURÍSTICOS
RUÍNAS DA PISCINA À ESQUERDA



FOTOGRAFIA 18
RUÍNAS DA PANASQUEIRA

Proposta de intervenção

4.3 ORGANIZAÇÃO ESPACIAL

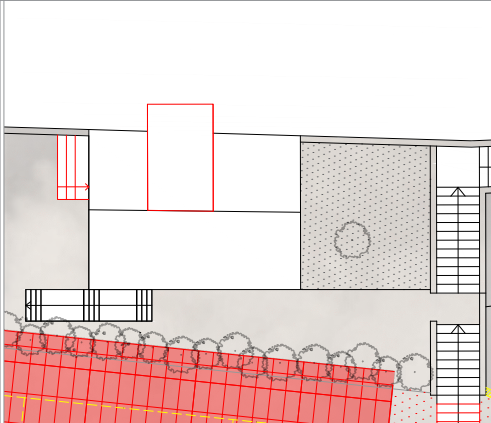
CENTRO INTERPRETATIVO DAS MINAS DA PANASQUEIRA

*"A instituição museal é um sistema que abarca funções muito diversificadas que requerem a utilização de espaços com características específicas e funcionais."*⁴⁶

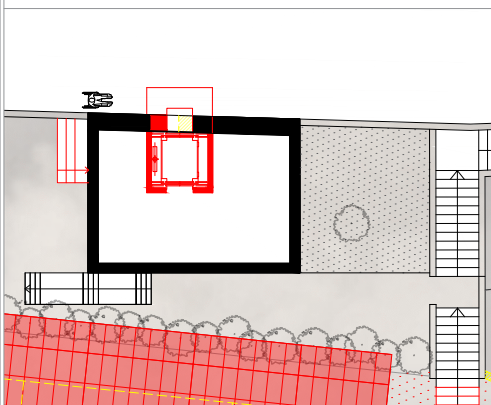
Importa, assim, diferenciar os vários níveis de ocupação. Apresentam-se, de seguida, propostas para os espaços do Centro Interpretativo das Minas da Panasqueira, sendo eles:

1. ACOLHIMENTO GERAL
2. CENTRO INTERPRETATIVO
3. CENTRO DE INVESTIGAÇÃO E DOCUMENTAÇÃO GEOLÓGICA
4. EXPOSIÇÃO PERMANENTE (EM RUÍNAS DE ANTIGAS HABITAÇÕES DE MINEIROS)
5. EQUIPAMENTOS INDUSTRIAIS E URBANOS, A CÉU ABERTO

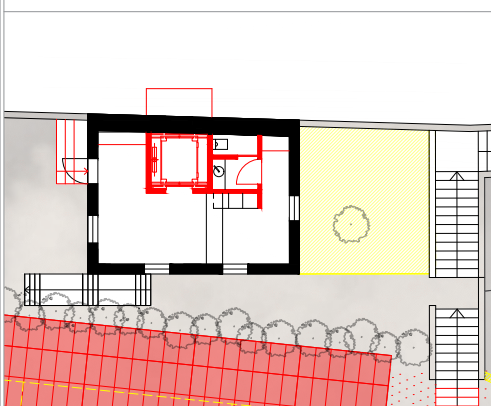
46 Inês Pereira da Silva, 2004 - MEMÓRIA, IDENTIDADE E DESENVOLVIMENTO. UM MUSEU PARA O JAZIGO DA PANASQUEIRA (dissertação apresentada para a obtenção do grau de Mestre em Museologia), Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, Lisboa, p. 109



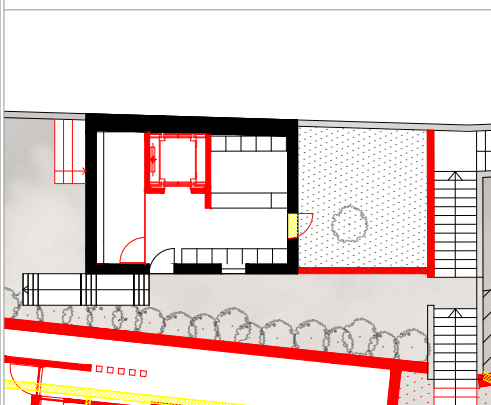
PLANTA DE COBERTURA | ESCALA 1.300



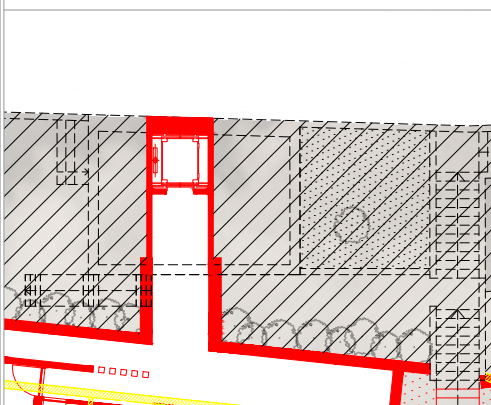
PLANTA COTA 750.80 | ESCALA 1.300



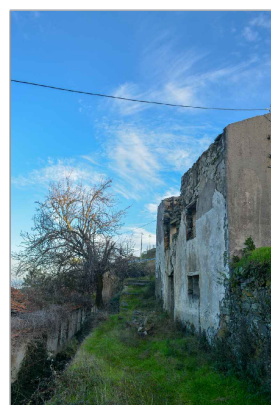
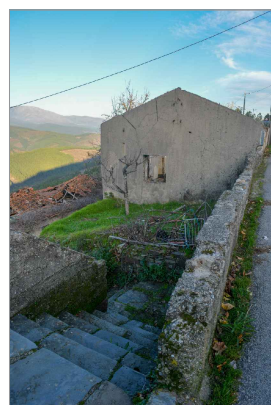
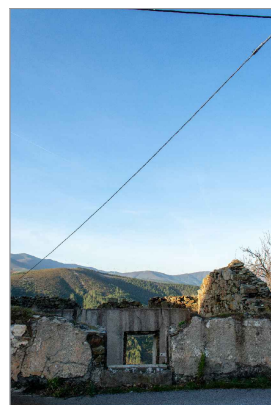
PLANTA COTA 749.70 | ESCALA 1.300



PLANTA COTA 746.95 | ESCALA 1.300



PLANTA COTA 743.92 | ESCALA 1.300



PLANTA(S) 6 | LF 8

ACOLHIMENTO GERAL

Anteriormente conhecido como um local de tratamentos médicos e, posteriormente, posto de correios, esta construção, de dois pisos, mostra ter uma composição peculiar. Com uma ligação direta à estrada e ladeada por dois acessos de escadas, tinha todas as condições para ser mantida integralmente neste projeto. Deste modo, permite um primeiro contacto entre o equipamento e o público, ou seja, entre o exterior e o interior. É através desta construção que é possível dar acesso a pessoas de mobilidade reduzida, através de um elevador projetado, que permite acesso até à cota da sala de exposições.

Foi, então, intencional, adaptar esta ruína a um novo uso/programa. Com os mesmos princípios éticos, respeitando as paredes portantes, em xisto, as únicas existentes. Por esse motivo, todos os vãos exteriores foram mantidos. As caixilharias, fixas, serão com perfil de ferro metalizado, pintado na cor RAL 7011 e com vidro duplo laminado 6|12|8, com face exterior espelhada.

Tentou-se encontrar um equilíbrio entre tradição e inovação. A tradição é um dado de recolhas de materiais disponíveis para se usar num futuro, mas, mais do que tentar manter uma tradição, acredito que o mais importante é sermos capazes de privilegiar as vantagens das propriedades dos materiais.

As paredes exteriores, por sua vez, pretende-se que sejam regularizadas, isoladas com sistema de isolamento pelo exterior (ETICS) e, posteriormente, rebocadas e pintadas. Por sua vez, as paredes interiores, serão executadas em tijolo, revestidas com gesso cartonado, ou, simplesmente, rebocadas e pintadas.

A cobertura, também inexistente, irá acolher, como referido anteriormente, um novo volume: o elevador. Com estrutura em betão, revestida com ETICS, na qual foi projetada uma estrutura com perfis de madeira modificada (42x42x28 mm – meio paralelogramo), com tratamento Thermo-D, na cor natural, da *BANEMA*. A aplicar seguindo a inclinação das duas águas. Foi intencional repetir este princípio com a madeira no alçado que se encontra em contacto com a estrada (por onde se faz o acesso de mobilidade reduzida), de modo a “absorver” o volume do elevador na construção.



FOTOGRAFIA 19
RUÍNAS DA PANASQUEIRA

É possível verificar, no terreno, que o primeiro piso possuía um pé direito “normal”, em contrapartida com o piso inferior que não teria nem dois metros de altura (espaço anteriormente usado como “armazém”). Por este motivo, dado o seu novo uso, uma vez que esta construção já não possui pavimentos, foi decidido repensar as cotas ao nível do interior.

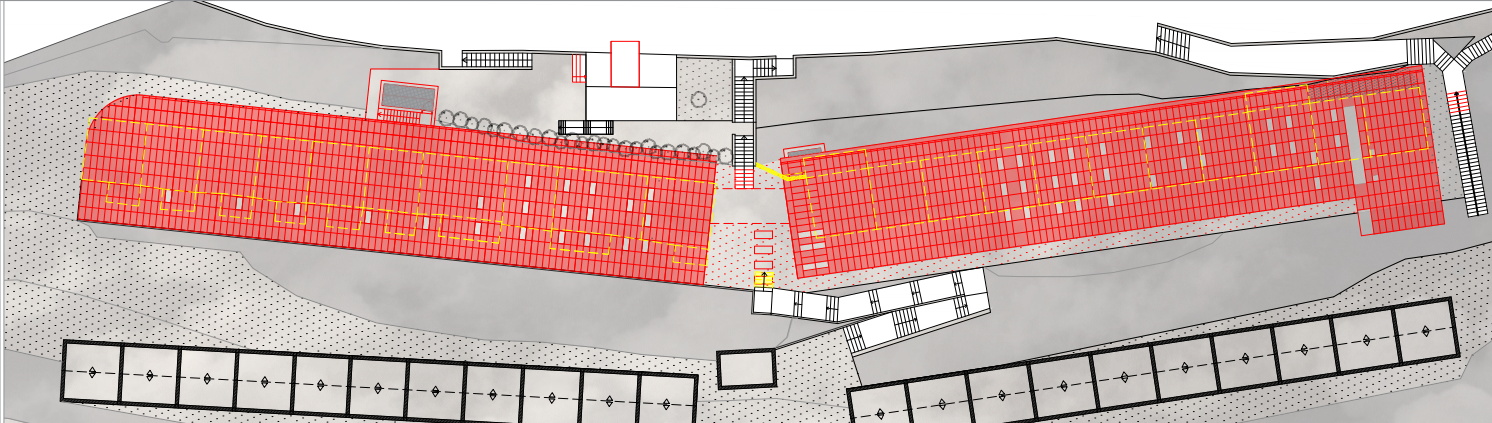
O novo pavimento, em soalho de madeira, foi projetado cerca de 45 cm acima das marcas visíveis da cota original. Para isso, foram introduzidos três degraus exteriores (em mármore), associados à porta de entrada, para permitir o acesso. Por este motivo, a porta existente manteve as dimensões de largura, no entanto, aumentou 45 cm em altura.

O piso inferior, também pensado em soalho de madeira, manteve a cota de pavimento, permitindo, assim, um acesso direto para o exterior, pela porta existente. Como se pode verificar nas planta(s) 6 | LF 8, existe um volume térreo, associado à cota de entrada, que se optou por rebaixar, até à cota do piso inferior. Deste modo, a cafeteria projetada pode tirar partido desse espaço exterior. A única alteração aos vãos existentes foi a criação de uma porta de acesso a esse espaço.

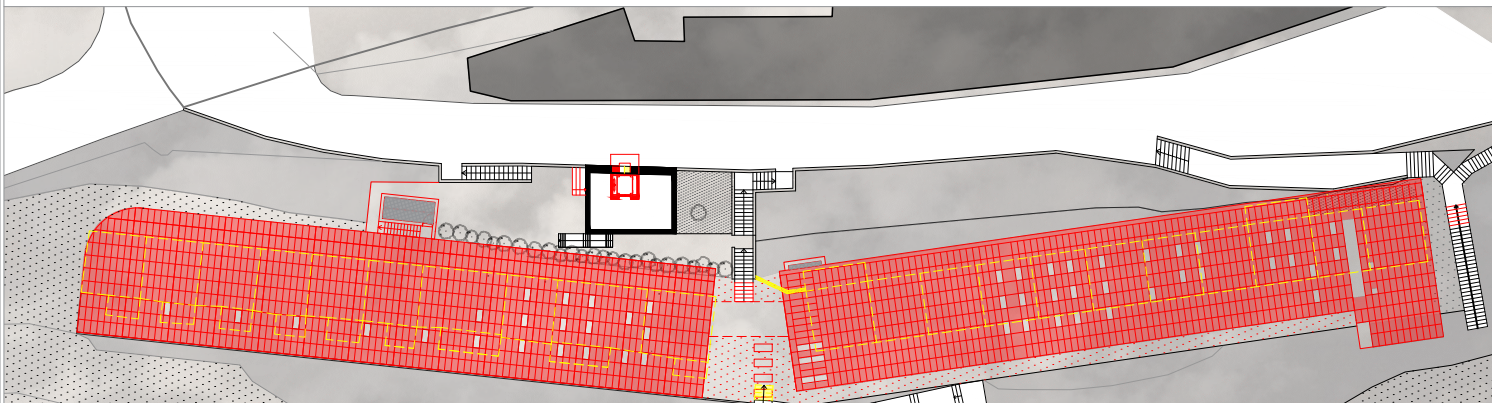
Por sua vez, o último piso, inexistente, foi projetado, exclusivamente, para permitir o acesso do elevador ao interior da zona de exposições. Apenas com a dimensão do elevador, este acesso possui o mesmo pavimento do Centro Interpretativo, um autonivelante.

Com estas alterações foi possível revolver todas as questões obrigatórias ao novo uso deste espaço, que deverá servir de controlo de acesso e albergar os seguintes serviços:

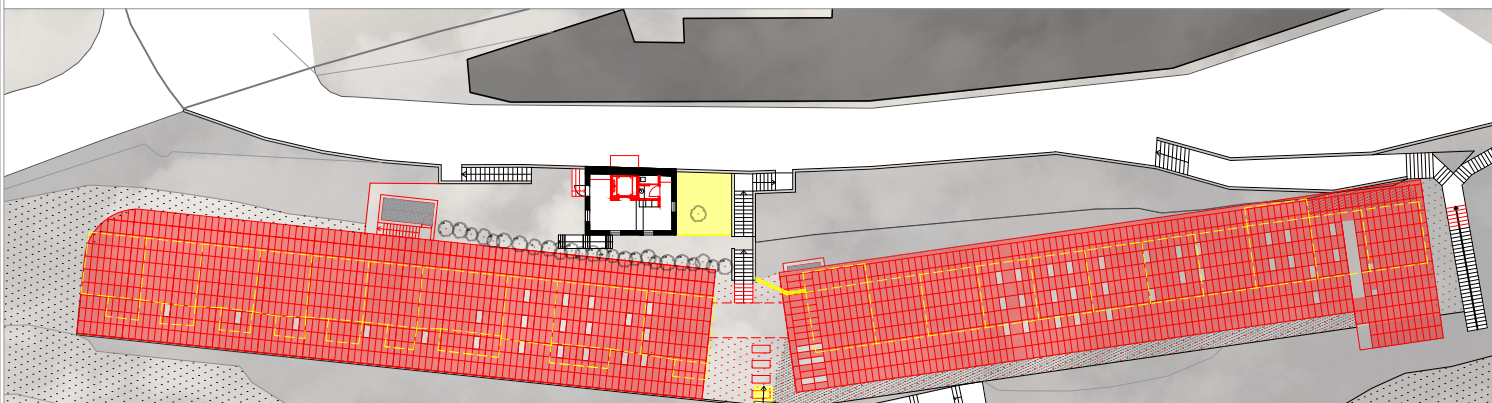
- Receção (cota 749.70)
- Informação (cota 749.70)
- Bilheteira (cota 749.70)
- Loja de cristais para venda ao público (cota 746.95)
- Pequena cafeteria (cota 746.95)
- Espaço exterior da cafeteria (cota (746.95)



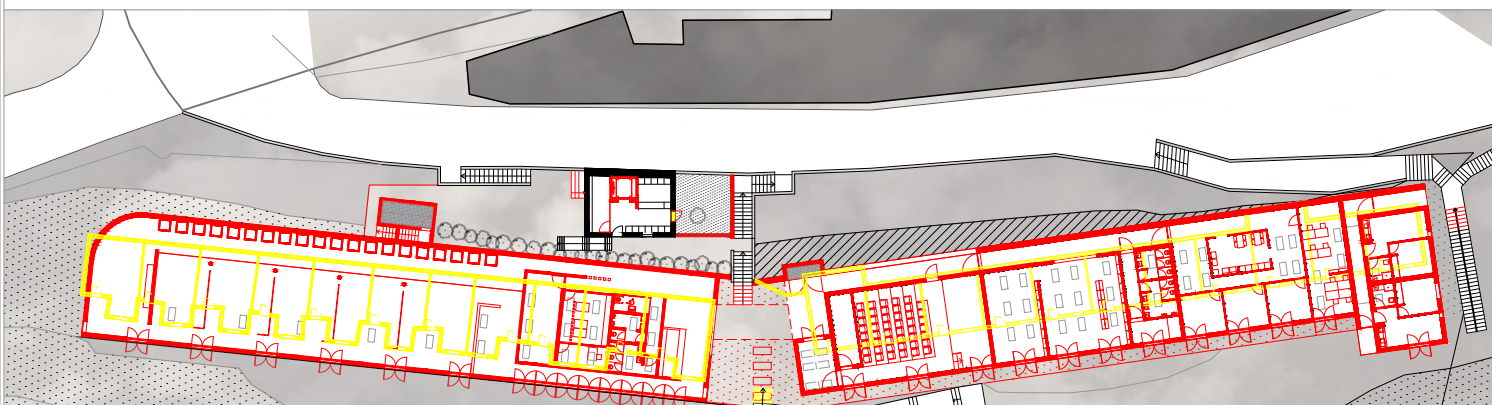
PLANTA DE COBERTURA | ESCALA 1.700



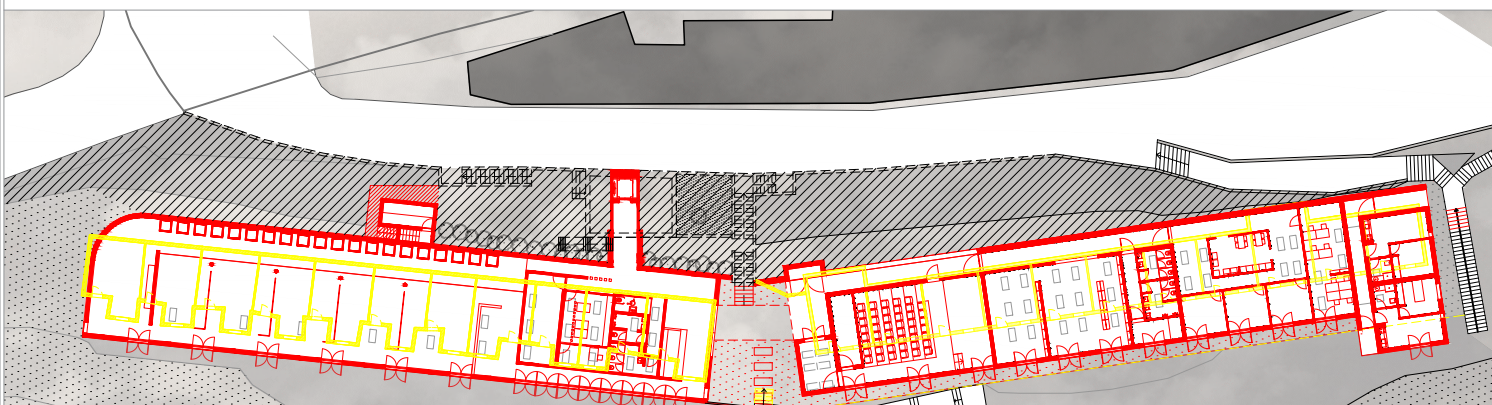
PLANTA COTA 750.80 | ESCALA 1.700



PLANTA COTA 749.70 | ESCALA 1.700



PLANTA COTA 746.95 | ESCALA 1.700



PLANTA COTA 743.92 | ESCALA 1.700

CENTRO INTERPRETATIVO

Esta área assume o compromisso de apresentar ao público a realidade histórica, antropológica, económica e social da região da Panasqueira. Deverá referenciar ao público as áreas visitáveis e outros locais de interesse.

Este espaço, deverá servir de controlo de acesso e foi projetado de modo a albergar os seguintes serviços:

- Receção.
- Administração/Secretaria.
- Instalações sanitárias (incluindo mobilidade reduzida).
- Armazém destinado a apoiar a exposição.
- Área destinada a exposições, de modo permanente e/ou temporário.

CENTRO DE INVESTIGAÇÃO E DOCUMENTAÇÃO GEOLÓGICA

Este centro não deverá fazer parte das visitas, destinando-se apenas a pessoas interessadas e investigadores. Destina-se a acolher os diferenciados públicos e possíveis eventos culturais. Segundo Alfredo Tinoco o centro de Geologia, *"a par de ser um centro de informação para o visitante, deve ser um centro de ciência viva para os estudantes (...) que aí deverão dispor de materiais capazes de completar eficazmente a sua formação e suscitar o aprofundamento da investigação em articulação com o Centro de Documentação."*⁴⁷

Este espaço albergará os seguintes serviços:

- Auditório/sala de conferências
- Instalações sanitárias
- Centro de documentação/biblioteca
- Centro de investigação e estudos geológicos: laboratórios
- Alojamento para dois investigadores/funcionários.

O Centro Interpretativo das Minas da Panasqueira resulta, então, da interligação das três construções referidas: a edificação de acolhimento geral, o Centro Interpretativo e o Centro de Investigação e Documentação Geológica.

47 Inês Pereira da Silva, 2004 - MEMÓRIA, IDENTIDADE E DESENVOLVIMENTO. UM MUSEU PARA O JAZIGO DA PANASQUEIRA (dissertação apresentada para a obtenção do grau de Mestre em Museologia), Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, Lisboa, p. 114

Ambas as edificações surgem após a demolição das duas construções existentes, de modo a permitir albergar o novo programa. Foi mantida a orientação e o comprimento, como se pode verificar nas planta(s) 7.

O Centro Interpretativo e o Centro de Investigação e Documentação Geológica inserem-se em dois volumes com cerca de quatro metros de pé direito. Interiormente, encontramos 2.40 metros livres de pé direito e uma estrutura de 50 cm de teto falso, revestido com isolamento térmico e acústico, diretamente sobre o teto falso (lã de rocha de 40 mm | AC 40/60 Kg/m³, em manta com alumínio reforçado, do tipo ROCTERM).

Será de referir que o AVAC recomendado para este projeto foi um sistema de VRV, com equipamentos exteriores e interiores. Tendo em conta as dimensões e a finalidade dos espaços, o sistema teria de ter uma capacidade aproximada a 80 kW/h. De forma a conter os equipamentos exteriores necessários, foi projetada uma área técnica para cada uma das construções (excetuando o acolhimento geral), com as dimensões recomendadas (1.80x3.00x1.00). Para este projeto, que não contempla máquinas na cobertura, será necessário colocar quatro condutas com 80 cm de diâmetro (duas de entrada e duas de saída), para permitir a transferência do fluxo de ar necessário, entre os equipamentos de exterior e os de interior. Tendo em conta as limitações da altura do teto falso, as condutas principais de distribuição de ar (para os equipamentos interiores), deverão ser divididas, por sua vez, em duas de 40 cm de diâmetro.

No edifício do Centro Interpretativo, estas condutas serão inseridas em parte das colunas interiores, projetadas na área de exposições. No Centro de investigação e Documentação Geológica, está projetada uma área técnica interior, por onde estas condutas deverão passar. Deste modo é garantido o cumprimento dos requisitos de distância máxima de 90 metros, do sistema recomendado.

Por sua vez, as paredes interiores serão executadas com uma ou duas placas de gesso cartonado WR 13 mm e, em alguns casos, revestidas com isolamento térmico e acústico (lã de rocha em painel 1350x600x60 mm | 70 Kg/m³, do tipo ROCTERM). Esta decisão resulta, uma vez que este método permite uma execução mais rápida e, sempre que necessário, uma manutenção facilitada.

Também foram idealizadas paredes de alvenaria, nas principais paredes de meação, com tijolo de 9 cm, posteriormente revestidas com isolamento e placas de gesso cartonado, idênticos aos referidos anteriormente.

As paredes exteriores, executadas em betão de 20 cm e revestidas com isolamento pelo exterior (ETICS) serão emassadas e pintadas na cor RAL 7011.

Na fachada frontal e em parte de uma fachada lateral serão aparafusados perfis de madeira modificada (42x42x28 mm – meio paralelogramo), com tratamento Thermo-D, na cor natural, da banema (ver pormenor folha 28 do dossier A2).

Os vãos exteriores foram implementados segundo um módulo sucessivo de dois metros. As caixilharias, com portas de duas folhas, serão em perfis de ferro metalizado, pintado na cor RAL 7011 e com vidro duplo laminado 6|12|8, com face exterior espelhada. Ainda associado aos vãos exteriores, foram projetadas portadas, executadas com os perfis de madeira modificada, permitindo, assim, o controlo da iluminação do local de forma mais polivalente.

Os acessos exteriores, desde o edifício de acolhimento geral, foram mantidos na íntegra. No entanto, verificou-se a necessidade de rebaixar o terreno cerca de 80 cm, de modo a reduzir o impacto desta nova construção no local. Os novos degraus de acesso, acrescentados aos existentes, foram propositadamente pensados num material diferente: mármore, remetendo às ideologias de Camillo Boito.⁴⁸ A escala do equipamento procura respeitar a escala das pré-existências, o que resulta num programa “condicionado” propositadamente, por esses motivos. A materialização dos conceitos enunciados resulta em três volumes que vão marcar a paisagem ao percebermos claramente duas épocas distintas de construção.

De forma a não ocupar as zonas habitadas, evidenciou-se a necessidade de criar duas habitações de apoio, destinadas a investigadores. Assim sendo, as habitações propostas foram pensadas com um cariz temporário e com dimensões reduzidas. O acesso às mesmas faz-se através de um acesso existente. Ainda que pertença à mesma construção do Centro de Investigação e Documentação Geológica, o facto de ter uma entrada distinta promove outra interação com a paisagem e uma maior separação com o local de trabalho.

⁴⁸ NOTA:

Camillo Boito defende uma posição muito própria relativamente ao tema do restauro moderno. Nasceu em Roma em 1836 e terá falecido em Milão em 1914. É-lhe dado um grande destaque no panorama cultural do século XIX, uma vez que teve um papel importante na formação de uma nova cultura arquitetónica, em Itália. Entrou na Academia de Belas Artes de Veneza no ano de 1849, onde iniciou a sua formação como arquiteto, num ambiente ligado ao estudo da Idade Média, por essa razão desenvolveu um grande interesse pelo tema.

Mais tarde, no III Congresso de Arquitetos e Engenheiros Civis de Roma, no ano 1883, Camillo Boito propôs 8 regras para a intervenção em monumentos históricos, sendo que estas foram, posteriormente, adotadas pelo Ministério da Educação.





FOTOGRAFIA 20

RUÍNAS DA PANASQUEIRA (HABITAÇÃO OPERÁRIA)



PLANTA DE IMPLANTAÇÃO . PANASQUEIRA (ALDEIA) | ESCALA 1.800

USO DAS RUÍNAS E DOS ACESSOS EXISTENTES | EXPOSIÇÃO PERMANENTE

1 (RELACIONADO COM)
INTERIOR DA MINA
TÉCNICAS/MÉTODO DE EXPLORAÇÃO
INSTRUMENTOS/UTENSÍLIOS UTILIZADOS

2
RECONSTRUÇÃO INTERIOR DE UMA HABITAÇÃO

3 (RELACIONADO COM)
MINERAIS EXTRAÍDOS
TRATAMENTO DA MATÉRIA PRIMA

4 (RELACIONADO COM)
PRODUÇÃO
USO FINAL

(A PROPOR)
M: MIRADOURO
I.S.: INSTALAÇÕES SANITÁRIAS

EXPOSIÇÃO PERMANENTE (EM RUÍNAS DE ANTIGAS HABITAÇÕES DE MINEIROS)

A coleção do Centro Interpretativo das Minas da Panasqueira poderá constituir-se de todos os utensílios e/ou maquinarias utilizados nas explorações, objetos doados pela população, minerais. (Alguns objetos, de grandes dimensões, encontram-se depositados na Barroca Grande; poderia ser pensada a sua transferência para este novo local). Pretende-se expor, de modo permanente, testemunhos, objetos materiais e a informação que se tem acerca destes. Fazendo referência a uma ordem de trabalhos, que ajude a interpretar o processo praticado nesta arte, como se pode verificar na planta 8. O Museu deve oferecer ao público um agregado de serviços de apoio de grande utilidade, nomeadamente um parque de estacionamento. Utilizado pelo público em geral de todo o projeto, terá espaço para carros ligeiros e autocarros de passageiros. Isto porque foi pensado a ser implementado nas ruínas das antigas instalações/paragens de autocarros, que serviam a Panasqueira (anexo 6).

EQUIPAMENTOS INDUSTRIAIS E URBANOS, A CÉU ABERTO

Estes espaços abrangem todo o património construído, ligado à exploração e ao tratamento do minério, quer na Barroca Grande, quer na Panasqueira (aldeia). Importa que o público sinta a vivência diária que caracteriza o local. Desta forma, todo o património construído no exterior da Mina constitui, também, exposição permanente, nomeadamente, todos os edifícios diretamente ou indiretamente ligados à extração, tratamento de minério, serviços de apoio, e serviços administrativo. Deverão estes espaços ser sujeitos a trabalhos de limpeza e arranjo e estarem devidamente sinalizados. Destes, fazem parte:

- | | |
|------------------------------|---------------------------------|
| a) Bairros mineiros; | j) Carpintaria; |
| b) Capelas; | k) Piscinas; |
| c) Casa do Diretor; | l) Hospital |
| d) Casas dos Engenheiros; | m) Monumentos |
| e) Edifícios ligados à Mina; | n) Lavaria da Panasqueira |
| f) Escolas primárias; | o) Lavaria Cabeço do Pião; |
| g) Campos de Jogos; | p) Oficinas da Barroca Grande; |
| h) Clubes recreativos; | q) Escombreyras; |
| i) Cantinas; | r) Várias entradas das galerias |



O Centro Interpretativo das Minas Da Panasqueira foi pensado de modo a não se limitar a ser um conjunto de salas... Através de formas dinâmicas de exposição, encaminhará o público para os lugares atrás referidos. Para tal, deverá estar programado um percurso que permita visitar esses locais de interesse, à semelhança da intervenção nas Minas de São Domingos, em Mértola.

Claramente que uma experiência de Museologia Mineira, não pode colocar de parte a possibilidade de visita às galerias subterrâneas ao seu público. A possibilidade de "descer à mina" não pode ficar esquecida. Trata-se de mostrar a realidade de um mundo "misterioso", "perigoso" e "interdito". Um espaço sem luz natural, onde trabalham centenas de pessoas o dia todo. Poderíamos chamar-lhe um "escritório", onde a esferográfica tem forma de picareta e o papel é negro. Onde a luz se resume a uma pilha na cabeça de cada um, onde se respira um ar empoeirado e onde o chão são poças enlameadas.

Isto é a Mina. A realidade que o Museu, também, deve mostrar.

Deve proceder-se à preparação de uma das galerias de forma a proporcionar ao público a visita ao interior da mina (a definir conforme o mais aconselhável por razões de segurança).

A exposição no interior da galeria deverá mostrar a variedade dos trabalhos mineiros (sondagens, perfurações, extrações, carregamentos, transporte), reconstruindo o ambiente de trabalho e a vida na mina (comunicação, refeições...) Estes ambientes poderão ser reconstruídos através de maquinaria, objetos apropriados, efeitos sonoros e luminosos. Na exposição da galeria deverão estar bem assinaladas a vertente científica e pedagógica.

Proposta de intervenção

4.4 POSTURA INTERVENCIONISTA E NÃO INTERVENCIONISTA

Ao longo deste trabalho confrontaram-se várias ideias que, por sua vez, levaram ao dilema: “Ignorar e construir de raiz ou intervir, recuperando e reabilitando o existente?”. Um dos objetivos fulcrais foi conseguir conciliar um meio termo entre estas duas “escolhas” tão divergentes.

A topografia e a envolvente ao espaço de intervenção (dos equipamentos culturais) foram tidas como premissas morfológicas. Interveio-se em parte do edificado existente: a ruína assumiu-se como ponto de partida para o projeto. No entanto, o programa do Centro Interpretativo e a sua adaptação aos espaços em causa, acabaram por ditar as soluções técnicas adotadas: construir de raiz, adotando uma **postura intervencionista**.

Foi difícil optar por alterar, ou não, algo que já teve uma função e uma identidade muito própria, que o tempo se encarregou de ir, lentamente, desvinculando e dar-lhe uma nova “vida”. As construções de raiz projetadas, não surgem motivadas pela repudia da ruína, mas sim, porque, para albergar o programa proposto e garantir todas as suas necessidades e funcionalidades, seria necessário adulterar completamente o existente. Não se iria preservar a morfologia do alçado em ruínas, nem o equipamento teria as dimensões regulamentares exigidas, como por exemplo: os acessos de mobilidade reduzida e o pé direito mínimo obrigatório.

Esta opção foi tomada com a garantia que a história não se perderá, uma vez que existem duas réplicas das ruínas “sacrificadas”, na cota inferior.

Como referido, os acessos exteriores, desde o edifício de acolhimento geral, foram mantidos na íntegra. No entanto, verificou-se a necessidade de rebaixar o terreno cerca de 80 cm, de modo a reduzir o impacto das novas construções no local.

Os novos degraus de acesso, acrescentados aos existentes, foram propositadamente pensados num material diferente: mármore, remetendo às ideologias de Camillo Boito, como atrás referido, de modo a diferenciar a intervenção, do existente. Os seus ideias foram aplicados, quando se optou por uma postura intervencionista. Uma visão de particular interesse uma vez que assume uma posição moderadora e intermediária entre os conhecidos Viollet-le-Duc e Ruskin. Deste modo, Camillo Boito foi capaz de sintetizar e elaborar os princípios que se encontram na base da teoria contemporânea do restauro.

Viollet-le-Duc pretendia atingir um estado completo do edifício, garantindo-lhe um consenso formal. Para isso não importava se tivessem de ser sacrificadas várias fases da obra no decorrer do tempo, nem se tivessem de ser feitas substituições maciças. Camillo Boito defende que um arquiteto restaurador não se deve colocar no papel do arquiteto inicial, nem pode querer atingir um estado que pode nunca ter existido e alerta para os riscos que esse tipo de restauro pode trazer, relativamente a falsificações. Quanto a Ruskin, Camillo Boito considera a sua lógica cruel, por este afirmar que um edifício deveria ser apenas construído, não necessitando de conservações frequentes. Ruskin tinha um grande respeito pela matéria original e pelas marcas da passagem do tempo na obra, aconselhando manutenções periódicas, mas admitindo, maioritariamente, a possibilidade de "morte" de uma dada edificação.

Camillo Boito não defende em primeiro lugar o restauro, porque não o considera prioritário, defende uma manutenção periódica para não deixar o edifício cair em ruínas, mostrando-se, assim, mais próximo da ideologia de Ruskin. Mas, em último caso, de forma a evitar a "morte" do edifício, defende que é preferível fazer um restauro profundo, assumindo-o. Isto porque, para evitar demasiadas renovações e acrescentos, é melhor marcar bem a diferença com um restauro profundo, mostrando algo novo, evitando uma mentira disfarçada.

Entre os três, a melhor posição em relação a esta grande questão do restauro é, na minha opinião, a de Camillo Boito. Aquilo que, efetivamente, é da minha inteira convicção, é o seu método de que um edifício deve ser, em primeiro lugar, sucessivamente conservado, de maneira a que possa manter-se erguido de acordo com as premissas da sua construção, mantendo todos os seus valores, sem necessitar de intervenções. Assim, não seriam suscitadas tantas questões em redor deste tema. Assim como Camillo Boito, não defendo a destruição das construções em causa, neste projeto. Acredito que os restauros que são, propositadamente, destacados da construção inicial, acabam por valorizar toda a obra. Assim, para o utilizador, é notório tudo o que é pré-existente e tudo o que foi intervencionado. Desse modo, também é uma forma de assemelhar o restauro a um projeto mais recente, atraindo assim, todos os interessados.

Por sua vez, de modo a colmatar as várias ruínas de habitação operária, foram seguidas em parte as ideologias de Ruskin, que tinha um grande respeito pela matéria original e pelas marcas da passagem do tempo na obra.

Uma vez que não existiram manutenções periódicas, verificamos a possibilidade, cada vez mais evidente, de "morte" das edificações em causa.

Para que tal não aconteça, tirando partido da beleza das ruínas e da sua história, foram projetadas "intervensões" pontuais, em algumas destas (como se pode verificar na planta 8).

Deste modo, com a criação destes "momentos", pretende-se dinamizar uma exposição permanente, precisamente, nas ruínas destas antigas habitações. Assim, despertando a curiosidade dos visitantes, é possibilitado um novo uso às mesmas, permitindo-lhes conhecer um pouco mais da história desta mina, destas ruínas e das suas gentes. Desta forma, pretende-se colmatar o esquecimento deste património.

Ao intervir num território onde as pré-existências atuam fortemente na paisagem devemos ter em grande consideração a forma como a nossa intervenção vai marcá-lo e como devemos atuar perante as mesmas. O posicionamento escolhido adota uma **postura não-intervencionista** em relação às ruínas existentes.

Por fim, defendo que um arquiteto deve projetar com a consciência que a sua intervenção irá interagir com todas as pessoas, isto porque todas elas irão confrontar-se com o construído. Deve haver uma grande preocupação ao intervir num território e deve estar presente a noção que o arquiteto é um pressuposto para fazer um projeto que pertença a todos, através da procura de meios para que o mesmo deixe de ser arbitrário e tenha uma razão de ser.

Se a perceção de um espaço for, de certo modo, subjetiva, logicamente, a capacidade de o entender também o será. Assim sendo, pretendeu-se não só tirar partido do simples, como também, inovar com o contemporâneo. Sabendo que a "genialidade" está na forma de pensar e não na grandiosidade de uma obra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando a arquitetura necessita de interagir com alguma preexistência é inevitável o confronto entre as funções anteriores e a nova vida que se projeta. O objetivo primordial será sempre o de construir, pensando no futuro, seja com uma postura intervencionista ou não-intervencionista, projetando sobre as características do lugar que deve ser, mais que tudo, respeitado e preservado.

Respeitar e preservar nem sempre pode significar o mesmo, uma vez que cada território é único. Por esse motivo, cada proposta acaba por possuir características muito específicas, mas, mais importante que seguir teorias exatas, devemos deixar-nos levar pelo bom senso.

No caso das Minas da Panasqueira podemos concluir que a sua degradação representa um dano ao património da humanidade. O volfrâmio e a força daqueles que o arrancaram às entranhas da terra caminham a passos largos para o esquecimento. Corre-se o risco de perder o património da maior mina da Europa, o que significaria apagar da história a identidade e a memória dos que a fizeram. Contudo, como já referido, acredito que ainda é possível encontrar um ponto de equilíbrio. O trabalho na área patrimonial enquadra, para mim, três parâmetros essenciais: Memória, Identidade e Desenvolvimento. Estes três conceitos, inevitavelmente associados, implicam a tomada de decisões nem sempre fáceis, nomeadamente: porquê investir neste projeto e não noutro? Que contributo poderá um Centro Interpretativo na Panasqueira trazer, ao desenvolvimento da região?

Esta região, face ao seu posicionamento geográfico e ao árduo trabalho das minas criou, nos seus habitantes, um sentimento de frustração, acrescido pela inexistência dos serviços de saúde e acessibilidades difíceis. Através da criação do Centro Interpretativo das Minas da Panasqueira, poder-se-iam potenciar várias possibilidades turístico-culturais da região, reforçando a identidade local. Deverá, este, ser entendido numa política integrada de desenvolvimento cultural, que afirme o passado como herança desejável e não como um problema por resolver, estabelecendo as bases necessárias à preservação e conservação deste importante património.

Reafirmando tudo o que já foi referido, com este trabalho, acredito que foram criadas condições para incentivar, não só o turismo e a cultura da região, através do aproveitamento dos recursos apresentados, mas também, potenciar outros investimentos, que possam trazer mais valias aos residentes.

Foi difícil encontrar uma forma de pensar e agir perante “um início”, ou seja, perante o começar de um projeto e a partida de um, suposto, “nada”.

A capacidade de “aproveitar” o que existe no terreno e o facto de não perder a essência do lugar foram as premissas a seguir.

O primeiro contacto com as ruínas das habitações operárias, meses antes de imaginar escolher este local para intervir, despoletou uma sensação de dever, para com aquele lugar. Apesar de serem ruínas esquecidas do pós-guerra, algo que está deixado ao abandono e que, por isso, não atrai ninguém, senti um imenso potencial e fiquei incrédula como é que ainda não se desenvolveu nada.

Por sua vez, ao procurar, no terreno, algumas preexistências identificadas nas plantas de implantação da empresa responsável das minas, descobriu-se o local onde se implantaram os equipamentos turísticos. Encontrou-se, num terreno montanhoso, uma grande superfície plana, vários metros acima da zona habitacional, junto a uma antiga piscina comunitária. Foi, precisamente, este o ponto de partida para projetar estes equipamentos.

A certeza de escolher este local (a Panasqueira) surgiu quando em contacto com as várias entidades e com as pessoas locais, percebi que, efetivamente, havia muito mais história escondida, por detrás das várias ruínas: industriais e urbanas.

Todos os envolvidos, direta ou indiretamente: a camara municipal da Covilhã, a empresa detentora das Minas (BTW) e seus trabalhadores, a Junta de Freguesia de São Francisco de Assis e a população local demonstraram sempre grande disponibilidade e interesse, imediato, em colaborar. Isto fez com que esta intervenção fizesse ainda mais sentido.

Decidiu-se, então, projetar, neste património, de forma consciente, duas propostas distintas. Projetar apenas uma delas era uma solução escassa para as potencialidades do local. Optou-se, efetivamente, por avançar com as duas propostas, definindo que os equipamentos turísticos seriam um complemento aos equipamentos culturais, e vice-versa. Só assim faria sentido este projeto.

Considero importante referir que um dos ensinamentos importantes, que este trabalho proporcionou, foi aprender a saber lidar com a constante necessidade de contactar com entidades publicas e os procedimentos "obrigatórios" neste tipo de projeto. Por sua vez, o contacto com os locais, também teve de ser algo muito bem mediado e cuidadoso, tentando não "invadir" o seu espaço. Acabava por não deixar de ser uma pessoa estranha num meio com características muito próprias, com uma ânsia muito grande em fazer diversas perguntas e em obter muitas respostas. No entanto, senti que, com a postura correta, foi possível ganhar a confiança destas pessoas, que demonstraram um grande carinho por este projeto e pela sua terra. Por esse motivo, muitas vezes senti vontade de me deixar levar e projetar mais do que aquilo que me propus, com o intuito de dar ainda mais àquelas pessoas. Aprender a manter o foco, definir metas e controlar as expectativas foram, sem dúvida, os maiores ensinamentos.

Por fim, acredito que esta intervenção teria as condições necessárias para ser implementada e, mais importante que isso, sinto que consegui cumprir com todos os objetivos a que me propus, quer a nível pessoal, quer a nível de projeto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LIVROS

- Aquilino Ribeiro, 1985 - Volfrâmio: Romance. Lisboa: Bertrand Editora.
- Françoise Choay, 2006 - A alegoria do património. Lisboa: Edições 70.
- Manuel Vaz Leal, 1945 - As Minas da Panasqueira. Vida e História - Ano de 1945. Lisboa: Portugália Editora.
- Álvaro Siza Vieira, 2018 - Imaginar a evidência. Lisboa: Edições 70.
- Aldo Rossi, 2019 - A Arquitetura da Cidade. Lisboa: Edições 70.
- Giorgio Grassi, 2018 - Escritos Escolhidos, 1965-2015. Porto: Edições Afrontamento.
- Juhani Pallasmaa, 2011 - Os Olhos da Pele. A arquitetura e os sentidos. Portalegre: ARTMED EDITORA S.A.
- Fernando Chueca Goitia, 2010 - Breve História do Urbanismo. Lisboa: Editorial Presença.

TESES/RELATÓRIOS

- Inês Pereira da Silva, 2004 - *MEMÓRIA, IDENTIDADE E DESENVOLVIMENTO. UM MUSEU PARA O JAZIGO DA PANASQUEIRA* (dissertação apresentada para a obtenção do grau de Mestre em Museologia), Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, Lisboa.
- Ana Isabel Mota, 2018 - *A ROTA DO OURO NEGRO. CONSTRUINDO TAMBÉM UM FUTURO RURAL* (trabalho de projeto submetido para satisfação dos requisitos do grau de Mestre em Arquitetura), Escola Superior Artística do Porto, Porto.
- Ana Rita Pinho, 2018 - *A ROTA DO OURO NEGRO. UM TROÇO DE GUERRA FRIA* (trabalho de projeto submetido para satisfação dos requisitos do grau de Mestre em Arquitetura), Escola Superior Artística do Porto, Porto.
- Manuel Sousa Pacheco, 2017 - *PANASQUEIRA. Projecto Mineiro atípico* (dissertação submetida para satisfação dos requisitos do grau de Mestre em Engenharia de Minas e Geo-Ambiente), Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, Porto.
- Carla Sofia Leal da Silveira, 2008 - *O INTERESSE DO TUNGSTÊNIO (W) E ESTANHO (Sn) DA MINA DA PANASQUEIRA. CONTRIBUTO PARA O ENSINO DAS CIÊNCIAS DA NATUREZA* (dissertação submetida para satisfação dos requisitos do grau de Mestre em Matemática e Ciências da Natureza para o Ensino), Universidade de Trás-Os-Montes e Alto Douro, Vila Real.
- Paulo Fernando Marques de Oliveira, 2010 - *INTERVIR NO EDIFICADO EXISTENTE. A RUÍNA COMO PONTO DE PARTIDA PARA UMA NOVA IDENTIDADE ARQUITETÓNICA* (dissertação submetida para satisfação dos requisitos do grau de Mestre em Arquitetura), Escola Superior Artística do Porto, Porto.

—

- Romeu Vieira, 2013 - *MINAS DA PANASQUEIRA: TERRAS DO VOLFRÂMIO*. Comemoração do Terceiro aniversário do Roteiro das Minas e Pontos de Interesse Mineiro e Geológico de Portugal.
- Plural: Planeamento Urbano, Regional E De Transportes, Unipessoal, Lda, 2012 - *RELATÓRIO ESTUDOS DE CARACTERIZAÇÃO DO CONCELHO DA COVILHÃ*. Câmara Municipal da Covilhã.
- Alexandre Lourenço, 2008 - *AS MINAS DA PANASQUEIRA* (Centro de Geologia da Universidade do Porto), Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, Porto.

PÁGINAS INTERNET

- <http://www.aniet.pt/pt/diretorio-de-empresas/beralt-tin-and-wolfram-portugal-s-a/> (consultado a 7 de Junho de 2019)
- <https://www.lousal.cienciaviva.pt/sem-terra-nao-ha-carochas/> (consultado a 11 de Junho de 2019)
- <http://www.roteirodeminas.pt/local.aspx?v=efa73e7f-4648-49a8-ba61-3ea754fd4722> / (consultado a 11 de Junho de 2019)
- <https://www.fundacaoserraomartins.pt/index.php?id=apresentacao&lang=pt> / (consultado a 11 de Junho de 2019)
- <https://www.fundacaoserraomartins.pt/index.php?id=projetos-de-salvaguarda-e-dinamizacao-do-patrimonio> / (consultado a 11 de Junho de 2019).
- <http://museumineirosaopedrodacova.blogspot.com/> / (consultado a 11 de Junho de 2019)
- <http://www.fanzeres-saopedrodacova.pt/index.php/mm/museu-mineiro>
- <http://www.almonty.com/>
- <http://home.uevora.pt/~pmn/min/PAN002.htm>
- <http://cebola.pt/v2/index.php/freguesia-mainmenu-32/panasqueira-mainmenu-127/211-minas-da-panasqueira--um-museu-natural.html>
- https://pt.wikipedia.org/wiki/Mina_da_Panasqueira#/media/File:Zonas_de_estanho_e_mistas_estanho-volfr%C3%A2mio_d%C3%A9cada_de_1940.jpg
- <https://www.dn.pt/sociedade/reportagem/interior/minas-da-panasqueira-ganham-nova-vida-5095644.html>
- <http://capeiaarraiana.pt/2014/02/03/a-setima-arte-na-panasqueira/>
- https://www.cm-fundao.pt/municipionews/pousada_casas_mina_hostel
- <http://plantasonline.cm-covilha.pt/geoportal>
- <http://cidadeinfinita.blogspot.com/2018/01/minas-da-panasqueira.html>
- <http://beira-baixa-antigas-imagens.blogspot.com/2016/07/minas-da-pansqueira-saida-da-galeria.html>
- <https://www.cmjornal.pt/cultura/detalhe/museu-nas-galerias-da-panasqueira>
- <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/minas-da-panasqueira/>
- <http://semordem.blogspot.com/2008/09/>

ARTIGOS EM JORNAIS DIGITAIS

- Lusa, 2013 - "Projecto português cria roteiro turístico europeu em torno das minas de volfrâmio", *Jornal O PÚBLICO*. 22 de Novembro de 2013. (<https://www.publico.pt/2013/11/22/local/noticia/projecto-portugues-cria-roteiro-turistico-europeu-em-torno-das-minas-de-volframio-1613604#gs.0qfbnKwz> - consultado a 20 de Março de 2019)
- Rosa Soares, 2011 - "Portugal sempre esteve na rota das grandes multinacionais mineiras", *Jornal O PÚBLICO*. 6 de Novembro de 2011. (<https://www.publico.pt/2011/11/06/jornal/portugal-sempre-esteve-na-rota-das-grandes-multinacionais-mineiras-23357320> - consultado a 18 de Março de 2019)
- Célia Domingues, 2018 - "Minas da Panasqueira ganham nova vida", *Jornal DIÁRIO DE NOTÍCIAS*. 26 de março de 2018. (<https://www.dn.pt/sociedade/reportagem/interior/minas-da-panasqueira-ganham-nova-vida-5095644.html> - consultado a 20 de março de 2019)
- Sandra Invêncio, 2005 - "Fundão pretende lançar fundação para valorizar património da Panasqueira", *Jornal O PÚBLICO*. 14 de Julho de 2005. (<https://www.publico.pt/2005/07/14/jornal/fundao-pretende-lancar-fundacao-para-valorizar-patrimonio-da-panasqueira-30157> consultado a 20 de Março de 2019)
- José António Cerejo, 2010 - "San José não parou a Panasqueira", *Jornal O PÚBLICO*. 23 de Outubro de 2010. (<https://www.publico.pt/2010/10/23/jornal/san-jose-nao-parou-a-panasqueira-20465617> - consultado a 20 de Março de 2019)
- Lusa, 2013 - "Projecto português cria roteiro turístico europeu em torno das minas de volfrâmio", *Jornal O PÚBLICO*. 22 de Novembro de 2013. (<https://www.publico.pt/2013/11/22/local/noticia/projecto-portugues-cria-roteiro-turistico-europeu-em-torno-das-minas-de-volframio-1613604#gs.0qfbnKwz> - consultado a 20 de Março de 2019)
- Lusa, 2018 - "Covilhã e Fundão com projecto comum para promover aldeias mineiras", *Jornal O PÚBLICO*. 7 de Setembro de 2018. (<https://www.publico.pt/2018/09/07/local/noticia/covilha-e-fundao-com-projecto-comum-para-promover-aldeias-mineiras-1843365> consultado a 18 de Março de 2019)
- João Paulo Nunes, 2011 - "Minas, mineiros e guerras: as "corridas ao volfrâmio", *Jornal O PÚBLICO*, 6 de Novembro de 2011. (<https://www.publico.pt/2011/11/06/jornal/minas-mineiros-e-guerras-as-corridas-ao-volframio-23357897>)

LISTA E CRÉDITOS DE FIGURAS

NOTA: TODAS AS IMAGENS SÃO DA AUTORA, EXCETUANDO O MAPA 1 E A PLANTA 2.

MAPAS

MAPA 1

MAPA DE LOCALIZAÇÃO DE POLOS MINEIROS EM PORTUGAL. AUTORIA: MINISTÉRIO DA ECONOMIA. INSTITUTO GEOLÓGICO E MINEIRO

PLANTAS

PLANTA 1: PLANTA DE IMPLANTAÇÃO

PLANTA 2: COUTO MINEIRO DA PANASQUEIRA E DO VALE DA ERMIDA (RETIRADA DE: https://pt.wikipedia.org/wiki/Mina_da_Panasqueira#/media/Ficheiro:Zonas_de_estanho_e_mistas_estanho-volfr%C3%A2mio_d%C3%A9cada_de_1940.jpg).

PLANTA 3: PLANTA DE IMPLANTAÇÃO DOS EQUIPAMENTOS DA PANASQUEIRA (ALDEIA)

PLANTA 4: PLANTA DE IMPLANTAÇÃO DOS EQUIPAMENTOS DA BARROCA GRANDE

PLANTA 5: PLANTA SÍNTESE DO PROGRAMA

PLANTA(S) 6: PLANTAS DE VERMELHOS E AMARELOS – INTERVENÇÃO

PLANTA(S) 7: PLANTAS DE VERMELHOS E AMARELOS – INTERVENÇÃO

PLANTA 8: PLANTA DE IMPLANTAÇÃO NAS RUÍNAS DAS HABITAÇÕES OPERÁRIAS DA PANASQUEIRA (ALDEIA)

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO (LF)

LF 1: CONJUNTO DE IMAGENS DOS EQUIPAMENTOS DA PANASQUEIRA (ALDEIA)

LF 2: CONJUNTO DE IMAGENS DOS EQUIPAMENTOS DA BARROCA GRANDE

LF 3: CONJUNTO DE IMAGENS DO PERCURSO EXPOSITIVO DO CENTRO DE CIÊNCIA VIVA DO LOUSAL – MINA DE CIÊNCIA (ALENTEJO)

LF 4: CONJUNTO DE IMAGENS DO PERCURSO EXPOSITIVO DO CENTRO DE CIÊNCIA VIVA DO LOUSAL – MINA DE CIÊNCIA (ALENTEJO)

LF 5: CONJUNTO DE IMAGENS DA EXPOSIÇÃO DAS MINAS DE SÃO DOMINGOS (MÉRTOLA)

LF 6: CONJUNTO DE IMAGENS DO MUSEU MINEIRO, NA BARROCA GRANDE – EXTERIOR (21/6/2019)

LF 7: CONJUNTO DE IMAGENS DO MUSEU MINEIRO, NA BARROCA GRANDE – INTERIOR (21/6/2019)

LF 8: CONJUNTO DE IMAGENS DA CONSTRUÇÃO DESTINADA A ACOLHIMENTO GERAL

LF 9: CONJUNTO DE IMAGENS DO INTERIOR DAS MINAS DA PANASQUEIRA, EM PERÍODO DE LABORAÇÃO (12/4/2019)

FOTOGRAFIAS

FOTOGRAFIA 1: INTERIOR DAS MINAS DA PANASQUEIRA, EM PERÍODO DE LABORAÇÃO (12/4/2019)

FOTOGRAFIA 2: VISTA GERAL DA PANASQUEIRA - ALDEIA (20/6/2019)

FOTOGRAFIA 3: ESCOMBREIRAS DA BARROCA GRANDE (8/12/2018)

FOTOGRAFIA 4: EQUIPAMENTO INDUSTRIAL NO "RIO", NO CABEÇO DO PIÃO

FOTOGRAFIA 5: VISTA GERAL DA BARROCA GRANDE (8/12/2019)

FOTOGRAFIA 6: ENTRADA NAS MINAS DA PANASQUEIRA

FOTOGRAFIA 7: INTERIOR DA MINA, EM PERÍODO DE LABORAÇÃO (12/4/2019)

FOTOGRAFIA 8: EXPOSIÇÃO NO CENTRO DE CIÊNCIA VIVA DO LOUSAL - MINA DE CIÊNCIA, ALENTEJO (3/3/2019)

FOTOGRAFIA 9: CENTRO DE CIÊNCIA VIVA DO LOUSAL - MINA DE CIÊNCIA, ALENTEJO (3/3/2019)

FOTOGRAFIA 10: RUÍNAS DO CENTRO DE CIÊNCIA VIVA DO LOUSAL - MINA DE CIÊNCIA, ALENTEJO (3/3/2019)

FOTOGRAFIA 11: RUÍNAS DA MINA DE SÃO DOMINGOS . MÉRTOLA, ALENTEJO (4/3/2019)

FOTOGRAFIA 12: RUÍNAS DA MINA DE SÃO DOMINGOS . MÉRTOLA, ALENTEJO (4/3/2019)

FOTOGRAFIA 13: RUÍNAS DA MINA DE SÃO DOMINGOS . MÉRTOLA, ALENTEJO (4/3/2019)

FOTOGRAFIA 14: EXPOSIÇÃO NA CASA DA MALTA, EM SÃO PEDRO DA COVA (26/2/2019)

FOTOGRAFIA 15: MUSEU MINEIRO, NA BARROCA GRANDE (21/6/2019)

FOTOGRAFIA 16: LOCAL A IMPLANTAR OS EQUIPAMENTOS TURÍSTICOS (8/12/2018)

FOTOGRAFIA 17: LOCAL A IMPLANTAR OS EQUIPAMENTOS TURÍSTICOS - RUÍNAS DA PISCINA À ESQUERDA (8/12/2018)

FOTOGRAFIA 18: RUÍNAS DA PANASQUEIRA

FOTOGRAFIA 19: RUÍNAS DA PANASQUEIRA

FOTOGRAFIA 20: RUÍNAS DA PANASQUEIRA (HABITAÇÃO OPERÁRIA)

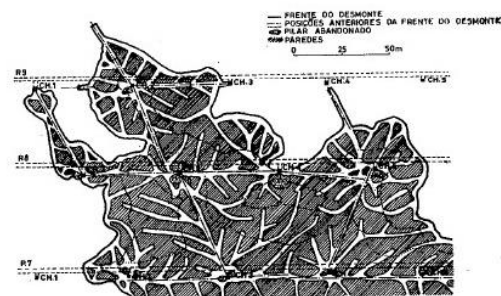
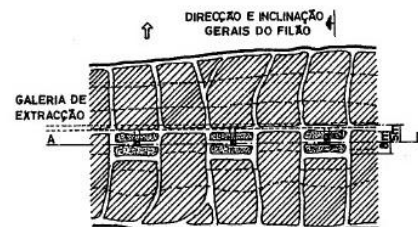


FIG. 20



PLANTA



— FILÃO
— FRENTE DO DESMONTA
--- POSICÕES ANTERIORES DA FRENTE DO DESMONTA
PAREDES
PILAR ABANDONADO
↑ SENTIDO DO AVANÇO DA FRENTE DO DESMONTA

0 25 50m

ANEXO 2

LONG WALL DA PANASQUEIRA

(https://pt.wikipedia.org/wiki/Mina_da_Panasqueira#/media/Ficheiro:Frentes_convergentes_-_Panasqueira.jpg)

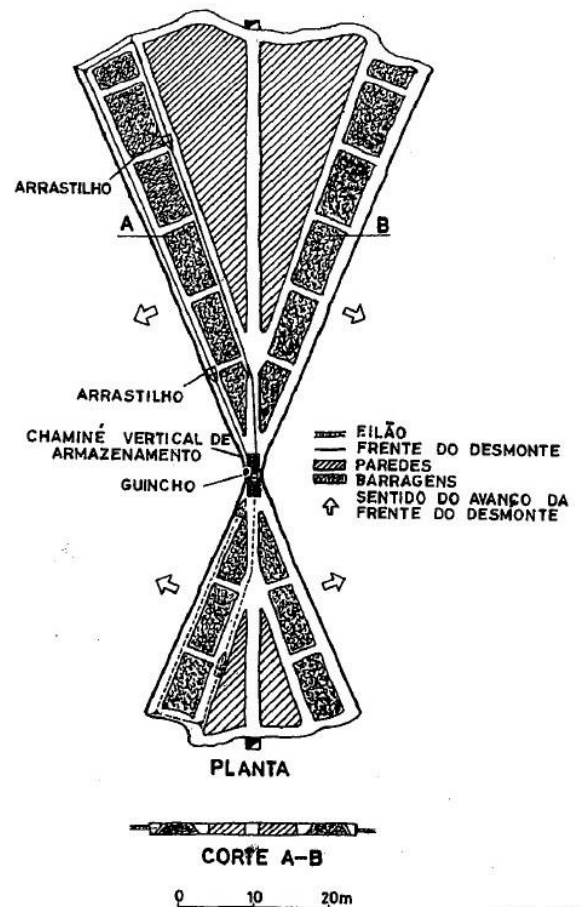
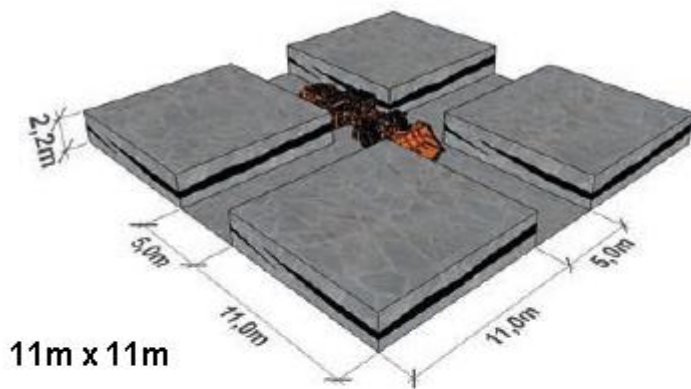


FIG. 26

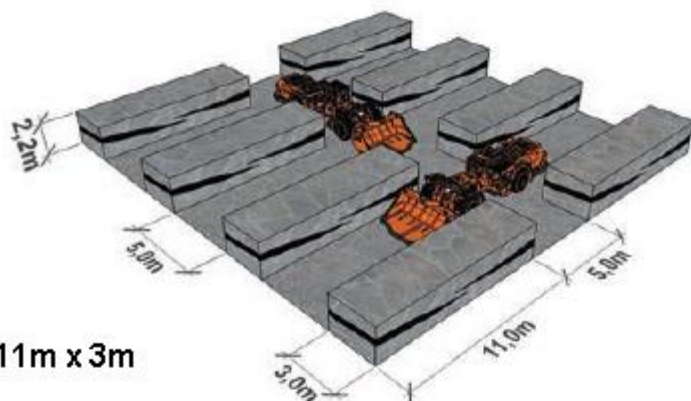
ANEXO 3

FRENTES CONVERGENTES DA PANASQUEIRA

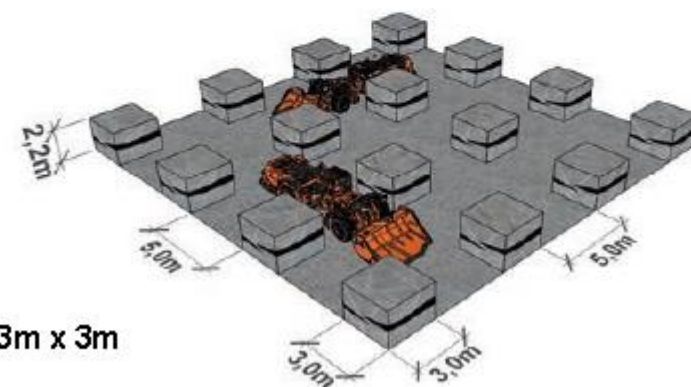
(https://pt.wikipedia.org/wiki/Mina_da_Panasqueira#/media/Ficheiro:Frentes_convergentes_-_Panasqueira.jpg)



11m x 11m



11m x 3m



3m x 3m

ANEXO 1

SEQUÊNCIA DE EXTRAÇÃO DO MINÉRIO DA PANASQUEIRA

(https://pt.wikipedia.org/wiki/Mina_da_Panasqueira#/media/Ficheiro:Sequ%C3%Aancia_de_extra%C3%A7%C3%A3o_do_min%C3%A9rio_Panasqueira.png)

ANEXOS

PEQUENA NOTA SOBRE A GEOLOGIA DO JAZIGO DA PANASQUEIRA

Enquadradas numa região dominada por formações sedimentares, as Minas da Panasqueira situam-se sobre a imensa mancha do complexo xisto-gresoso das Beiras. Estes terrenos foram cobertos por mares, que, por sedimentação, deram origem aos xistos argilosos das Beiras.

O resultado desta enorme atividade química e tectónica (em que o magma fundido violenta a crosta terrestre) é a libertação de gases e vapores que trespassam as fendas das rochas, originando os conhecidos filões. Foi neste ambiente que o jazigo da Panasqueira se desenvolveu.

Atualmente são extraídos no jazigo da Panasqueira quartzo, volframite, calcopirite (de onde provém o cobre), cassiterite (de onde provém o estanho), arsenopirite, apatite, siderite, marcassite, pirite, calcite, mica branca e galena.

USO DOS MINERAIS NO QUOTIDIANO

Nas Minas da Panasqueira são extraídos:

- cacitrite, que origina o estanho
- calcopirite, que origina o cobre
- volframite, que origina o tungsténio e que constitui o grande filão em exploração.

A utilização do tungsténio abarca inúmeras utilizações.

Em 1855 registaram-se inúmeras patentes para a aplicação do volfrâmio em ligas, como o ferro e aço. A partir daí o seu uso foi aproveitado no material bélico e em ferramentas de corte. O tungsténio metálico, após variados estudos para o tornar maleável, aplicou-se, vantajosamente, no fabrico de filamentos de lâmpadas elétricas. Hoje tem grande aplicação em vários domínios industriais, incluindo o revestimento de cápsulas espaciais, dado o seu alto ponto de fusão (superior a 3000°C). Chamam-lhe o metal do século XX porque, atualmente, é utilizado em diversos domínios, desde as esferas das canetas esferográficas, às lâminas de barbear, até às culatras dos canhões.

ANEXOS



ANEXO 4
EQUIPAMENTOS INDUSTRIAIS NO "RIO"



ANEXO 5
INTERVENÇÃO INACABADA NO "RIO"



ANEXO 6

LOCAL DESTINADO AO ESTACIONAMENTO DO CENTRO INTERPRETATIVO

ANEXOS

VISITAS DE ESTUDO REALIZADAS AO LONGO DO TRABALHO

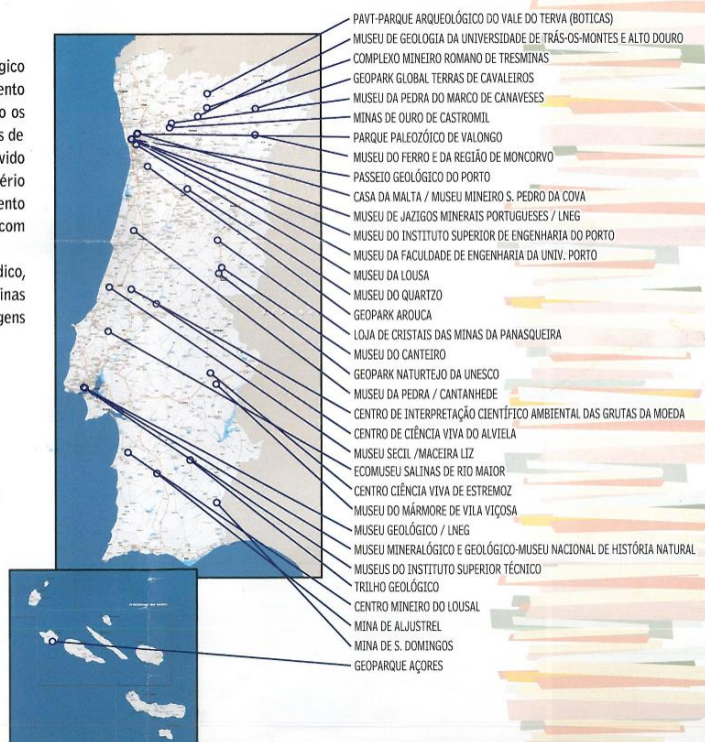


A divulgação científica do património mineiro e geológico e o aproveitamento do potencial de desenvolvimento dos territórios associados a esse rico património são os principais objectivos do "Roteiro das Minas e Pontos de Interesse Mineiro e Geológico de Portugal", promovido pela Direcção Geral de Energia e Geologia do Ministério da Economia, pela EDM - Empresa de Desenvolvimento Mineiro SA, e por um vasto conjunto de Parceiros com iniciativas nesses domínios científicos.

Os locais associados ao Roteiro são de carácter lúdico, cultural, pedagógico, científico, etc., por exemplo, minas abandonadas ou em exploração, museus, ou paisagens naturais de grande valor.

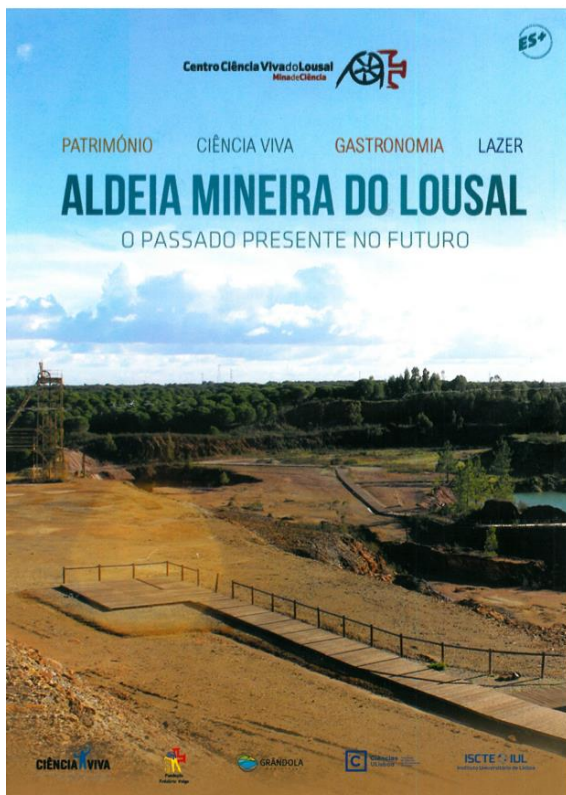


www.roteirodeminas.pt



ANEXO 7

FOLHETO ROTEIRO DAS MINAS E PONTOS DE INTERESSE MINEIRO E GEOLÓGICO DE PORTUGAL



ANEXO 8
FOLHETO CENTRO DE CIÊNCIA VIVA DO LOUSAL

Uma paisagem singular com ecossistemas próprios

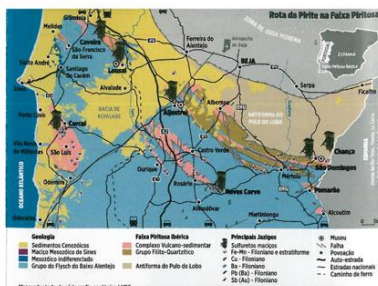
O ecossistema do vale da ribeira de São Domingos encontra-se muito afectado pela presença de efluentes ácidos mineiros, verificando-se a presença de grandes áreas não vegetadas, resultantes da deposição de escomboreiras, escavações e lixiviação do minério com águas ácidas. Este panorama traduz-se também num factor de biodiversidade, favorecendo espécies compatíveis com ambientes muito ácidos, por vezes com pH <2. São Domingos reuniu as condições para o povoamento de uma espécie, identificada pela primeira vez na região de Rio Tinto (Endevalo, Andaluzia), a urze *Erica adevalensis* que aqui se implantou junto aos planos de água. Muitos micro-vertebrados e micro-organismos conseguem sobreviver nas águas de São Domingos, adaptando-se à adversidade do meio. A mina está inserida num programa de reabilitação ambiental que diminuirá o passivo ambiental, preservando porém a paisagem mineira.



Águas ácidas na ribeira de São Domingos.

Aldeia mineira, o testemunho de um povo trabalhador

A referência mais antiga sobre o sítio de São Domingos é indicada nas Memórias Paroquiais de 1758 "Meia legoa distante desta aldeia está hum pego cujas águas curdo os enfermos da sarna. Chame-se o tal pego de São Domingos". Depois da descoberta do jazigo num lugar quase desértico, a empresa mineira construiu todo um conjunto de infra-estruturas como a aldeia de São Domingos e os lugares da Achada do Gamo, Pomarão, Telheiro e Molinha. O caminho-de-ferro ligou a mina ao porto do Pomarão em 1862. Paralelamente foram instalados equipamentos colectivos como hospital, telégrafos, escolas, igreja, mercado, sociedades recreativas, campo de futebol e jardim com coreto, tornando a mina numa das áreas mais desenvolvidas no sul de Portugal, no séc. XIX. A aldeia de São Domingos apresenta ainda a arquitectura dos lugares mineiros dessa época, testemunhada pelos bairros operários de construção em banda e pela zona nobre do palacete (Hotel São Domingos), vivendas e jardim próximo. A barragem de águas limpas da Tapada Grande, que servia de apoio à mina, possui actualmente uma praia fluvial para actividades de lazer.



FAIXA PIRITOSA IBERICA

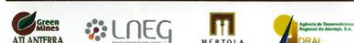
A Faixa Piritosa Iberica é uma das principais regiões mineiras da Europa, sendo caracterizada por mais de 90 depósitos de sulfuretos maciços polimetálicos a centenas de jazigos de manganês e de filões de cobre, de chumbo, de bário e antimónio. A pirite é o mineral mais comum, ocorrendo em jazigos com mais de 200 milhões de toneladas de sulfuretos, como Rio Tinto, Neves Corvo e Aljustrel. As mineralizações de sulfuretos formaram-se no Devónico superior - Carbonífero inferior (tempo geológico entre 362 e 346 milhões de anos) em ambiente vulcânico e sedimentar submarino. Inserida na Zona Sul Portuguesa a Faixa Piritosa caracteriza-se por um vasto património geológico patente nas suas minas principais (em Portugal, Neves Corvo, São Domingos, Aljustrel, Lousal e Caveria) e em estruturas geológicas como Pomarão, Ourique, Castro Verde, Geraz, Serra Branca e Alameda e nos vales dos rios Guadiana e Sado, ou das ribeiras de Barrigão, Foupansa e Odeleite. Percorra as minas da Faixa Piritosa onde poderá encontrar um património mineiro muito rico e diversificado. Aconselha-se a visita ao Museu de Aljustrel e ao Centro Ciência Viva do Lousal, bem como o percurso nas vilas e aldeias mineiras.

CONTACTOS ÚTEIS
Fundação Serralva Martins, Casa do Mineiro
Rua de Santa Isabel nº 30/31
7750-146 Corte Pinto
T 286 647 534 (fseeramartins@gmail.com)
GPS: Lat. 37.61323, Long. -7.49703

www.lneg.pt | www.adral.pt | www.cm-mertola.pt | www.roteirodeminas.pt

Textos: J. Matos, Z. Pereira, M. Batista (LNEG), J. Serrão, G. Machado, R. Guita (CM Mertola)
Fotos: J. Matos (LNEG)
Design gráfico: 3D - Filipe Barreira (LNEG)

Financiamento: Projecto Atlântico - Interreg Espaco Atlântico



SÃO DOMINGOS
FAIXA PIRITOSA IBERICA, UMA REGIÃO MINEIRA EUROPEIA

Visita à antiga mina de sulfuretos

5 locais a não perder!

- Corta da mina
- Tapada Grande/Praia Fluvial
- Oficinas ferroviárias
- Fábricas do enxofre da Achada do Gamo
- Porto mineiro do Pomarão (rio Guadiana)

No concelho de Mértola, a mina de São Domingos foi explorada entre 1854 e 1966 para produção de concentrados de cobre, pirite e enxofre. O caminho-de-ferro entre a antiga corta e o porto do Pomarão permite uma viagem por uma paisagem mineira marcada pela história industrial, por escomboreiras e águas ácidas...



LUGAR À HISTÓRIA

A área mineira de São Domingos, inserida na Faixa Píntica Ibérica, foi desde a Antiguidade um local procurado para a extração de minérios, existindo indícios de trabalhos de extração de ouro, prata e cobre no período pré-romano e romano. A sua exploração moderna iniciou-se em 1858 por iniciativa

da companhia de mineração "Mason & Barry" e manteve-se até 1966, após cerca de 108 anos de exploração regular. Ao longo desse período foram retirados do local cerca de 25 milhões de toneladas de minério, principalmente cobre, zinco, chumbo e enxofre.

SUGESTÕES PARA A VISITA

CASA DO MINEIRO

A Casa do Mineiro é um espaço de exposição permanente que ilustra a realidade física do espaço de vivência de uma família mineira. Este é o primeiro polo permanente do Museu de Mértola na Mina de São Domingos. A Casa do Mineiro é ainda a sede do Centro de Documentação da Mina de S. Domingos.

VISTAS GUARDAS

O espaço museológico Casa do Mineiro promove a realização de visitas guiadas à Mina de S. Domingos e ao antigo complexo mineiro, ao público em geral e a escolas do 1º e 2º ciclo.

ROTA DO MINERIO

Percursos entre o complexo mineiro e a Achada do Garmo.

PONTOS DE INTERESSE Ruínas do antigo complexo mineiro:
• Casa do Mineiro
• Oficinas, Malacate
• Estação da Motinha
• Achada do Garmo
• Antigo Porto Fluvial do Pomarinho

Distância: 17 Kms.

ADVERTÊNCIAS:

• Até à Achada do Garmo o percurso encontra-se sinalizado e pode ser realizado a pé, de BTT ou de automóvel.
• Após a localidade de Santana de Cambas é possível realizar o percurso a pé, de BTT ou de automóvel. A partir deste ponto, recomenda-se que para chegar ao Pomarinho o visitante siga pelo EN 514.
• O percurso decorre numa zona com vários elementos de risco pelo que se recomenda o cumprimento de todas as normas de segurança indicadas no local.
• Percursos sujeitos a elevada exposição solar. No Verão evite as horas de calor. Leve água, roupa e calçado confortável.

PRAIA FLUVIAL DA TAPADA GRANDE

A descoberta para quem vem de Mértola, na estrada N205, é surpreendente: um vasto plano de água límpida e calma circundado pela sombra das árvores e numa das margens uma praia fluvial de areias brancas. Para banhos, a época balnear começa a 15 de Junho e termina a 15 de Setembro, mas a praia é lugar para estar o ano inteiro!

CLASSIFICAÇÕES:

Praia acessível: Bandeira Azul 2012/2013. Praia com qualidade de Ouro 2012/2013.

CONDIÇÕES:

Praia vigada: parque de merendas e grelhador; estacionamento para viaturas ligeiras e autocarros; bar e instalações sanitárias; anfiteatro ao ar livre; parque infantil; caminhos pedonais; aluguer de canoas.

MINA DE SÃO DOMINGOS

PATRIMÓNIO MINEIRO

PARA INFORMAÇÕES SOBRE A OFERTA DE ANIMAÇÃO NA MINA DE S. DOMINGOS, SERVIÇOS DE GUIA, PREÇOS E CONDIÇÕES ESPECIAIS, ALUGUEMOS E OUTRA OFERTA TURÍSTICA:

Casa do Mineiro
Tf: +351 255 647 534 | E-mail: historiaviva@n3i.pt
<http://www.fundacaosao Domingos.pt/>
Ponto de Informação Turística de Mértola
Tf: +351 255 610 109 | E-mail: turismo@mertola.pt



NOITES BRANCAS DE CONTRABANDO

Toda esta zona raiana foi em tempos terra de contrabando e contrabandistas. Nas vozes da memória há ainda histórias de perigos e perseguições, daqueles que na calada da noite arriscavam a passagem à canga de tudo o que por cá fazia falta. Proporciona-lhe uma viagem a esses tempos, um caminho na noite nos antigos trilhos do contrabando com uma tenue lanterna a iluminar o caminho. Pelo caminho recomenda-se uma paragem em Santana de Cambas para visitar o Museu do Contrabando.

PERCURSO CIRCULAR SINALIZADO:

• Mina de São Domingos
• Minas Altas
• Santana de Cambas
• Mina de São Domingos
Extensão: 16 km
Duração: Aproximadamente 5 horas
Declive: Moderado, excepto nas zonas de proximidade do Centro dos Ladrões
Dificuldade: Fácil/ Moderada

ADVERTÊNCIAS:

• Recomenda-se que este passeio noturno seja feito com o acompanhamento de um guia local.

MINA DE S. DOMINGOS

Percursos urbano pelas ruas da Mina de S. Domingos

PONTOS DE INTERESSE:

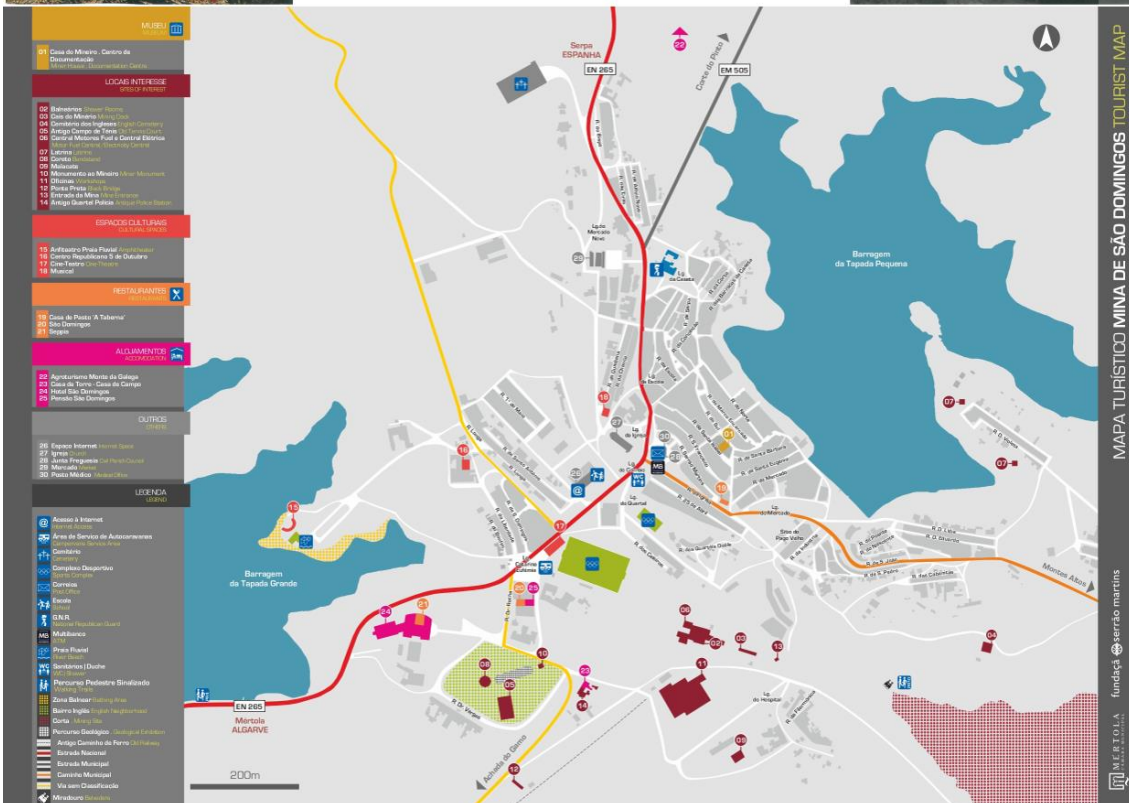
• Cine Teatro
• Musical
• Convento
• Jardim
• Campo de Ténis
• Casa do Mineiro
• Igreja Matriz
• Praia Fluvial

ADVERTÊNCIAS:

• Percursos sujeitos a elevada exposição solar. No Verão evite as horas de calor. Leve água, roupa e calçado confortável.
• Atenção ao trânsito automóvel.

PATRIMÓNIO NATURAL

Uma parte da área da Mina de S. Domingos está abrangida pelo Parque Natural Vale do Guadiana. No reverso do passivo ambiental resultante da exploração mineira há um património natural de características únicas que é importante preservar. Em destaque, a espécie *Erica andevalensis*, uma planta endémica da Faixa Píntica Ibérica que, em Portugal, apenas está identificada na área mineira de São Domingos. Na avifauna, a partir de finais de Maio, a área da Mina de S. Domingos é o melhor local do país para observar o andorinha-café (*Aegolius cafer*), uma rã-de-água em Portugal e na Europa.





CAPACETE utilizado para proteger os trabalhadores mineiros, durante a exploração subterrânea, contra a queda de rochas e outros perigos presentes neste tipo de exploração.

Acesso Livre
Horário de abertura ao público
 10:00h às 12h30 e das 14h00 às 17h30
 Encerra ao domingo, segunda-feira e feriados.
Visitas guiadas a grupos
 com marcação prévia e limitada a 30 participantes.

Museu Mineiro - Casa da Malta
 Rua de Vila Verde, 253
 4510-457 São Pedro da Cova

Telefone: 935 663 998
Email: museu.mineiro@fazendas-saopedrodacova.pt
Facebook: www.facebook.com/museumineirospc
Site: www.fazendas-saopedrodacova.pt



Museu Mineiro
Casa da Malta
 São Pedro da Cova





TRILOBITE do género *Selenopeltis* gállica do Ordovício (comprimento = 6,5cm). Beldi, São Pedro da Cova.



Museu Mineiro
 O atual Museu Mineiro, criado em 1989, numa das antigas Casas da Malta, tem como missão a valorização, divulgação e dinamização do património geológico e mineiro de São Pedro da Cova. Após o encerramento da Companhia das Minas de Carvão, a população orquestrou ações que proporcionavam a recolha de objetos e documentação industrial mineira. E com esta recolha que a Junta de Freguesia de São Pedro da Cova, depois de adquirir uma das antigas Casas da Malta, inaugurou o Museu Mineiro dedicado às questões industrial, mineira e geológica. Um dos objetivos do Museu Mineiro é continuar a aumentar qualitativamente a sua coleção, que através da aquisição, quer da cederência de objetos. Com a contribuição individual de cada um, é possível perpetuar a história junto das gerações futuras, para que conheçam melhor os seus antepassados.



Casa da Malta
 Era um edifício que servia para o alojamento dos mineiros provenientes de outras regiões e lugares distantes de S. Pedro da Cova e, das três que existiram, é a única que ainda se mantém, situada em Vila Verde, da autoria do Engenheiro Barreiros Leal, que se encontrava, na época, ao serviço da Companhia. Edificada em 1963/64, apresenta já uma construção moderna, com estrutura em betão. Com o encerramento da Companhia das Minas de Carvão em 1972, o edifício fica ao abandono até 1987, ano em que é adquirido pela Junta de Freguesia de São Pedro da Cova. De entre todas as infra-estruturas mineiras construídas na freguesia, ainda hoje, se destaca o antigo complexo mineiro, onde se centram os antigos edifícios de tratamento e expedição de carvão.



Coleção Permanente
 A Exposição Permanente do Museu Mineiro encontra-se dividida pela secção geológica, com fósseis vegetais e animais que representam o período evolutivo da Terra e amostras de carvão mineral, e a secção Industrial que reúne os artefactos utilizados no desmonte, tratamento e expedição de carvão, bem como objetos pessoais que testemunham a existência da identidade mineira. O Museu possui ainda o arquivo empresarial da Companhia das Minas de Carvão de São Pedro da Cova: mapas, plantas, livros e registos dos operadores. Nos últimos anos a coleção do Museu tem vindo a ser enriquecida através de património material com a recolha de testemunhos orais dos antigos trabalhadores mineiros.



Acesso Livre
Horário de abertura ao público
 10:00h às 12h30 e das 14h00 às 17h30
 Encerra ao domingo, segunda-feira e feriados.
Visitas guiadas a grupos
 com marcação prévia e limitada a 30 participantes.

Museu Mineiro - Casa da Malta
 Rua de Vila Verde, 253
 4510-457 São Pedro da Cova

Telefone: 935 663 998
Email: museu.mineiro@fazendas-saopedrodacova.pt
Facebook: www.facebook.com/museumineirospc
Site: www.fazendas-saopedrodacova.pt





Museu Mineiro
Casa da Malta
 São Pedro da Cova





Museu Mineiro
 O atual Museu Mineiro, criado em 1989, numa das antigas Casas da Malta, tem como missão a valorização, divulgação e dinamização do património geológico e mineiro de São Pedro da Cova. Após o encerramento da Companhia das Minas de Carvão, a população orquestrou ações que proporcionavam a recolha de objetos e documentação industrial mineira. E com esta recolha que a Junta de Freguesia de São Pedro da Cova, depois de adquirir uma das antigas Casas da Malta, inaugurou o Museu Mineiro dedicado às questões industrial, mineira e geológica. Um dos objetivos do Museu Mineiro é continuar a aumentar qualitativamente a sua coleção, que através da aquisição, quer da cederência de objetos. Com a contribuição individual de cada um, é possível perpetuar a história junto das gerações futuras, para que conheçam melhor os seus antepassados.



Casa da Malta
 Era um edifício que servia para o alojamento dos mineiros provenientes de outras regiões e lugares distantes de S. Pedro da Cova e, das três que existiram, é a única que ainda se mantém, situada em Vila Verde, da autoria do Engenheiro Barreiros Leal, que se encontrava, na época, ao serviço da Companhia. Edificada em 1963/64, apresenta já uma construção moderna, com estrutura em betão. Com o encerramento da Companhia das Minas de Carvão em 1972, o edifício fica ao abandono até 1987, ano em que é adquirido pela Junta de Freguesia de São Pedro da Cova. De entre todas as infra-estruturas mineiras construídas na freguesia, ainda hoje, se destaca o antigo complexo mineiro, onde se centram os antigos edifícios de tratamento e expedição de carvão.



Coleção Permanente
 A Exposição Permanente do Museu Mineiro encontra-se dividida pela secção geológica, com fósseis vegetais e animais que representam o período evolutivo da Terra e amostras de carvão mineral, e a secção Industrial que reúne os artefactos utilizados no desmonte, tratamento e expedição de carvão, bem como objetos pessoais que testemunham a existência da identidade mineira. O Museu possui ainda o arquivo empresarial da Companhia das Minas de Carvão de São Pedro da Cova: mapas, plantas, livros e registos dos operadores. Nos últimos anos a coleção do Museu tem vindo a ser enriquecida através de património material com a recolha de testemunhos orais dos antigos trabalhadores mineiros.



ANEXO 11 **FOLHETO MUSEU MINEIRO – CASA DA MALTA, EM SÃO PEDRO DA COVA**



7- Casa dos quadros elétricos. Capela de Santa Bárbara

O Mário Fernando da Silva Sousa nasceu a 25 de junho de 1973 na vila mineira de São Pedro da Cova, em Gondomar.

Desde muito jovem o Mário desenvolveu um interesse pelas artes, particularmente pela música e pelo desenho. As suas paixões levaram-no a prosseguir os seus estudos na Escola Artística de Soares dos Reis. Contudo, foi na Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto que viria a concretizar outro dos seus objetivos, o de ser engenheiro civil.

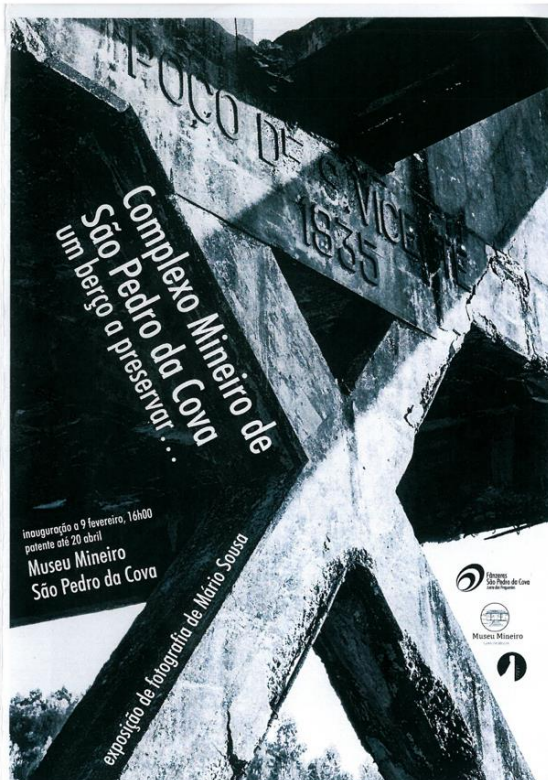
Completo os seus estudos, iniciou e desenvolveu a sua carreira, como engenheiro, em Portugal, na Roménia e na Bulgária, durante mais uma década.

Após regressar a Portugal, o Mário tomou a decisão de se dedicar, exclusivamente, ao estudo da fotografia, sendo aluno do Instituto Português de Fotografia.

Influenciado por autores como: Francesca Woodman, Sally Mann, Wynn Bullock, Ralph Gibson, Jan Saudek e Paulo Nozolino.

A sua estética assenta principalmente em imagens a preto e branco, com grande contraste e grão, fornecendo uma visão intensa e dramática do motivo fotográfico.

Mais recentemente, descobriu o mundo maravilhoso da película em médio formato.



1- Cavalete do Poço de São Vicente



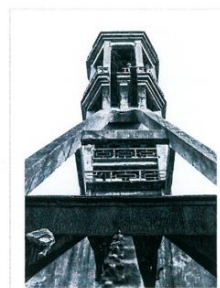
2- Receta e Lavaria



3- Portaria - Construção Posterior



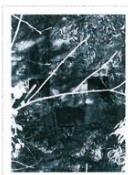
11- Casa das Máquinas



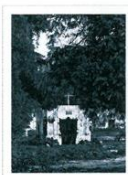
14- Cavalete do Poço de São Vicente



4- Armazém



5- Silos de Canga das Zorras



6- Casa dos Quadros elétricos, Capela Santa Bárbara



12- Casa das Máquinas



8- Capela Santa Bárbara



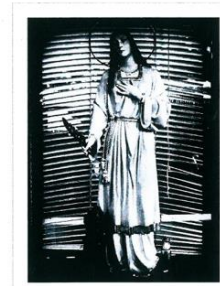
9- Silos da Receta



10- Silos da Lavaria



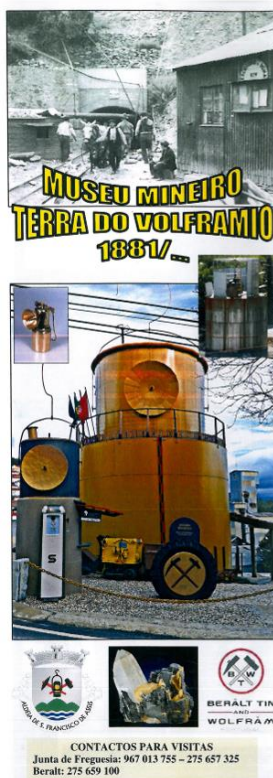
13- Cavalete do Poço de São Vicente



15- Santa Bárbara. Padroeira dos Mineiros

ANEXO 12

FOLHETO EXPOSIÇÃO TEMPORÁRIA MUSEU MINEIRO - CASA DA MATA, EM SÃO PEDRO DA COVA



MEMÓRIAS DAS MINAS DA PANASQUEIRAS EXPOSTAS NO "MAIOR GASÔMETRO DO MUNDO"

O Museu Mineiro foi construído aproveitando um antigo Depósito de Combustível, que abastecia os Motores da Central de Ar Comprimido.

Imitando o antigo Gasômetro que iluminava os Mineiros, tem 16 m de altura, 6,5 m Diâmetro e 20 Ton. No interior dos seus 3 pisos, estão Expostos Antigos Equipamentos e Documentação.

É neste Local que se encontra, mais de um Século de História destas grandiosas Minas.

Do seu Miradouro poderá ver e fotografar toda a Zona Industrial e Bairro Habitacional.

Junto ao Museu pode visitar uma antiga Galeria escavada pelos Mineiros há mais de um Século.

No Auditório Mineiro, poderá também ver um Documentário sobre a utilização do Volfrâmio.

As Minas da Panasqueira tomaram o nome do próprio Local onde se iniciou a exploração mineira.

Terreno pedregoso, sendo muito ingrato para a cultura de qualquer semente. Talvez devido à muita abundância da erva (Panasco) que desde tempos muito longínquos estas propriedades se chamam de Panasqueira.

Situadas entre as Freguesias do Bodelhão (agora Aldeia de S. Francisco de Assis) e de Cebola (agora S. Jorge da Beira), esta Serra fonte de toda a riqueza Mineral da Região, era coberta de Carqueja, Giestas e espessos Matagais sobretudo Urze Medronheiros e Pinhal. Aqui vinham por isso, grande número de Carvoeiros em busca do carvão.

Foi então que um deles (o Pescão de Casegas) ao encontrar pedras negras e luzidas que lhe despertou a curiosidade... Resolveu levá-la como lembrança ao Amigo e Conterrâneo Manuel dos Santos residente na Covilhã.

Ao vê-la, Manuel dos Santos homem de negócios e Aventureiro foi imediatamente visitar a Serra rica das pedras negras, e na expectativa de negócio rendoso foi a Lisboa falar com o seu Amigo Eng.º Silva Pinto – Professor de Mineralogia, pedindo-lhe para examinar a Pedra.

De regresso da Capital, começou por comprar grandes parcelas de Terrenos nesta Serra e começou com algumas Pessoas a quem pagava, a juntar todo o Minério possível.

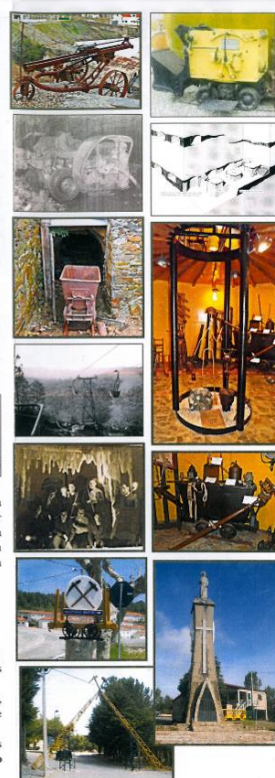
No dia 15-09-1881 registou na CMC a descoberta de diversos Minerais no Sítio do Vale da Ermida, Freguesia de Cebola. Entretanto o Eng.º Silva Pinto chegou e ao ver a grande abundância de Minério, quis ele próprio explorar a riqueza. Comprou tudo e colocou Manuel dos Santos como Capataz, construiu alguns Barracões de madeira para abrigo do Pessoal e iniciou os trabalhos. Em 29 de Dezembro de 1886 o "Diário do Governo" publicou autorização da Concessão seguinte: Sociedade de Minas de Volfram em Portugal – pela Firma Almeida, Silva Pinto & Comandita, Exploradora de Minas de Volfram existentes nos concelhos de Covilhã e Fundão.

O Minério atraiu as atenções do Banqueiro "Conde de Burnay", que comprou o registo ao Eng.º Silva Pinto pela quantia de 25.000\$000. Continuou a exploração e assim viveram as Minas até 1910, data em que foram vendidas por 40.000\$000 a uma Companhia Inglesa, com o nome de Beralit Tin and Wolfram Ltd.

Com a nova Administração iniciou-se a Mecanização dos trabalhos no interior da Mina: Martelos Perfuradores, Pás Carregadoras, Guinchos de Arrasto, Ventiladores etc. Todo o Equipamento era movido a Ar Comprimido, tendo sido construída uma Central de Ar Comprimido com 1600HP, que depois era distribuído através de vários Kms de Tubarias por toda a Mina.

Construiu-se um teleférico com quase 5Kms de extensão entre a Barroca Grande e o Rio (Cabeço do Pião), para Transporte do Minério. De 1939 a 1944 trabalhavam nesta Mina, cerca de 10.000 Pessoas, (5000 no Interior e 5000 No Exterior). As Escavações efectuadas ao longo do tempo ultrapassam os 6.000Kms.

Com mais de um Século de exploração, estas Minas continuam a ser o principal meio de subsistência para as Gentes desta Região. É aqui que ainda hoje trabalham cerca de 300 Pessoas e é extraído o que é considerado como o melhor Volfrâmio do Mundo.



BARROCA GRANDE - TERRA DO VOLFRÂMIO





ANEXO 13

FOLHETO 1 FORNECIDO PELA BTW, NAS MINAS DA PANASQUEIRA

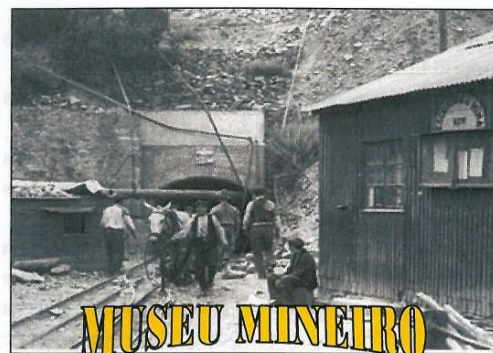
ALDEIA S. FRANCISCO DE ASSIS E A SUA COMUNIDADE MINEIRA

BERALT
TIN & WOLFRAM

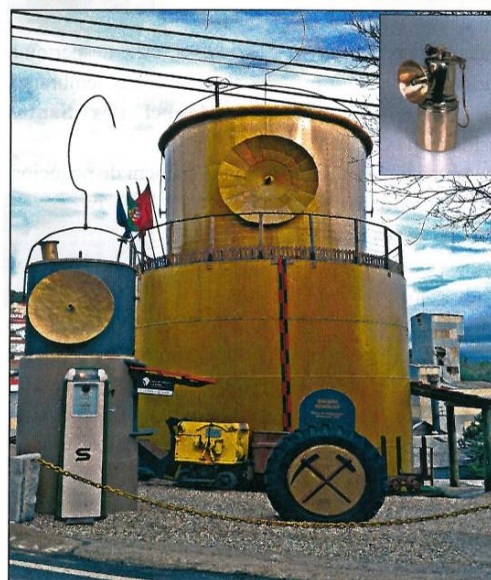
**NAO FALIAM
RAZOES PARA
NOS VISITAR**

Contactos para Visitas:
Pr. de Junta – 967 013 755
Email: jfasfassis@sapo.pt
Junta Freguesia – 275 657 325
Beralt: 275 659 100



MUSEU MINEIRO TERRA DO VOLFRAMIO



MEMÓRIAS DA MINA, EXPOSTAS NO MAIOR GASÔMETRO DO MUNDO

O Museu Mineiro foi construído aproveitando um antigo Depósito de Combustível. Imitando o antigo **Gasômetro** que Iluminava os Mineiros. Tem 16 m de altura, 6,5 m Diâmetro Pesando cerca de 20 Ton.

No interior dos seus 3 pisos, estão Expostos Antigos Equipamentos e Documentação.

É neste Local que se encontra, mais de um **Século de História** destas grandiosas Minas.

Do seu **Miradouro** poderá ver e fotografar toda A **Zona Industrial e Bairro Habitacional**.

Junto ao Museu pode visitar uma antiga **Galeria** escavada pelos Mineiros há mais de um **Século**.

No **Auditório Mineiro**, poderá também ver um Documentário sobre a utilização do **Volfrâmio**.

ANEXO 14

FOLHETO 2 FORNECIDO PELA BTW, NAS MINAS DA PANASQUEIRA

As **Minas da Panasqueira** tomaram o nome do próprio Local onde se iniciou a exploração mineira.

Terreno pedregoso, sendo muito ingrato para a cultura de qualquer semente.

Talvez devido à muita abundância da erva (**Panasco**) que desde tempos muito longínquos, estas propriedades se chamam de **Panasqueira**.

Situadas entre as **Freguesias do Bodelhão** (agora **Aldeia de S. Francisco de Assis**) e de **Cebola** (agora **S. Jorge da Beira**). Esta Serra fonte de toda a riqueza Mineral da Região, era coberta de Carqueja, Giesta e espessos Matagais sobretudo Urze, Medronheiros e Pinhal. Aqui vinham por isso grande número de **Carvoeiros** em busca do **Carvão**. Foi então que um deles - o **Pescão** de Casegas ao encontrar pedras negras e luzidas que lhe despertou a curiosidade... Resolveu levar uma como lembrança ao Amigo e Conterrâneo **Manuel dos Santos** residente na Covilhã.

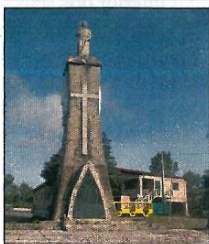


Ao vê-la, **Manuel dos Santos** homem de negócios e Aventureiro, foi imediatamente visitar a **Serra** rica das **pedras negras** e na expectativa de negócio rendoso foi a Lisboa falar com o seu Amigo **Engº Silva Pinto** – Professor de Mineralogia pedindo-lhe para examinar a Pedra. De regresso da Capital, começou por comprar grandes parcelas de Terrenos nesta Serra e começou com algumas Pessoas a quem pagava, a juntar todo o Minério possível.



No dia **15-09-1881** registou na **CMC** a descoberta de diversos Minerais no Sítio do **Vale da Ermida** Freguesia de **Cebola**.

Auditório Mineiro e Monumento a Cristo Operário



MEMORIAL Pelos Mineiros das MINAS da PANASQUEIRA

Entretanto o **Engº Silva Pinto** chegou e ao ver a grande Abundância de Minério, quis ele próprio, explorar a riqueza. Comprou tudo e colocou o **Manuel dos Santos** como **Capataz**, construiu alguns Barracões de madeira para abrigo do Pessoal e iniciou os Trabalhos.

Em **29 de Dezembro de 1886** o “Diário do Governo” Publicou autorização da Concessão seguinte: **Sociedade de Minas de Volfram em Portugal – pela firma Almeida, Silva Pinto & Comandita Exploradora de Minas de Volfram existentes nos concelhos da Covilhã e Fundão**.

O Minério atraiu as atenções do Banqueiro “**Conde de Burnay**”, que comprou o registo ao **Engº Silva Pinto** pela quantia de 25.000\$00. O **Conde Burnay** continuou a exploração e assim viveram as Minas até **1910**, até que foram vendidas por 400.000\$00 a uma **Companhia Inglesa**. As Minas continuaram a exploração com o nome de **Beralt Tin and Wolfram Lda**. Iniciou-se então a Mecanização dos Trabalhos no interior da Mina; Martelos



Perfuradores, Pás Carregadoras Guinchos de arrasto, Ventiladores etc. Todo o Equipamento era

movido a Ar Comprimido, tendo sido construída no Exterior, uma Central de Ar Comprimido com 1600 Hp, que depois era distribuído através de vários Kms de Tubarias por toda a Mina.

Construiu-se um Teleférico com quase 5 Kms de extensão entre a Barroca Grande e o Rio (C. Pião) para transporte do Minério.



De **1939 a 1944** trabalhavam nesta Minas cerca de **10.000 Pessoas**, **5000 no Interior** e **5000 no Exterior**.

As Escavações efectuadas ao longo do tempo ultrapassam os **6.000 kms**.

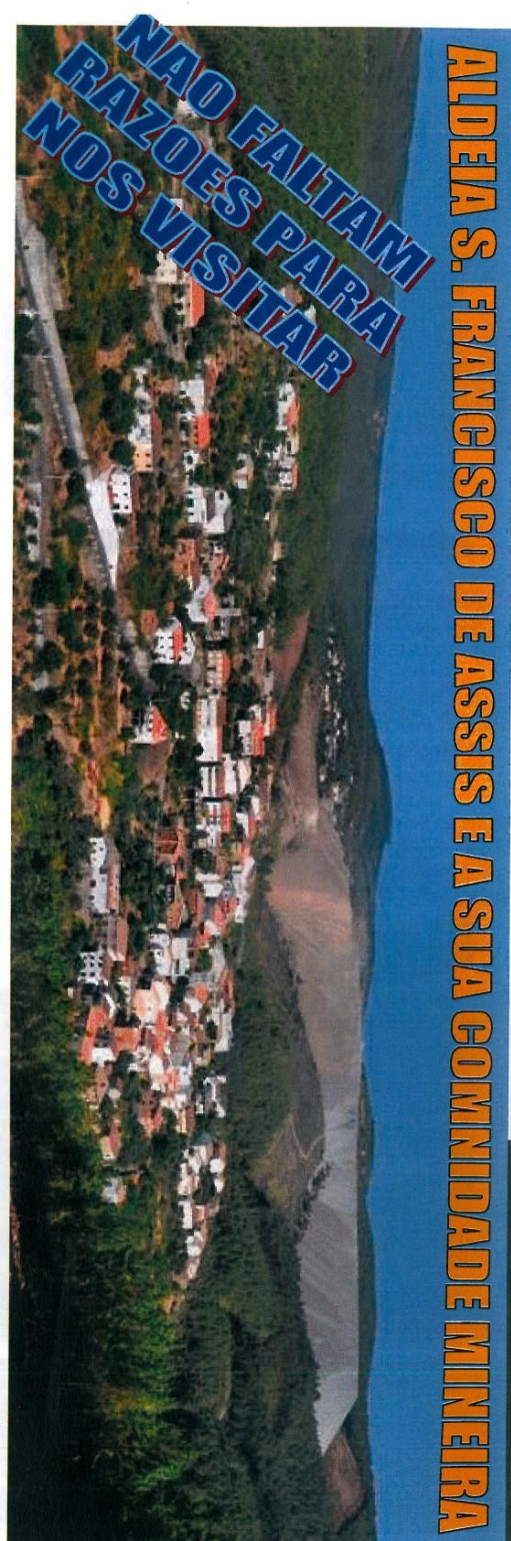


Com mais de um Século de exploração, estas Minas continuam a ser o principal meio de subsistência para as Gentes desta Região.

É aqui que ainda hoje trabalham cerca de **300 Pessoas** e é extraído o melhor Volfrâmio do Mundo.

ANEXO 15

FOLHETO 2 FORNECIDO PELA BTW, NAS MINAS DA PANASQUEIRA



PÓRTICO
(Estação de ângulo do antigo Teleférico)

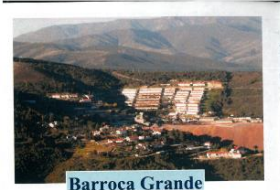
**TERRAS DO
VOLFRAMIO
1888/2011**

O ORGULHO DE SER MINEIRO



ANEXO 16

FOLHETO 3 FORNECIDO PELA BTW, NAS MINAS DA PANASQUEIRA



Barroca Grande

As Minas da Panasqueira tomaram o nome do próprio Local onde se iniciou a exploração mineira.

Terreno pedregoso, sendo muito ingrato para a cultura de qualquer semente ou cereal. No entanto o Povo destas Freguesias, vendo a pobreza dos seus Campos e a Pobreza das suas Terras, com muito trabalho e esforço aproveitavam todas as dobras das vertentes das Serras que as circundam para ali onde corresse um pouco de água, erguer um muro rasgar a rocha e fazer um pequeno chão para o cultivo de batata, milho e pasto.

Talvez devido à muita abundância da erva (Panasco) que desde tempos muito longínquos estas propriedades se chamam de Panasqueira.

Situadas entre as Freguesias de Aldeia de S. Francisco e de Cebola (agora S. Jorge da Beira), esta Serra fonte de toda a riqueza Mineral da Região agora verdadeiro labirinto de túneis, era coberta de carqueja, giesta e espessos matagais sobretudo urze, medronheiros e pinhal. Aqui vinham por isso grande número de Carvoeiros em busca do carvão para vender na Cidade.

Foi então que um deles (o Peão de Casagras) encontrou uma pedra negra e lúzia que lhe despertou a curiosidade pelo enorme peso que tinha. Resolveu levá-la como lembrança ao seu amigo Manuel dos Santos da Barroca do Zêzere.

Ao vê-la, o Manuel dos Santos, homem de negócios e aventureiro, correu imediatamente a visitar a Serra rica das pedras negras, e na expectativa de negócio rendoso foi a Lisboa falar com o Engº Silva Pinto – Professor de Mineralogia, pedindo-lhe para vir examinar estas terras.

De regresso da Capital, começou por comprar grandes porções de terreno nesta Serra e começou com algumas Pessoas a quem pagava, a juntar todo o minério possível.

Era tal a abundância, que os Pastores sabendo que o Manuel dos Santos tudo comprava, vinham diariamente trazer-lhe pedras enormes, puro minério, que encontravam no mato. É certo que antes de 1888 já houve qualquer descoberta de Filões ou pelo menos procura de minério nas Galerias antigas na zona do Vale de Ermiã. Porém, a Exploração que foi o princípio desta Grande Mina que ainda hoje existe começou oficialmente anos mais tarde.

Entretanto o Engº Silva Pinto chegou e ao ver a grande abundância de Minério existente, quis ele próprio explorar a riqueza. Comprou tudo, Terrenos e Minério, colocou o Manuel dos Santos como Capataz, construiu alguns Barracões de madeira para abrigo do Pessoal e iniciou os Trabalhos.



Antiga "ZORRA" de transporte de Madeira para ancoragem dos Tectos na Mina

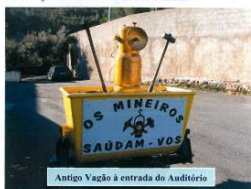
A exploração era feita em pequenos filões à superfície e empregava já em todos os trabalhos quase 100 Pessoas.

Em 25 de Novembro de 1898 o "Diário do Governo" Publicou autorização da Concessão seguinte: Sociedade de Minas de Volfram em Portugal – pela firma Almeida, Silva Pinto & Comandita Exploradora de Minas de Volfram existentes no concelho da Covilhã e Fundão, com Sede em Lisboa.

Como os Solos eram ricos, cedo atraíram as atenções do Célebre banqueiro "Conde de Burnay", que comprou o registo ao Engº Silva Pinto pela quantia de 25.000\$00. Assim os trabalhos continuaram até altura de 1901 ano em que o Conde de Burnay arrendou a concessão por um ano, a uma Companhia Inglesa por 100.000\$00. Companhia esta que não tendo tido lucros alguns, não chegou a completar um ano de trabalho.

O Conde de Burnay continuou a exploração e assim viveram as Minas até 1910, até que Burnay vendeu a concessão por 400.000\$ a uma outra Companhia Inglesa. Depois da venda, Burnay afastou-se definitivamente e as Minas continuaram a exploração com o nome de Beral Tin, Wolfram Limited.

A grandiosidade desta Mina foi tal que, na década de 1930/1940 trabalhavam aqui cerca de 10.000 Pessoas. Os Túneis escavados ao longo do tempo ultrapassam os 5.000 kms. Com pequenas interrupções em mais de um século estas Minas continuam a ser hoje o único meio de subsistência para as Gentes desta Região. É aqui que ainda hoje trabalham cerca de 350 Pessoas.



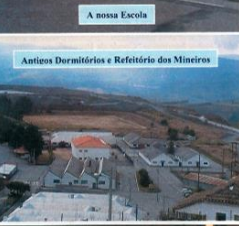
Antigo Vagão à entrada do Auditório



Sala de Reuniões da Assembleia de Freguesia



A nossa Escola



Antigos Dormitórios e Refeitório dos Mineiros



Festa de Natal no Auditório Mineiro



EXPOSIÇÃO Antigos Equipamentos em permanente exposição no Auditório Mineiro



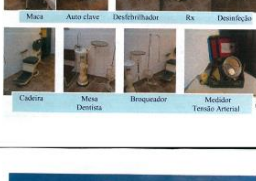
Equipamento de Escritórios e Escola



Artisanato Feito das Freguesias



Equipamento de Escritórios e Escola



Equipamento de Escritórios e Escola



1ª Corporação de Bombeiros privados - 1943

Quartzo Mica Siderite

Volfrâmio Quartzo e Siderite Filão

Quartzo Calcite Concentrados

Detonad.explosivos Bússola Teodolitos

Balança Carregadora "CAVO" Jumbo "HOLMAN"

Cinto Mineiro Maquetas Zona Industrial Desmorte "Câmaras e Pilares"

Carro Perfuração "INGERSOL RAND" Carregadora "EIMCO" Vagão Caixa fixa

Carro Manual Transporte de Materiais Balde de Poço de Extração Arrastadeira de Guincho



O Tradicional Casarão de Xisto aliado ao Artesanato



Utensílios para a fiação do Linho



O Moínho



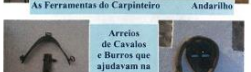
A Foice e o Malhar do Milho



O Mel e os Utensílios em Cortiça



As Ferramentas do Carpinteiro Andarilho



Arreios de Cavalos e Burros que ajeitavam na Mina e na agricultura



Utensílios para Bebidas Joieira de Cereais

MONUMENTO A CRISTO OPERÁRIO

Monumento erigido em 1967 pelo Reverendo Padre Manuel Vaz Leal - Capelão desta Minas com o apoio da Empresa BERALT, Mineiros, Amigos e Fomecedores.

Infelizmente, após a morte de Sr. Padre Leal o Monumento foi abandonado e vandalizado.

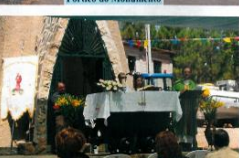
Em 1999 alguém deu-lhe mãos à obra e fez deste Local um magnífico Parque de Merendas e Lazer.

Restaurou-se o Monumento, construiu-se um Edifício para todo o tipo de Espetáculos, Sanitários Bar, Churrasqueira, Parque infantil, Mesas e instalou-se a rede de Água e Electricidade.

Com a exposição de antigos Equipamentos Mineiros tornou-se também num espaço de Arqueologia Industrial, sendo hoje um dos Cartões de visita da nossa Terra.



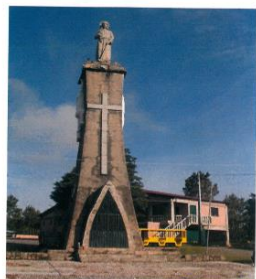
Pírcio do Monumento



Vagão transformado em Altar para a Missa Campal



Bar e Churrasqueira construídos com antigos Depósitos



Locomotiva "RUSTON"



Antiga Carrinha de Transporte de Mineiros



Locomotiva (DEMA) com Vagão imitando o enchimento na Torva



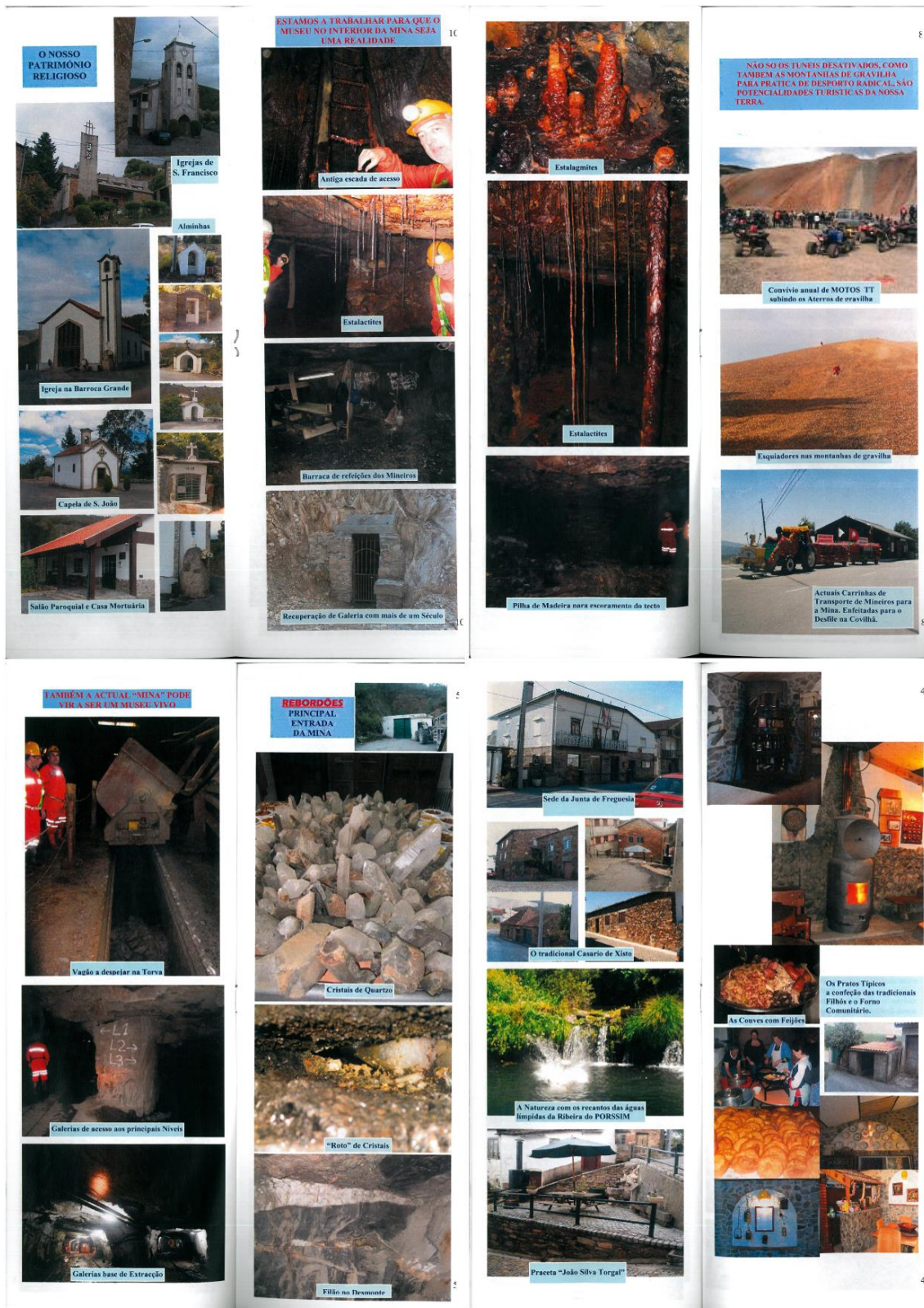
Bar e Churrasqueira construídos com antigos Depósitos



Bar e Churrasqueira construídos com antigos Depósitos



Bar e Churrasqueira construídos com antigos Depósitos



ANEXO 18
FOLHETO 3 FORNECIDO PELA BTW, NAS MINAS DA PANASQUEIRA



Memorial por Todos aqueles que fizeram parte desta Família Mineira

A RECTIFICAÇÃO DA NOSSA ESTRADA

Na presença do Sr. Vereador da CMC – Dr. Pedro Silva, do Presidente da Assembleia de Freguesia – Sr. Antonio Filipe e do Diretor Geral da Sojitz Beral – Sr. Engº João Real.

O Presidente da Junta de Freguesia – Sr. José Luís Campos, agradeceu ao Exmº Comandante do Regimento de Engenharia de Espinho – Sr. Coronel Maio o seu empenho para que esta Obra fosse possível.

Esta Comunidade Mineira jamais esquecerá o valioso Serviço Prestado pelo Exército na rectificação da nossa Estrada, bem como o imprescindível apoio do Sr. Presidente da CMC – Carlos Pinto, para que o sonho destas Gentes há muitos anos fosse uma realidade. Com a concretização desta Obra o nosso Projecto Turístico tem agora todas as condições para avançar.



A COMUNIDADE MINEIRA DE ALDEIA S. FRANCISCO DE ASSIS E BARROCA GRANDE

**AGRADECE A
VOSSA VISITA**

FREGUESIA DE ALDEIA S. F. ASSIS

SEDE: Estrada Municipal, nº 45

6225-012 Aldeia de S. Francisco de Assis

Tel.: 275 657325 - Fax: 275 657412

DELEGAÇÃO: Rua dos Capatazes - Auditório Mineiro
6225-051 Barroca Grande

Tel. e Fax: 275 657395

Mail – jfasfassis@sapo.pt Site: www.sfassis.freguesias.pt



ANEXO 19

FOLHETO 3 FORNECIDO PELA BTW, NAS MINAS DA PANASQUEIRA

ESAP . ESCOLA SUPERIOR ARTÍSTICA DO PORTO
MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITETURA 2018/2019

ALUNA: RITA CASTRO . Nº 6668

ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA: PROF. DOUTOR ARQUITETO SÉRGIO MENDES

TRABALHO DE PROJETO PARA CUMPRIMENTO DOS REQUISITOS NECESSÁRIOS À OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM ARQUITETURA